



Marcelo Vianna
Maria Augusta Martiarena de Oliveira
Luana Monique Delgado Lopes
Gabriela Silva Morél de Oliveira
Júlia Pinto Ferri
Fernanda Cristina Ferreira
Amanda Mesquita Goldani
(Orgs.)



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL e TECNOLÓGICA

Experiências e
lugares de memória





A proposta desta publicação parece modesta: apresentar experiências em lugares de memória da EPT e oportunizar análises críticas, suscitar debates sobre as contribuições aqui apresentadas. Há diferentes perspectivas, a partir dos capítulos desta obra, que podem contribuir para essa reflexão, como a constituição de ações em História Oral, sistematização de acervos documentais ou mesmo a concepção de sites e a organização de exposições virtuais dedicados à memória. Talvez um ponto de convergência dessas experiências, além de obviamente o cuidado em preservar e disseminar a história e a memória institucional, seja se constituir como um lugar de memória – e como tal, cercado de complexidades e de necessidades que façam sentido a toda sua comunidade. As experiências relatadas nesta obra, como os NuMem, são próximas daquelas compartilhadas por Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015) a respeito dos centros de memória: eles lutam para superar a acumulação sem critérios de documentos (a massa inerte conhecida como “arquivo morto”), procuram não se limitar às meras efemérides comemorativas (próprias do marketing institucional) e buscam mobilizar suas ações e seus acervos à disposição de todos pertencentes à instituição e aqueles que procuram estudá-la.



LabConeSul
História Social e Comparada



PROEX
Pró-reitoria de
Extensão



Núcleo de
MEMÓRIA
do IFRS



INSTITUTO FEDERAL | Campus
Rio Grande do Sul Osório



editora **fi.org**



EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

EXPERIÊNCIAS E LUGARES DE MEMÓRIA

Organizadores

Marcelo Vianna

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Luana Monique Delgado Lopes

Gabriela Silva Morél de Oliveira

Júlia Pinto Ferri

Fernanda Cristina Ferreira

Amanda Mesquita Goldani



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhável 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VIANNA, Marcelo et al. (Orgs.)

Educação Profissional e Tecnológica: experiências e lugares de memória [recurso eletrônico] / Marcelo Vianna et al. (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

221 p.

ISBN: 978-65-5917-605-2

DOI: 10.22350/9786559176052

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação; 2. Tecnologia; 3. Experiência; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS DA EPT <i>Marcelo Vianna</i> <i>Maria Augusta Martiarena de Oliveira</i>	
1	20
A CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO IFRS: MEMÓRIAS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES <i>Caroline Cataneo</i> <i>Silvia Schiedeck</i> <i>Marcelo Vianna</i>	
2	41
UM CAMPUS COM MUITA HISTÓRIA: OS PRIMEIROS PASSOS NA CONSTRUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO CAMPUS BENTO GONÇALVES DO IFRS <i>Caroline Poletto</i>	
3	62
MEMÓRIAS DO IFRS – CAMPUS SERTÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19 E ISOLAMENTO SOCIAL <i>Carla Diefenbach</i> <i>Elisa Iop</i> <i>Elias José Camargo</i> <i>Eloenes Silva</i> <i>Luciana de Oliveira</i> <i>Roberto Sander</i>	
4	87
A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO IFRS CAMPUS ERECHIM ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS <i>Fábio Roberto Krzysczak</i> <i>Maria Inês Varela Paim</i>	

5

112

UM CAMPUS E SUAS MEMÓRIAS – A ATUAÇÃO DO NUMEM IFRS CAMPUS OSÓRIO

Marcelo Vianna

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Julia Ferri Pinto

Fernanda Ferreira

Gabriela Silva Morél de Oliveira

Luana Monique Delgado Lopes

Amanda Silveira Rhoden

Amanda Mesquita Goldani

6

136

NARRATIVAS PEDAGÓGICAS: MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFRS CAMPUS ALVORADA

Diane Blank Bencke

Gisele Belusso

Andreia Augusta dos Santos Raupp

Bruna Betamin de Sousa

7

152

AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL: O CURSO DE IMPLANTAÇÃO DE CENTROS DE MEMÓRIA NOS CAMPUS DO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

Fernanda Ferreira Boschini

Fabia Dalla Nora

8

176

MEMÓRIAS COMPARTILHADAS: EXPERIÊNCIAS SOBRE A CRIAÇÃO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL MEMÓRIA CEFET-MG: ESPAÇOS, TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS

Denilson de Cássio Silva

Denise Maria Ribeiro Tedeschi

Leandro Braga de Andrade

Maria Eliza de Campos Souza

Raphael Freitas Santos

9

203

FRANCISCO MONTOJOS: UM INTELLECTUAL DO ENSINO INDUSTRIAL (1927 - 1959)

Marcelly Kathleen Pereira Lucas

Olivia Moraes de Medeiros Neta

APRESENTAÇÃO

AÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS MEMÓRIAS DA EPT

Marcelo Vianna

Maria Augusta Martiarena de Oliveira

Ainda que os Institutos Federais sejam instituições recentes no que se refere à história da educação, eles se inserem em um contexto de grandes transformações da sociedade brasileira e contribuíram para reestruturar a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), como uma tentativa efetiva para superar a dualidade estrutural que permeia o sistema educacional no país. Obviamente, não tem sido um processo isento de contradições e dificuldades em prol de uma educação omnilateral, sobretudo agravado por cortes orçamentários e desmandos governamentais nos últimos anos. Contudo, os IF – da mesma forma que as demais instituições da Rede Federal – carregam consigo um imensurável patrimônio cultural, a partir de seus acervos materiais e imateriais, ressignificados constantemente pelas memórias daqueles que vivenciaram ou vivenciam esses espaços da EPT.

Embora as trajetórias dos IF pareçam recentes, elas se inserem em um longo processo histórico no campo da Educação. Muitos têm suas próprias experiências e identidades, alguns deles remontando às antigas Escolas de Artífices criadas em 1909. O IFRS não foi diferente: assim como outras instituições da Rede Federal, ele possui dispõem de uma missão e valores comungados por todos seus 17 campi e Reitoria. Mas as memórias dessas unidades – especialmente aquelas compartilhadas pelos membros da comunidade – revelam marcas próprias, já que

dialogam com as especificidades locais, com uma cultura escolar herdada, com práticas e pensamentos próprios que traduzem esses princípios institucionais. Para dar conta dessa complexidade, o IFRS procurou instituir o Núcleo de Memória (NuMem) em 2018, incentivando a formação de núcleos locais, concebendo lugares de memória que procuram sistematizar e disseminar as memórias e o conhecimento histórico que pode ser gerado a partir delas, não de forma a forjá-la ou forçosamente integrá-la ao todo, mas justamente demonstrar a diversidade desse patrimônio cultural existente e até então pouco apreendido.

A proposta desta publicação parece modesta: apresentar experiências em lugares de memória da EPT e oportunizar análises críticas, suscitar debates sobre as contribuições aqui apresentadas. Há diferentes perspectivas, a partir dos capítulos desta obra, que podem contribuir para essa reflexão, como a constituição de ações em História Oral, sistematização de acervos documentais ou mesmo a concepção de sites e a organização de exposições virtuais dedicados à memória. Talvez um ponto de convergência dessas experiências, além de obviamente o cuidado em preservar e disseminar a história e a memória institucional, seja se constituir como um lugar de memória – e como tal, cercado de complexidades e de necessidades que façam sentido a toda sua comunidade. As experiências relatadas nesta obra, como os NuMem, são próximas daquelas compartilhadas por Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015) a respeito dos centros de memória: eles lutam para superar a acumulação sem critérios de documentos (a massa inerte conhecida como “arquivo morto”), procuram não se limitar às meras efemérides comemorativas (próprias do marketing institucional) e

buscam mobilizar suas ações e seus acervos à disposição de todos pertencentes à instituição e aqueles que procuram estudá-la.

Os capítulos a seguir demonstram a preocupação desses espaços em adquirir uma centralidade para promoção da conscientização histórica nas realidades escolares, permitindo suscitar reflexões primordiais sobre o papel da EPT em nossa sociedade. Para isso, os trabalhos procuraram dar inteligibilidade aos acervos até então vistos como “lixos da escola” (ESCOLANO BENITO, 2017); mais do que isso, demonstraram possibilidades de se construir novas fontes e conhecimentos históricos a partir da reunião de relatos orais, da organização de exposições e mostras, das visitas escolares que são organizadas em seus espaços físicos e virtuais. Se a conscientização histórica se vincula inicialmente a uma identidade coletiva (CERRI, 2011), os esforços das experiências relatadas nesta obra contribuem mostrar sua pluralidade, essencial para identificar e discutir os silêncios e as ausências, assim como as ênfases e os destaques ainda presentes em muitas narrativas.

O primeiro capítulo é dedicado ao NuMem IFRS e seus esforços em se estabelecer como um espaço dedicado à história e memória da instituição e da EPT, tornando-se um programa permanente de Extensão. O texto de autoria de Caroline Cataneo, Silvia Schiedeck e Marcelo Vianna traz uma síntese histórica de suas atividades (estratégia que foi adotada pelos demais textos desta obra), apontando suas origens na Política de Comunicação do IFRS em 2015 e sua preocupação em consolidar a identidade institucional a partir da preservação e divulgação da memória do IFRS. Para isso, os autores exploram a trajetória do NuMem IFRS e sua articulação nos NuMem Reitoria e dos 17 campi (cada *campus* possui um NuMem Local), a partir da aprovação de seu regulamento pelo Conselho

Superior em 2021 e a criação da Comissão Central do NuMem, que busca coordenar e cooperar com as atividades dos NuMem Locais. Entre as iniciativas, vale destacar que o NuMem IFRS criou um site oficial no qual divulga a história e a memória institucional e da EPT, concebeu um compêndio que serve como guia para atividades dos demais núcleos e vem promovendo a salvaguarda de documentos por meio de análises dos acervos, pela realização de entrevistas e pelo uso de um repositório digital (a partir do Tainacan). Além disso, as ações de divulgação também merecem destaque, nas quais o NuMem IFRS procura compartilhar conhecimentos históricos com a comunidade por meio de seu canal no Instagram e na veiculação de um podcast intitulado NuMemCast. O texto mostra que o NuMem IFRS assumiu um papel desafiador, mas natural, de todo centro de memória e documentação: coordenar ações de organização, preservação e divulgação de acervos e alcançar o reconhecimento da comunidade escolar e de pesquisadores, vital para sua permanência como lugar de memória institucional. Nesse sentido, o incentivo à promoção de projetos coletivos – como os depoimentos orais relativos às experiências da comunidade escolar do IFRS durante pandemia de Covid-19 alcançam especial significado.

O próximo capítulo é relativo ao NuMem *Campus* Bento Gonçalves. O *Campus* Bento Gonçalves tem uma trajetória anterior ao próprio IFRS, que remonta à Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, criada em 22 de outubro de 1959. Apesar da longevidade, a preocupação em sistematizar efetivamente sua memória só se daria ao final do ano de 2018, por ocasião da Comissão dos 60 anos da História do *Campus*. O artigo de Caroline Poletto discute justamente esses primórdios do núcleo: originado a partir dos trabalhos da Comissão, ele logrou obter um

espaço próprio e reconhecimento institucional, levando a reunir um acervo documental a partir da salvaguarda de acervos documentais (documentos impressos, álbuns fotográficos, objetos tridimensionais como troféus e indumentárias) que se encontravam em diferentes setores do *campus*. O artigo traz uma importante reflexão sobre o esforço de um Núcleo em desenvolver suas ações – mesmo em condições adversas impostas pela pandemia de Covid-19, o que levou a articular diversos projetos para constituir seu acervo, de modo torná-lo dinâmico e significativo à sua comunidade. Entre as iniciativas destacadas, encontra-se a campanha de recolhimento de documentos e depoimentos orais da banda marcial da antiga escola, o que especialmente envolvem as memórias de egressos (as “lembranças afetuosas”), com os laços de amizades desenvolvidos em meio a ensaios e apresentações públicas. Obviamente, isso se deu com qualidade historiográfica e comprometimento dos envolvidos, mas com muitos desafios a serem superados, especialmente a falta de recursos humanos para uma plena dedicação ao NuMem.

Da mesma forma, a história do *Campus Sertão* antecede a constituição da nova institucionalidade representada pelos IF. 19 de julho de 1957 foi a data de criação de uma escola que objetivava atender os filhos de funcionários da “Estação Experimental de Passo Fundo” e de agricultores colonos que se instalaram na região nas décadas anteriores. Posteriormente, em 1979, estabelece-se como Escola Agrotécnica Federal de Sertão - EAFS. Coube, então, as autoras e autores, Carla Diefenbach, Elisa Iop, Elias José Camargo, Eloenes Silva, Luciana de Oliveira e Roberto Sander dedica-se a abordar a trajetória da preservação da memória do *Campus Sertão*, cuja história antecede em várias décadas

a criação dos Institutos Federais. Para tanto, iniciam ao abordar a criação do Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, iniciativa formalizada em 2016, mas cuja origem remonta a 2010. Apresentam, ainda, como se deu a interlocução com a implantação do NuMem e descrevem suas experiências no contexto da Pandemia da Covid-19. A preservação da memória em Sertão, conforme afirma o grupo de docentes engajados, ocorre por meio de ações pautadas nos conceitos de “educação patrimonial” e de “memória histórica” e articulam-se com projetos de ensino.

O *Campus Erechim*, ao contrário de Sertão, origina-se a partir do contexto de expansão da Rede Federal de EPT. Trata-se, portanto, de uma instituição escolar com uma história ainda recente. A premência de preservar a memória e a história institucional, bem como a intensidade dos eventos excepcionais relacionados à pandemia da Covid-19 corroboram para a afirmação de ações que atuem nesse sentido. Fábio Roberto Krzysczak e Maria Inês Varela Paim afirmam que as memórias são essenciais nos processos de formação identitária do IFRS, tendo em vista que elas possibilitam a compreensão de que as pessoas se constituem sujeitos do processo histórico. Para pensar essa história, a fotografia foi definida como documento a ser investigado. Nesse sentido, autor e autora apresentam como ocorreram ações que vinculam a preservação da memória e as fotografias, como documentos históricos institucionalizados ou mesmo produzidos pelos discentes em concurso fotográfico promovido durante o contexto pandêmico.

O *Campus Osório* possui uma trajetória similar ao *Campus Erechim*, igualmente no contexto de expansão da rede, originando-se como uma Unidade Descentralizada de Educação (UNED) do CEFET Bento Gonçalves em 2008. Sua história, embora recente, é igualmente rica e

complexa, envolvendo desde as dificuldades da implantação – iniciando suas atividades em uma sede provisória, já como *Campus Osório* do IFRS, em 2010 – até o contexto pandêmico de Covid-19 e a necessidade de medidas de distanciamento social que se impôs para proteger a comunidade escolar. No artigo organizado pelos integrantes do NuMem *Campus Osório*, foi justamente esse difícil período que oportunizou as primeiras iniciativas de salvaguarda e divulgação da memória do *campus* ainda em 2020, como forma de manter os vínculos entre servidores e estudantes, egressos e demais membros da comunidade. Assim deu-se início a uma série de atividades, como campanhas de doação de fotografias (ação intitulada Memórias Afetivas) e organização de lives com a comunidade escolar. Importante observar o estabelecimento de um programa de Memória Oral, que primeiramente procurou focar na compreensão da fase pioneira da instituição. O mérito da iniciativa tem sido reunir depoimentos que permitem ir além das questões administrativas e pedagógicas, já que possibilitam acessar experiências e sentimentos daqueles que atuaram no *Campus Osório*, muitos deles começando suas carreiras no IFRS. Essas experiências registradas tornam-se um material inestimável para pesquisas sobre a História da EPT, além de contribuir para uma memória institucional mais crítica e significativa para todos.

O relato do *Campus Alvorada* difere-se um pouco das experiências apresentadas por outros campi. Com uma abordagem mais voltada a um curso, Diane Blank Bencke, Gisele Belusso, Andreia Augusta dos Santos Raupp e Bruna Betamin de Sousa relatam uma experiência originada no âmbito do projeto de extensão denominado “Narrativas Pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida dos alunos da Pedagogia do IFRS

Alvorada”. As autoras dedicam-se a registrar as histórias constituídas pela primeira e segunda turmas do curso oferecido pela instituição, as quais se encontram entrelaçadas pelos aspectos pessoais e pedagógicos. Tal estudo demonstra a relevância de valorizar as trajetórias pessoais e sua relação com a história da instituição educacional, ao fortalecer laços identitários com a comunidade. O texto apresentado demonstra como histórias pessoais encontram-se intrinsecamente ligadas ao cotidiano escolar e como corroboram para promover a preservação da memória, bem como fortalecer os laços com a comunidade.

Os próximos capítulos trazem experiências de história e memória da Rede Federal de EPT, com a concepção de lugares de memória e as devidas ações para instituí-las. O texto de Fernanda Ferreira Boschini e Fabia Dalla Nora discute o processo de implantação dos centros de memória nos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), cujos esforços em conceber um lugar dedicado à memória remontam ao ano de 2013 e se concretizam na inauguração do Centro de Memória em 2019 e do Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (NUPHMEPT) em 2020. A partir daí, como estratégia de institucionalização, foi estabelecido um curso na modalidade virtual que contribuísse para a capacitação de servidores de forma a regionalizar a implantação de centros de memória nos campi do IFSP. Tais atividades de formação, que envolveram desde noções de arquivos, gestão de documentos e História da EPT até alcançar a produção e disseminação de conhecimentos, podem ser vistas como um meio formidável para não só instituir espaços de preservação e pesquisa, mas para alcançar, envolver e

sensibilizar a comunidade para a importância da história e memória institucional.

Por sua vez, o capítulo elaborado pelo grupo de historiadores do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) de Minas Gerais discutiu uma importante iniciativa lançada por ocasião das comemorações dos 110 anos da instituição: a exposição virtual “Memória CEFET-MG: espaços, trajetórias e práticas”. Trata-se de estabelecer um lugar de memória no qual buscou-se superar a mera “celebração de uma efeméride”, ou seja, superando uma narrativa calcada em marcos oficiais, mas oferecendo uma que contemplasse a memória coletiva dos agentes sociais que atuaram na instituição, com suas práticas, sentimentos, contradições e esquecimentos. A importância desse processo de rememoração e construção de uma narrativa, dentre outras possíveis, que abarcasse a diversidade das experiências na instituição ao longo do tempo, demonstra o papel da consciência histórica como mobilizadora do conhecimento histórico para (re)pensar criticamente nosso presente. Essa mobilização está na preocupação em manter a exposição virtual Memória CEFET-MG de forma permanente e constantemente atualizada e demonstra que as experiências nela compartilhada não se encontram isoladas, mas são significativas e podem ser ressignificadas pela comunidade escolar, encontrando nas atividades de Ensino um potencial formidável para a conscientização histórica tão necessária para nossa sociedade.

Por fim, o último capítulo é a demonstração que a história da educação profissional pode ser estudada a partir de diversas perspectivas: história das instituições educacionais, das políticas públicas, das disciplinas, das práticas, dos seus agentes, entre tantas outras

possibilidades. Marcellly Kathleen Pereira Lucas e Olivia Morais de Me-deiros Neta optam por estudá-la a partir de um intelectual: Francisco Belmonte Montojos. Engenheiro gaúcho formado pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1937, passou a ser o diretor do Ensino Industrial, com a reorganização do Ministério da Educação e Saúde Pública. Além de cargos políticos, as autoras destacam a ampla atuação de Montojos, como gestor da Escola Normal Wenceslau Braz e sua atuação na Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, a CBAI. Destacam, ainda, sua obra, publicada em 1949, intitulada “Ensino Industrial”, publicada pelo Ministério da Educação e Saúde Pública juntamente com a CBAI. Os escritos de Montojos versavam sobre temas pertinentes ao Ensino Industrial, além de abordar o preconceito recorrente sobre o trabalho manual. O texto apresentado pelas autoras demonstra a relevância de pesquisar intelectuais, cuja trajetória influencia tenazmente a história da educação profissional e tecnológica.

Enfim, como observamos anteriormente, os trabalhos que compõem essa obra revelam um grande esforço em institucionalizar a memória de suas respectivas instituições envolvidas na EPT. Em vários casos, lutam contra falta de tempo e de recursos humanos, mas contam com o trabalho dedicado daqueles que se preocupam com o fato de que vivemos um presente contínuo, alienante de interpretações sobre nossa realidade. É primordial que essas experiências relatadas, em suas tentativas de construir novas histórias e memórias da EPT, tenham continuidade pois se constituem uma resistência ao esquecimento que ainda se impõe em nossa educação.

Uma boa leitura a todos!

REFERÊNCIAS

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. **Centros de memória:** uma proposta de definição. São Paulo: SESC, 2015.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica:** implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura:** experiência, memória e arqueologia. Alínea: Campinas, 2017. p.85-86

1

A CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO IFRS: MEMÓRIAS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES

*Caroline Cataneo*¹

*Silvia Schiedeck*²

*Marcelo Vianna*³

INTRODUÇÃO

A Lei 11.892/2008, de 29 de dezembro de 2008, foi responsável pela criação dos institutos federais. Entre eles, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), com a reitoria localizada em Bento Gonçalves/RS. Assim como os outros institutos federais, em 2021 o IFRS completou treze anos de criação.

A Política de Comunicação do IFRS, aprovada em 2015, em seu capítulo "Preservação da memória: articulando passado, presente e futuro", já indicava a necessidade de preservar e divulgar a memória institucional propiciando a visualização de sua história e sua evolução no decorrer do tempo. Esse processo teria o objetivo de

consolidar sua identidade, o entendimento sobre seu papel na sociedade, na vida das pessoas e para o sentido de pertencimento dos públicos internos a partir do conhecimento da forma como o passado foi vivido, e como o

¹ Coordenadora do Núcleo de Memória (NuMem) da Reitoria do IFRS. Doutoranda em Educação (UFRGS). E-mail: caroline.cataneo@ifrs.edu.br

² Produtora Cultural - Pró-reitoria de Extensão/IFRS. Mestra em Educação Profissional e Tecnológica (IFRS). E-mail: silvia.schiedeck@ifrs.edu.br

³ Presidente da Comissão Central Núcleo de Memória (NuMem) do IFRS. Coordenador do NuMem Campus Osório. Doutor em História (PUCRS). E-mail: marcelo.vianna@osorio.ifrs.edu.br

presente e o futuro devem ser encarados pela instituição, com o estabelecimento de objetivos comuns (IFRS, 2015).

Assim, no ano de 2018, por ocasião das comemorações de dez anos de funcionamento, deu-se o primeiro passo para a criação do Núcleo de Memória do IFRS (NuMem/IFRS), um espaço que pudesse refletir acerca de sua história e do contexto geral da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no país. Considerando-se a importância da instituição, tendo em vista, entre outros aspectos, a sua presença em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul, tornou-se oportuno representar sua história e preservar as fontes de memória produzidas ao longo desse período.

Um grupo de trabalho, com representantes de todas as dezoito unidades da instituição, se incumbiu de implantar o NuMem e de desenvolver um espaço virtual que servisse de espaço de divulgação. Em março de 2019, durante uma reunião do Colégio de Dirigentes (CD), foi lacrada a Cápsula do Tempo, com mensagens de estudantes e dos dirigentes da época. O vidro deve ser aberto em 2028, quando o IFRS completará 20 anos. Hoje a cápsula está guardada no gabinete do reitor.

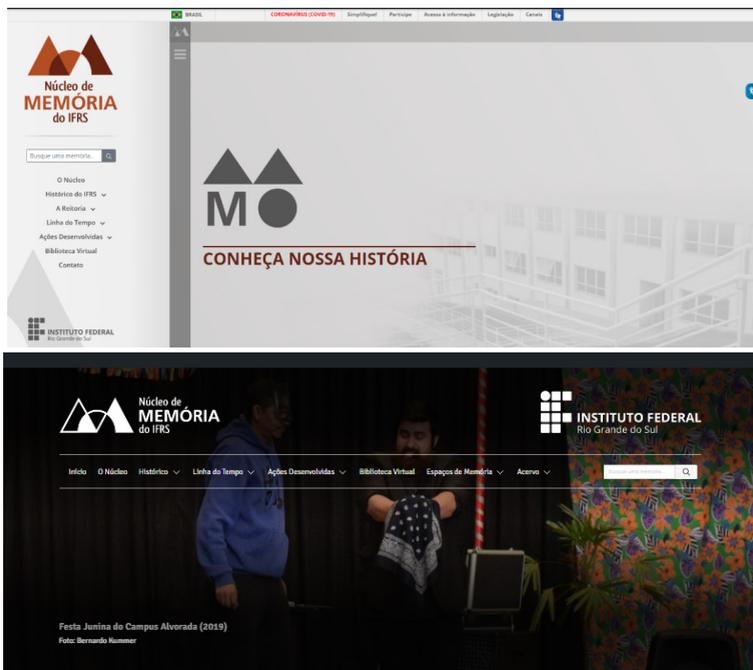


Imagem 1. Da esquerda para a direita: Júlio Xandro Heck (Reitor), Marlova Benedetti (Pró-reitora de Extensão), Gilberto Putti (Diretor-geral *Campus Vacaria*) e Erik Schuler (Diretor-geral *Campus Veranópolis*). Fonte: Comunicação, IFRS (2019).

Nesse mesmo ano, no mês de julho, foi lançado o site oficial do NuMem, canal com o objetivo de divulgar a história do IFRS e das instituições que lhe deram origem.⁴ O site, atualizado constantemente, traz um breve histórico da EPT, da criação dos IFs e do IFRS em especial. Ele apresenta, na seção Linha do Tempo, todas suas 18 unidades, algumas delas com uma antiga trajetória na EPT e, em Ações Desenvolvidas, os projetos elaborados na área da memória e da história. A grande modernização do site ocorreu em 2021, com um novo design e a implantação da plataforma Tainacan⁵, repositório que facilita o gerenciamento do acervo.

⁴ Endereço do site do NuMem/IFRS <<https://memoria.ifrs.edu.br/>>. Acesso em 01 de março de 2022.

⁵ Disponível em <<https://tainacan.org/>>. Acesso 12 de dezembro de 2021.



Bem-vindo à memória do IFRS!

Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou acontece por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permanece.

—Justino de Magalhães Tecendo nexos. *História das instituições educativas*. Editora Universitária São Francisco-EDUSF, 2004, p. 155.

O Núcleo de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – NuMem/IFRS é responsável pela organização, preservação, difusão, salvaguarda do patrimônio cultural de natureza (material e material) do IFRS de forma sistemática e permanente. Sua atuação é interdisciplinar, indisciplinar e plural.

Nesse espaço virtual, você poderá conhecer um pouco mais da nossa memória, além de poder visitar as nossas coleções e acervos – fragmentos de nossa história.

Todos estão convidados a conhecer essa história, construída desde os primórdios da educação profissional no Brasil e agora eternizada e disponibilizada neste espaço virtual.

Núcleo de Memória do IFRS em números

369

Datas registradas na Linha do Tempo

5

Coleções no Acervo

2812

Itens inseridos nas Coleções

34

Vídeos publicados no YouTube



Imagens 2 e 3. Antigo e novo site do Núcleo de Memória do IFRS.

Fonte: Autores (2022).

Em março de 2020, o NuMem foi aprovado no Regimento Interno da Reitoria⁶, vinculado ao Departamento de Extensão da Pró-reitoria de Extensão (Proex). A partir disso, os núcleos foram implantados nos 17 *campi* e, um grupo de trabalho com representação de vários segmentos, construiu o Regulamento Geral NuMem/IFRS,⁷ que apresenta as diretrizes que norteiam a organização, preservação, difusão, salvaguardar e permitir acesso ao patrimônio cultural de natureza imaterial e material do IFRS de forma sistemática e permanente.

Com a aprovação do regulamento, foi possível a criação da Comissão Central do NuMem. Composto por representantes dos núcleos locais, ela é um espaço para troca de experiências nas quais são compartilhadas atividades realizadas nos campi. Da mesma forma, serve como meio de mobilização para projetos coletivos⁸ e de acompanhamento da situação dos acervos institucionais de cada unidade do IFRS, do ponto de vista da preservação e disponibilização para pesquisas. Essas atividades contribuem para estimular as pessoas rememorem e reviverem parte importante de sua formação pessoal e profissional e, ao mesmo tempo, refletir sobre a história da instituição e a própria evolução da educação profissional e tecnológica no Brasil.

Atualmente, o NuMem encontra-se registrado como um programa permanente da Extensão. Isso possibilita contar com apoio de

⁶ Resolução Consup nº 001/2020. Disponível em <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2020/05/Resolucao_001_2020_Aprova_Regimento_Complementar_Reitoria.pdf>. Acesso em 01 de março de 2022.

⁷ Aprovado pela Resolução Consup nº 22/2021. Disponível em <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2021/03/Resolucao_022_2021_Aprova_Regulamento_Nucleo_Memoria_IFRS.pdf>. Acesso em 01 de março de 2022.

⁸ Aqui rememoramos o projeto “Quando todos aprenderam e todos ensinaram. Experiências da comunidade escolar do IFRS durante a pandemia de covid-19”, envolvendo os NuMem Locais. Iremos discutir brevemente essa iniciativa ao final do texto.

estudantes bolsistas para as diferentes atividades do núcleo, assegurando o envolvimento discente nas ações de preservação e divulgação da memória institucional. Nos *campi*, muitas iniciativas de contam com participação de integrantes dos NuMem locais encontram-se vinculados a editais da Extensão, Pesquisa e Ensino, conforme o enfoque de seus coordenadores, igualmente integrando estudantes como bolsistas e voluntários. Deles, podemos destacar as atividades comemorativas de 10 anos dos *campi* Canoas⁹, Restinga e Osório¹⁰ (2020), o III Concurso de Fotografias “Memórias do IFRS *Campus* Erechim” organizado pelo NuMem Erechim, com a temática “Olhares sobre o ensino remoto” (2021), o projeto “Núcleo de Memória e Enoteca IFRS-BG: a busca pelo resgate e preservação da memória institucional no *Campus* Bento Gonçalves (2021)”¹¹, as exposições organizadas no Memorial do IFRS *Campus* Sertão, o projeto “Fatos e Fotos” pelo NuMem Porto Alegre (2021)¹², entre outros.

NÚCLEO DE MEMÓRIA - PRODUTO EDUCACIONAL

No mês de julho de 2020 foi publicado o produto educacional intitulado “Implementação de um Núcleo de Memória: como desenvolver projetos e ações em memória e identidade institucional” fruto da dissertação de mestrado “De onde vêm as histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS” (CATANEO; FRANÇA, 2020). Esta investigação procurou realizar um

⁹ Disponível em <<https://ifrs.edu.br/canoas/10anos/>> Acesso em 01 de março de 2022.

¹⁰ Acessíveis no repositório digital do NuMem/IFRS. Disponível em <<https://memoria.ifrs.edu.br/audiovisual>> Acesso em 17 de maio de 2022.

¹¹ Disponível em <<https://memoria.ifrs.edu.br/enoteca/>>. Acesso em 03 de maio de 2022.

¹² Disponível em <<https://sites.google.com/view/fatosefotosifrspoa>>. Acesso em 01 de março de 2022.

diagnóstico de como os núcleos dos *campi* se organizavam até aquele momento, quais eram os projetos que já haviam sido desenvolvidos e quais as necessidades do grupo. O objetivo, com isso, era o de elaborar um material que servisse de base teórico/prática tanto para aqueles *campi* mais avançados no processo de constituição de suas comissões como as unidades mais novas que, em geral, não possuíam ações ligadas à memória. Mais tarde, este compêndio foi inserido no Regulamento do Núcleo de Memória como um documento norteador de suas atividades.

O compêndio foi dividido em quatro macro seções que correspondem a um caminho, uma espécie de rota que possa ser seguida para a implantação dos Núcleos de Memória locais. São elas: (i) sensibilização e discussão conceitual, na qual os principais conceitos e noções inerentes ao trabalho com a memória são discutidos e é realizada uma sensibilização com a comunidade acerca da importância deste trabalho; (ii) registro e organização do acervo apresenta as principais fontes que comumente são encontradas nos acervos de uma instituição de ensino, como fotografias, documentos de arquivo, objetos tridimensionais e até mesmo o próprio espaço institucional é pensado como um lugar de memória. Em seguida, uma vez registrado, o acervo precisa ser (iii) explorado por meio da elaboração de produtos, vídeos, podcasts, exposições, textos, entre outros. Por fim, e não menos importante, é fundamental dar visibilidade a esses produtos e ao próprio acervo através da (iv) divulgação e socialização dessas produções.



IMPLEMENTAÇÃO DE UM NÚCLEO DE MEMÓRIA

como desenvolver projetos e ações em
memória e identidade institucional

CAROLINE CATANEO
MARIA CRISTINA CAMINHA DE
CASTILHOS FRANÇA



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Porto Alegre



PROFEPT
Programa de Pós-graduação em Fomento à Pesquisa em Políticas de Estado e Políticas Públicas

Imagem 4. Produto educacional que guiou a construção do NuMem.

Fonte: Autores (2022).

Este produto foi utilizado para diversos projetos que foram posteriormente desenvolvidos pelo NuMem. Entre eles, podemos destacar o “NuMemCast”, a organização dos metadados para a utilização do Tainacan enquanto repositório institucional de nossos acervos, a reformulação do site e a criação de perfis em redes sociais como o canal no YouTube e, mais recentemente, a página no Instagram.

REPOSITÓRIO - TAINACAN

É inegável o avanço das tecnologias digitais no campo das Humanidades, o que leva a uma importante reflexão e prática de incorporação destas na preservação e divulgação de acervos históricos. Afinal,

O uso das tecnologias digitais, nesse contexto, tem se mostrado transformador para não só garantir a organização e o controle da informação sobre os acervos universitários, como principalmente para a promoção do acesso a essas coleções por um público mais amplo. É notório que na última década o uso das tecnologias digitais em museus e instituições culturais aumentou de forma significativa. Seja internamente na gestão, pesquisa e organização das coleções, seja na sua interface pública, por meio de sites, exposições interativas e produtos educacionais, as tecnologias digitais têm se constituído como importantes aliadas no cumprimento da missão social dos museus e das instituições de patrimônio (MARTINS; MARTINS, 2020, p. 38)

Nesse sentido, desde o início da concepção do NuMem ocorreu a preocupação em criar mecanismos e ferramentas que pudessem dar conta da multiplicidade de acervos que existem na instituição, visto que, embora o IFRS tenha sido criado em 2008, há unidades que possuem uma história pregressa importante e bastante longínqua temporalmente.¹³ Pensando em equalizar a gestão de acervos da instituição e também potencializar seu uso como forma de divulgação por meio da internet, o NuMem buscou alternativas que pudessem atender os aspectos técnicos – um software de catalogação e disponibilização de acervos confiável, de fácil uso e gratuito – e os aspectos específicos do próprio acervo, voltado ao campo da Educação, mais especificamente, a EPT. Assim, o recurso tecnológico deveria dar conta dos diferentes documentos existentes, como imagens (fotografias, cartazes, cards), audiovisuais e documentos impressos/digitais propriamente ditos. Destes últimos, a amplitude de documentos envolve desde atividades fins, voltados ao

¹³ É caso do *Campus* Porto Alegre (antiga Escola do Comércio de Porto Alegre, fundada no ano de 1909, vinculada posteriormente à UFRGS), do *Campus* Rio Grande (vinculado à FURG e criado no ano de 1964), do *Campus* Bento Gonçalves (na ocasião, denominado Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves - CEFET/Bento, que iniciou suas atividades no ano de 1959) e do *Campus* Sertão (antiga Escola Agrotécnica Federal de Sertão/RS, com fundação em 1957).

Ensino, Pesquisa e Extensão – como projetos pedagógicos de cursos, projetos, editais, registros da vida escolar – até atividades administrativas e de comunicação essenciais para o funcionamento da instituição, como boletins de serviço e informativos internos dos campi e da Reitoria.

Entre as alternativas exploradas pelo NuMem, a escolha foi pelo Tainacan. Trata-se de um software livre para a gestão de acervos digitais desenvolvido pelo Laboratório de Inteligência de Redes da Universidade de Brasília, com apoio da Universidade Federal de Goiás, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e do Instituto Brasileiro de Museus. Este software auxilia na preservação, comunicação e divulgação de acervos digitais, contribuindo para a socialização do conhecimento e, no caso do NuMem, do patrimônio histórico e educativo do IFRS.

O processo de discussão e implantação do sistema com a UnB se deu entre outubro de 2020 e junho de 2021. Nesses encontros foram definidos os parâmetros técnicos para implementação do plugin, assim como os metadados específicos e do thesaurus (vocabulário controlado) a serem empregados pelo Núcleo. Foram definidos inicialmente quatro grandes coleções relativas ao acervo do IFRS: documental, imagético, audiovisual e tridimensional, dando conta da diversidade da cultura material e imaterial da instituição. Da mesma forma, abriu-se a possibilidade de constituir coleções especiais, sendo a primeira dedicada à Enoteca Virtual¹⁴, que conta com 1318 itens cadastrados.

¹⁴ Inaugurada em outubro de 1975, a Enoteca do *Campus* Bento Gonçalves encontra-se localizada nas dependências da vinícola-escola sendo uma importante referência material da história e memória da Enologia e Viticultura no país, contribuindo também para o desenvolvimento dos processos de ensino-aprendizagem envolvidos nessas áreas. Atualmente o acervo encontra-se sob responsabilidade da equipe do projeto Enoteca Virtual do IFRS, coordenado por Raquel Bondan de Lima, com apoio do

Núcleo de MEMÓRIA do IFRS

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul

Início O Núcleo Histórico Linhas do Tempo Ações Desenvolvidas Biblioteca Virtual Espaços de Memória Acervo

Busque uma memória

Núcleo de Memória do IFRS / Acervo Fotográfico

Busca

Ordenar EF por Data de criação

Visualização: Masonry

Sídes

Ver como...

Busca avançada

Filtros

- Recolher todos
- Ano
- Unidade do IFRS
 - Alverada (14)
 - Bento Gonçalves (62)
 - Casax (113)
 - Casax do Sul (112)
- Cidade em que o evento ocorreu
- Cidade em que o evento ocorreu
- Evento ocorreu
 - Alverada (14)
 - Anjo do Sul (1)
 - Bento Gonçalves (238)
 - Brasília (0)

Formatura - Agrícola Familiar (Pronatec)

Formatura - Auxiliar em Confeitaria (Programas Mulheres MI) - Clube dos Casados

Formatura - Auxiliar em Confeitaria (Programas Mulheres MI) - Escola Municipal Fiel Pacifico

Aula Inaugural - Condutor Ambiental (Pronatec) - Escola Municipal Fiel Pacifico

Aula Inaugural - Auxiliar em Confeitaria (Programas Mulheres MI)

Recepção de estudantes em 2017 no campus Viçosa

I Mestre de Ensino, Pesquisa e Extensão

Inauguração - Núcleo de Ações Afirmativas

Formatura - Cursos técnicos de Administração, Cooperativismo e Serviços Públicos

Formatura - Cidadão de Mosa

Recepção de alunos - primeiras turmas dos cursos técnicos, subsequentes em Administração, Cooperativismo, Serviços Públicos, e do curso técnico

Recepção de estudantes em 2019 no campus Viçosa

Fachada do campus Viçosa

Recepção de estudantes em 2019 no campus Viçosa

Realização de audiência pública - implantação campus Alverada

Visita dos estudantes do IFRS Campus Viçosa à Comunidade

Fachada do campus Viçosa

Aula Inaugural Campus Alverada

☰ Coleção Acervo Fotográfico

Público presente à abertura das comemorações de 60 anos do campus Bento Gonçalves

	Número de registro AF(BIGO)_00008	Título Público presente à abertura das comemorações de 60 anos do campus Bento Gonçalves	Fundo/Unidade do IFRS Bento Gonçalves
Data do evento 19/10/2019	Ano 2019	Fotógrafo Comunicação Campus Bento Gonçalves	Local em que ocorreu o evento IFRS Campus Bento Gonçalves
Cidade em que o evento ocorreu Bento Gonçalves	Tipo de evento Aniversário de campus	Descrição do evento Solenidade oficial de abertura da comemoração dos 60 anos do campus Bento Gonçalves, realizado no ginásio do campus.	Depositário do Acervo NuMem Bento Gonçalves
Forma de aquisição do acervo Institucional	Tipo de suporte Natodigital	Tipo de fotografia Colorida	Estado de conservação Bom
Termos de indexação (palavras-chave) Aniversário Campus Bento Gonçalves Ginásio Servidores Solenidade	Informações adicionais Participantes ainda a serem identificados - Caso você tenha informações sobre eles, nos contate via e-mail ifrs.numem@ifrs.edu.br	Responsável pelo Registro Sílvia Schiedeck	

Documento



Imagens 5 e 6. Acervo fotográfico no repositório digital do Numem. Fonte: Autores (2022).

O processo de inserção de documentos digitalizados e natodigitais iniciou em dezembro de 2021, após oficinas de formação, dando origem a um acervo digital centralizado, contando com apoio dos NuMem Locais e doações da comunidade escolar.¹⁵ Vale ainda notar que acervos catalogados anteriormente pelos NuMem locais estão em fase de

¹⁵ A comunidade escolar pode fazer suas colaborações via formulário de doação disponível no site do NuMem IFRS. Disponível em <<https://memoria.ifrs.edu.br/doacoes>> Acesso em 31 de maio de 2022.

tratamento e serão integrados à base do Tainacan. Atualmente, o NuMem possui cinco coleções, com 2580 itens cadastrados, havendo objetivo de alcançar pelo menos 5000 itens até o final do ano de 2022.

Concomitante aos trabalhos de organização do acervo digital por meio do Tainacan, cabe observar que o NuMem, com apoio dos núcleos locais, tem procedido identificar e diagnosticar os acervos físicos documentais existentes. Isso envolveu visitas técnicas no primeiro semestre de 2022 aos campi Rio Grande, Bento Gonçalves e Sertão, de modo a identificar os acervos físicos disponíveis em seus arquivos permanentes. Em linhas gerais, tais acervos não apenas envolvem registros escolares, com boletins e históricos, mas relatórios institucionais e documentos administrativos, especialmente significativos nos campi de Bento Gonçalves e Sertão, tendo estes funcionado como autarquias autônomas enquanto CEFET Bento Gonçalves e Escola Agrotécnica Federal de Sertão, respectivamente. As visitas do NuMem permitiram reunir informações para futuras ações, já que é de interesse institucional a preservação e catalogação desses acervos físicos.



Imagem 7. Detalhe Arquivo Permanente no IFRS *Campus* Rio Grande.
Fonte: Visita técnica de Marcelo Vianna, em março de 2022, ao *campus*.

PODCAST - NUMEMCAST

Os arquivos em áudio em formato de *podcast* são uma importante ferramenta de comunicação, potencializadas pelo uso crescente das plataformas de áudios nos *smartphones*. Em linhas gerais, o *podcast* contribui para divulgação de conteúdos, semelhante a um canal de rádio, que podem ser ouvidos a qualquer momento, tendo vista serem gravados e disponibilizados de maneira gratuita na web. Ele oferece a

oportunidade de acessar conteúdos de maneira rápida, a públicos diversificados e de forma gratuita, seja no celular ou no computador. Para Rezende (2007), o contato com os *podcasts* resgatam a cultura da oralidade, ressignificada para os tempos atuais e podem ser utilizados também para fins educacionais.

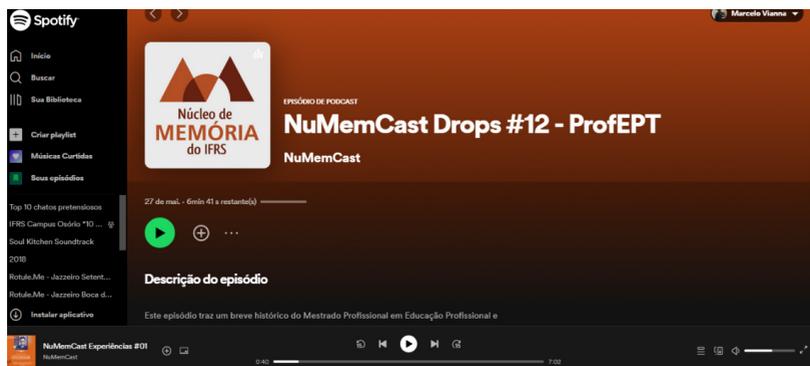


Imagem 8. Detalhe NuMemCast Drops – Episódio 12. Fonte: Autores (2022).

Na avaliação do NuMem, o *podcast* traz como possibilidade entrevistas com convidados ou discussões sobre temáticas históricas consideradas relevantes para o EPT. Em 2021, de modo a agregar as comissões dos *campi* no processo de produção de podcasts, foi realizada a oficina “Como produzir um Podcast?” sobre a elaboração, edição e publicação dos programas. Por sua vez, o NuMem criou o canal NuMemCast¹⁶, com o objetivo de divulgar a história do IFRS e da EPT, iniciando a experiência em uma série intitulada Drops NuMemCast. A partir da chamada “um pedacinho da história do IFRS”, com apoio dos NuMem Locais, o Drops NuMemCast trouxe ao público temas específicos da trajetória da instituição, como os programas sobre os Jogos do

¹⁶ Disponível em <<https://open.spotify.com/show/7auf2VobOZ4LZA5XVdZ6S6>> Acesso em 01 de março de 2022.

IFRS¹⁷, o ProfEPT¹⁸ e a banda marcial do antigo CEFET Bento Gonçalves.¹⁹ Um desdobramento do NuMemCast, foi o lançamento da série “Lugares e Experiências da História da Educação Profissional e Tecnológica” em maio de 2022. Voltado a um público de estudantes da História da Educação, traz a fala de especialistas sobre suas pesquisas históricas e instituições de memória da Educação.²⁰

REDES SOCIAIS: YOUTUBE E INSTAGRAM

Sem dúvida, a internet tornou-se um importante meio de produção e disseminação da História Pública Digital. Como observou Serge Noiret:

Usa-se hoje a web para suprir a ausência de uma comunidade física presente in loco ou para coletar as memórias e os testemunhos destas comunidades dispersas no tempo e no espaço. De fato, o digital permite superar as barreiras espaçotemporais para conectar públicos e interlocutores “semelhantes”, favorecendo assim o transnacional, o global e a comparação das diversas – ainda que similares – realidades locais (NOIRET, 2015, p.43)

Nesse aspecto, as redes sociais assumiram uma posição particularmente interessante à medida que permitem engajar e ampliar as possibilidades de alcance de conteúdos históricos. Ao contrário do site institucional, as redes sociais permitem uma comunicação instantânea

¹⁷ Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/7kiUCOWl5oPeZSTaElTPrt>> Acesso em 31 de maio de 2022.

¹⁸ Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/3W2hExV8klyLNpFp000gx4>>. Acesso em 31 de maio de 2022.

¹⁹ Disponível em <<https://open.spotify.com/episode/7JLwDhrvWGW570EOFF7rRO>> Acesso em 31 de maio de 2022.

²⁰ Até o momento, foram disponibilizados para audição do público dois programas – Eduardo Hass da Silva (UFRN) a respeito da História da Escola Técnica de Comércio do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS (1950-1983), e Maria Augusta Martiarena de Oliveira (IFRS) sobre a História da Educação Profissional no século XIX.

e os usuários podem interagir com as postagens, compartilhando ou acrescentando informações.²¹ Para pesquisadores em geral, podem ser interessantes por ser o primeiro *insight* sobre acervos existentes, assim como compreender quais enfoques e critérios de seleção são empregados pelos divulgadores.

Desta forma, o NuMem procurou criar um perfil no Instagram²² com o objetivo de produzir uma interação direta com estudantes, servidores, comunidade externa, além de manter contato com outros museus, instituições de guarda e centros de memória. O Instagram do NuMem propõe pelo menos duas postagens semanais, nas terças e quintas-feiras. As postagens da terça-feira são intituladas “Destaque do Acervo”, nos quais são escolhidos itens do acervo para se divulgado na rede a partir de uma temática sugerida, muitas vezes por um NuMem Local, que contribui com a descrição e cedência de materiais imagéticos. Nas quintas-feiras, ocorre o tradicional #TBT, que de modo similar, buscam contemplar itens de acervos e doações da comunidade. Há um cuidado do NuMem para não tornar o canal uma mera coleção de efemérides, mas procurar representar – a partir das imagens disponíveis no acervo digital e nos sites institucionais – a diversidade das atividades do IFRS e sua comunidade, dando conta das diferentes culturas escolares existentes nos campi do IFRS, a partir das festividades, atividades em aula, participação em feiras científicas, entre outros.

²¹ Conforme Icles Rodrigues (2019), uma das principais vantagens para aqueles que produzem conteúdo é a autonomia, pois as plataformas possuem regulações flexíveis sobre aprovação ou não. Igualmente pesam os baixos custos para disseminar a informação, com um potencial maior de alcance público.

²² Disponível em < https://www.instagram.com/numemifrs_oficial/>. Acesso em 31 de maio de 2022.

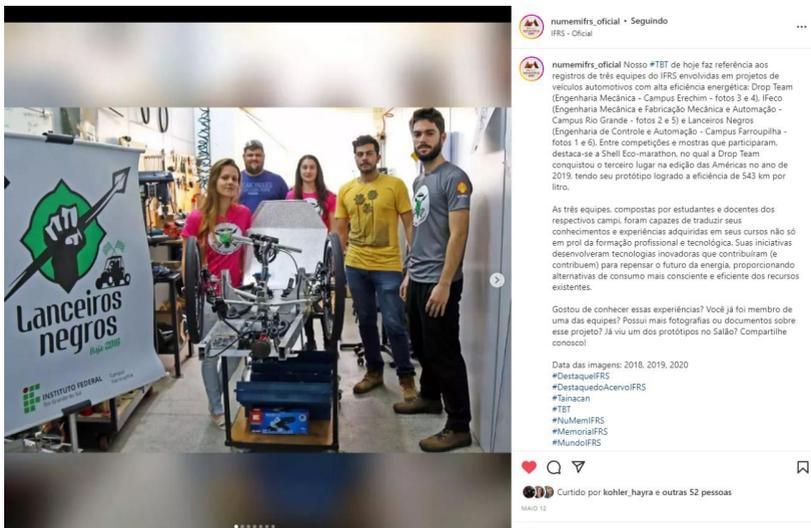


Imagem 9. Detalhe publicação Instagram NuMem. Fonte: Autores (2022).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS E PROJETOS EM CURSO

Neste texto, tentamos abarcar as principais atividades desenvolvidas pelo NuMem em sua breve trajetória histórica. Ainda que recente, é possível considerarmos que ele – em seu papel de preservar e disseminar a história e memória do IFRS – logrou instituir-se como um lugar de memória, especialmente a partir da aprovação de seu regulamento geral em 2021. No entanto, ainda há um percurso a cumprir – um desafio é instigar a mobilização dos núcleos locais diante adversidades impostas aos seus membros (tais como falta de tempo, concomitância com outras atividades, atuação em diferentes comissões). Ainda assim, é de se reconhecer o empenho dos representantes no trabalho de preservação e divulgação, a partir de projetos institucionalizados em editais ou mesmo informais, mas que igualmente são significativas para construção da memória do IFRS.

Exemplo desse esforço é o projeto coletivo “Quando todos aprenderam e todos ensinaram – Experiências da comunidade escolar do IFRS durante a pandemia de Covid-19”.²³ Originado em uma discussão em reunião da Comissão Central do NuMem em dezembro de 2021²⁴, o projeto foi organizado pelo NuMem e NuMem Canoas com o objetivo de recolher depoimentos da comunidade do IFRS a respeito de suas memórias da pandemia de Covid-19. Isso envolve entrevistar servidores técnicos e docentes, estudantes e gestores, cada um deles com suas experiências relativas às suas percepções sobre a pandemia e como isso afetou suas atividades no IFRS, transpostas para o mundo virtual. A partir de um roteiro semi-estruturado, oportuniza-se conhecer também o quanto de suas vidas pessoais e familiares foram afetadas pela pandemia, as ansiedades experimentadas pelo confinamento e expectativas geradas pela vacinação e pelo retorno ao trabalho presencial. A partir de seus NuMem locais, trata-se de uma oportunidade de obter depoimentos da comunidade das 18 unidades da instituição, contribuindo para gerar registros históricos imprescindíveis para futuras pesquisas.²⁵

²³ Disponível em <<https://memoria.ifrs.edu.br/experiencias-da-comunidade-do-ifrs-pandemia-de-covid-19/>> Acesso em 31 de maio de 2022.

²⁴ Uma fonte de inspiração foi o projeto “Documentando a experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”, uma iniciativa do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS), com a participação de diferentes instituições acadêmicas e de pesquisa, entre elas UFRGS, UFSM, PUCRS e Faccat. Como integrante dessa última instituição, Sandra Donner, integrante do NuMem Canoas, trouxe a sugestão de que o IFRS deveria ter uma iniciativa similar, acolhida pelos participantes da reunião. Disponível em <<https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>> Acesso em 01 de março de 2022.

²⁵ Para alinhar o projeto, no mês de maio de 2022 foram oferecidas duas formações com representantes dos NuMem locais, uma delas com historiadoras envolvidas no projeto “Documentando a experiência da Covid-19 no Rio Grande do Sul”. Foram convidadas Clarissa Sommer Alves, mestre em História e historiadora do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, e Ângela Beatriz Pomatti, mestre em História e museóloga do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

Por fim, também merece destaque o projeto organizado pelo NuMem intitulado “O processo de formação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma memória oral de seus protagonistas”.²⁶ Trata-se de explorar um período histórico recente, ainda nos anos 2000, mas imprescindível para redefinição dos rumos da EPT no país. Com propostas teórico-metodológicas calcadas na História Oral, História Pública e História Social das Elites, o projeto tem como objetivo entender a trajetória de formação dos Institutos Federais a partir das memórias narrativas dos indivíduos protagonistas (especialistas, gestores, políticos, futuros reitores), em diálogo com fontes documentais de época, como material jornalístico e documentos institucionais. Trata-se, assim como o projeto anterior, de constituir materiais significativos para análise e disseminação de conhecimentos históricos, para depois serem integrados ao acervo do NuMem, de modo a ficarem disponíveis aos pesquisadores interessados e à comunidade em geral.

REFERÊNCIAS

- CATANEO, Caroline. FRANÇA, Maria Cristina Caminha de Castilhos. **De onde vêm as histórias? Um compêndio para identificação, registro e organização de dados memoriais do IFRS**. 2020. Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/07/Implementa%C3%A7%C3%A3o-de-um-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria_compressed.pdf> Acesso em: 17 mai. 2022
- INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Política de comunicação**, Proex - Departamento de Comunicação: 2015. Disponível em <<https://ifrs.edu.br/institucional/comunicacao/documentos/>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

²⁶ Contemplado com recursos do Edital IFRS n.º 55/2022 – Edital de Bolsa de Iniciação Científica PIBIC/PIBIC-Af/PIBIC-EM/IFRS/CNPq - PROBIC/IFRS/Fapergs e Edital IFRS n.º 16/2022 – Apoio a projetos indissociáveis de Pesquisa, Ensino e Extensão nos Campi do IFRS.

MARTINS, Luciana Conrado; MARTINS, Dalton Lopes. Experimentações sociotécnicas para organização e difusão de coleções digitais universitárias: o caso do projeto Tainacan. In: **Revista CPC**. São Paulo, v.15, ed.30 especial, p.34-61, ago./dez. 2020.

NOIRET, Serge. História Pública Digital. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015.

REZENDE, Djaine Damiani. Podcast: reinvenção da comunicação sonora. In: XXX **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos: Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0708-1.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2022

RODRIGUES, Icles. História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro. In: CARVALHO, Bruno L. Pastor; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História Pública e divulgação de história**. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p.73-92

2

UM *CAMPUS* COM MUITA HISTÓRIA: OS PRIMEIROS PASSOS NA CONSTRUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO *CAMPUS* BENTO GONÇALVES DO IFRS

*Caroline Poletto*¹

O INÍCIO DE TUDO: OS PRIMEIROS PASSOS DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO *CAMPUS* BENTO GONÇALVES DO IFRS

Antes de dissertar sobre a constituição do Núcleo de Memória em si, é importante apresentar, ainda que de maneira breve, essa importante Instituição de Ensino Pública. Tal Instituição foi, primeiramente, denominada de Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves, sendo criada através da Lei nº 3.646, de 22 de outubro de 1959 e iniciou suas atividades, de forma efetiva, em março do ano de 1960, na cidade de Bento Gonçalves, a qual está localizada na serra gaúcha. Já no ano de 1964 teve sua primeira alteração de nome, passando a denominar-se Colégio de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves.

Em 1979 passou a ser chamada de Escola Agrotécnica Federal de Bento Gonçalves e, em 1985, de Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek, sendo essa denominação de Escola Agrotécnica ainda muito utilizada na comunidade para referenciar o atual *Campus* Bento Gonçalves do IFRS. Em 2002 sofreu mais uma alteração de nome, passando a ser chamada de Centro Federal de Educação Tecnológica de

¹ Doutora em História pela Universidade do Vale dos Sinos – Unisinos/RS. Assistente em Administração do IFRS – *Campus* Bento Gonçalves e Presidente do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves (2019-2022). E-mail: caroline.poletto@bento.ifrs.edu.br

Bento Gonçalves (CEFET-BG) e, por fim passou a integrar-se ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) em 2008, sendo, desde então e até o presente momento, designada de *Campus Bento Gonçalves* do IFRS.

Inicialmente, a Instituição ofertou cursos de nível técnico e, a partir do ano de 1995, começou a ofertar também cursos de nível superior. Sendo o Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia o primeiro curso superior ofertado pela Instituição, dando início assim a uma longa tradição de formar enólogos qualificados no país. No ano de 2022 é concretizado mais um importante passo nessa tradição, com o ingresso da primeira turma do Mestrado Profissional em Viticultura e Enologia e início do referido curso.

Atualmente, o *Campus Bento Gonçalves* do IFRS conta com cursos técnicos (integrados e subsequentes), cursos superiores (bacharelados, licenciaturas e tecnólogos), cursos de pós-graduação *lato sensu* (especializações) e disponibiliza ainda um curso de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado), se constituindo em uma das principais instituições de ensino públicas da cidade, da região da serra gaúcha e do país. Embora não seja objetivo do presente estudo se debruçar sobre a trajetória histórica da instituição, é importante pontuar sua importância e longevidade para, após isso, adentrar nos primeiros passos do Núcleo de Memória do *Campus Bento Gonçalves*².

² Maiores informações sobre a trajetória da Instituição podem ser consultadas na obra intitulada "*Retrospectiva histórica do Campus Bento Gonçalves do IFRS: desde a Escola de Viticultura e Enologia*", de autoria de Áureo Vandré Cardoso. E também no documentário intitulado "*60 anos do Campus Bento Gonçalves do IFRS desde sua origem como Escola de Viticultura e Enologia*" realizado através do projeto "IFRS-BG si Vê" que disponibilizou uma série de depoimentos de alunos egressos e servidores da Instituição e que pode ser conferido em <https://ifrs.edu.br/bento/comunicacao-2/60-anos/documentario/>

Sendo assim pode-se dizer que a constituição do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS aconteceu tardiamente, tendo em vista que a ideia da ativação do Núcleo começa a ser pensada, discutida somente nos meses finais de 2018 e no decorrer de 2019, com a designação da Comissão dos 60 anos da História do *Campus*, através da Portaria nº 214/2018, Portaria nº 268/2019 e Portaria nº 276/2019, aproveitando essa efeméride, o aniversário dos 60 anos, para ativar o Núcleo de Memória e iniciar a centralização e resgate dos documentos que se encontravam dispersos nos diversos setores da Instituição. Segundo a Portaria nº 276/2019, um dos objetivos da Comissão seria organizar o acervo histórico e o Núcleo de memória do *Campus*.

Essa Comissão foi responsável tanto pela ativação do Núcleo de Memória (que passou a contar com um espaço físico próprio, uma pequena sala localizada no bloco D do *Campus*) quanto pela coleta, resgate e triagem inicial dos documentos. Posteriormente, também durante do ano de 2019, essa documentação passou a ser organizada, catalogada, escaneada e registrada num banco de dados através do projeto de extensão intitulado “*Preservação da memória do Campus Bento Gonçalves do IFRS: um resgate histórico*”. Em setembro de 2019 aconteceu a institucionalização do Núcleo de Memória e ele passou a ter caráter permanente e possuir um regimento próprio. A Portaria nº136, de 25 de maio de 2020, apresenta a composição atual no Núcleo de Memória, o qual é formado por alunos e servidores, tanto ativos e egressos.

É pertinente ressaltar aqui a enorme importância de dois acontecimentos descritos acima: a designação de um espaço físico próprio para o Núcleo e a institucionalização deste espaço. Com a disponibilização de uma sala exclusiva para o Núcleo, o *Campus* passou a contar com um espaço de referência para salvaguarda documental e, a

institucionalização, que aconteceu primeiramente através de um Regimento interno próprio do *Campus* Bento Gonçalves sendo, posteriormente, reafirmada com o Regimento do Núcleo de Memória do IFRS, que normatiza a atuação dos Núcleos Locais, o *Campus* passou a ter o compromisso de manter o espaço do Núcleo de Memória ativo, já que este passou a ser um espaço institucional do IFRS.

O próprio artigo sexto do Regimento Interno do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves assegura que “[...] O Núcleo de Memória deve dispor da infraestrutura necessária para sua instalação, suporte administrativo e apoio da Direção do *Campus* para o desenvolvimento de suas atividades” (2019, p.2) e o artigo dezenove do Regulamento Geral do Núcleo de Memória do IFRS reafirma esse compromisso de manutenção de um espaço adequado para a salvaguarda documental “[...] o NuMem/IFRS constituído nas unidades institucionais, deve dispor de infraestrutura necessária para sua instalação e apoio da gestão para o desenvolvimento de suas atividades” (2021, p.10).

Depois que o Núcleo passou a contar com um espaço próprio, foi realizado um amplo convite (um chamamento) destinado a todos os setores do *Campus* para que depositassem no Núcleo as documentações que consideravam históricas e essenciais para a memória da Instituição. Sendo assim, vários setores depositaram documentos no Núcleo, a saber: patrimônio, administração, registros acadêmicos, gabinete, comunicação, vinícola, dentre outros. Na questão específica documentação da vinícola é importante relatar que a Comissão dos 60 anos da História do *Campus* realizou uma grande atividade de triagem documental nesse espaço, pois havia uma quantidade expressiva de material para ser analisado, separado, higienizado e, posteriormente, catalogado.



Figura 1: Triagem documental realizada na vinícola

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>



Figura 2: Membros da Comissão dos 60 anos realizando triagem documental

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

O material depositado no Núcleo através desse primeiro chamamento interno (apenas aos setores do *Campus*) foi suficiente para iniciar a constituição de um *corpus* documental expressivo no que concerne à preservação da memória institucional. Por memória, Pollak considera a “[...] *operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado*

que se quer salvaguardar, com o intuito de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades, reunidas em grupos ou instituições” (POLLAK, 1989, p.10). Aproveitou-se também os festejos dos 60 anos do *Campus* para divulgar a existência do Núcleo junto aos alunos e servidores, alunos egressos, servidores aposentados e comunidade em geral, de forma que algumas documentações particulares começaram a ser depositadas no Núcleo, ampliando o acervo deste.

No ano de 2020, em virtude das restrições às atividades presenciais ocasionadas pela pandemia da COVID-19, as atividades do Núcleo foram realizadas exclusivamente na modalidade remota através da realização de vídeos de divulgação do Núcleo de Memória e coleta de documentos digitalizados, em sua maioria fotografias de acervos particulares e notícias disponíveis online em veículos da imprensa local. Em 2021, ainda com as restrições impostas pela emergência sanitária, o Núcleo continuou realizando atividades remotas e tentativas de ampliar seu acervo no que concerne aos documentos digitalizados, realizando duas importantes campanhas de resgate documental, uma focada na recuperação da história da banda marcial e a outra na ampliação do acervo referente às formaturas. Tais campanhas, bem como questões referentes à organização e composição do acervo documental do Núcleo serão discutidas na sequência.

O ACERVO DO NÚCLEO DE MEMÓRIA DO CAMPUS BENTO GONÇALVES DO IFRS

O acervo do Núcleo de Memória tem como base a noção de documento histórico ampliado e também a noção de memória institucional enquanto um campo múltiplo e dinâmico que, apesar de ser marcado

por disputas de poder incessantes, é fundamental para a constituição da identidade institucional (identidade essa que, assim como a própria história, não é fixa e imutável, mas sim inacabada, podendo ser ressignificada de tempos em tempos tendo em vista as novas descobertas documentais e também se alterando conforme as modificações ideológicas do sujeito). De forma que o resgate da memória é fundamental para compreendermos o que somos, projetamos e fazemos, sendo o resgate da memória institucional relevante para essa compreensão mais ampla do sujeito. O historiador Jacques Le Goff assim caracteriza a memória:

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2013, p.435).

Sendo assim, entende-se que as memórias individuais e coletivas (institucionais) que estão sendo resgatadas através do Núcleo de Memória representam espaços dinâmicos em que grupos se encontraram e se portaram como sujeitos ativos da história. Essa história construída por diversos sujeitos e que o Núcleo tem a pretensão de preservar e contar leva em conta uma determinada noção de documento.

Por documento histórico se entende uma série variada de suportes que vai além dos documentos ditos “oficiais”, uma vez que os documentos que estão sendo depositados no Núcleo e também aqueles que ainda precisam ser recuperados vão desde documentos escritos oficiais,

passando pelos demais documentos escritos, pelas fotografias, gravações (áudios), documentários, depoimentos (testemunhos) orais, chegando até os documentos materiais (objetos) como a indumentária, os artefatos de trabalho, instrumentos de pesquisa e outros documentos tridimensionais que auxiliam na construção da identidade institucional.

Entretanto, ressalta-se o fato de que os documentos, independentemente do tipo de suporte ou formato que apresentam, não são um testemunho direto e neutro do que realmente aconteceu, devendo sempre ser interpretados criticamente pelo seu analisador, levando em conta suas condições de produção e permanência (sobrevivência). Tendo como base o caráter complexo e dinâmico dos documentos é que Le Goff afirma que o documento é um monumento:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmitificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 2013, p.496-497)

Após essa delimitação das noções de documento e de memória concernentes com a visão do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves, pode-se afirmar que o acervo que o Núcleo está constituindo

é dinâmico (no sentido de que pode ser ressignificado) e plural (pois comporta documentos de natureza diversificada). Alguns passos metodológicos seguidos na gênese da constituição do Núcleo foram: a localização, resgate e centralização dos documentos que se encontravam dispersos pelos variados setores do *Campus* e também a salvaguarda dos documentos que chegaram até o Núcleo provindos de locais externos; a catalogação dos documentos contendo os seguintes dados (número de registro, data do registro, tipo de documento, locais de origem e destino, descrição física do documento, localização do documento no acervo, demais observações pertinentes); a manutenção de um banco de dados referente à documentação depositada no Núcleo de Memória e a digitalização de parte do acervo.

Ressalta-se que o banco de dados é um recurso fundamental para a organização de um acervo documental, uma vez que ele ordena e eterniza uma série de informações dispersas. O modelo do banco de dados utilizado no Núcleo de Memória do *Campus* Bento foi disponibilizado pelo Memorial do *Campus* Sertão. O número de registro no banco de dados se dá conforme a tipologia do material, a saber: documental, fotográfico, bibliográfico, quadros, plantas baixas e objetos tridimensionais. Para cada tipo de material há uma planilha específica no banco de dados.

O acervo depositado atualmente no Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves é constituído por documentos impressos (ofícios, memorandos, relatórios, informativos, comunicados), álbuns fotográficos, fotografias avulsas, convites de formatura, livros de atas, livros de visitas, inventários, estatutos, regimentos, reportagens em jornais impressos, notícias em jornais digitais, quadros de formatura, quadros

diversos, indumentária esportiva, troféus, medalhas, depoimentos orais gravados em vídeos, entre outros.

Uma parte deste material já está catalogada, digitalizada e inserida no banco de dados, mas uma parte considerável ainda precisa ser catalogada, escaneada/digitalizada e registrada neste banco de dados que é o recurso que organiza, de fato, a documentação. Mais recentemente, as imagens digitalizadas passaram a ser inseridas no acervo geral do Núcleo de Memória do IFRS³, que utiliza a plataforma Tainacan, entretanto, ainda há várias imagens pendentes dessa inserção.

Até o presente momento já foram inseridos no banco de dados mais de setecentos registros documentais; porém, como a documentação é constantemente ampliada, sabe-se que o acervo institucional do *Campus* Bento Gonçalves é muito maior e que o banco de dados está apenas dando os primeiros passos no intuito de formar um *corpus* documental inteligível e acessível que possibilite a eternização de um acervo dinâmico e plural que possa não apenas resgatar a história institucional mas também oportunizar aos membros da comunidade relembrar o passado e se identificar com ele, se percebendo enquanto sujeitos ativos dessa história que é institucional e, ao mesmo tempo, social e coletiva.

Nessa organização inicial do acervo algumas dificuldades foram sentidas como a impossibilidade, por falta de recursos humanos, de digitalizar e catalogar uma parte expressiva da documentação, a carência tanto de um *scanner* apropriado para realizar a digitalização bem como a falta de prerrogativas técnicas para realizar esse processo e, ainda,

³ O acervo fotográfico do Núcleo de Memória do IFRS pode ser consultado em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

dificuldades no que concerne em identificar informações sobre uma série de fotografias avulsas que foram depositadas no núcleo.

PROJETOS E CAMPANHAS DESENVOLVIDAS

Como já referenciado, o Núcleo de Memória iniciou a organização e catalogação do seu acervo através do Projeto intitulado “*Preservação da memória do Campus Bento Gonçalves do IFRS: um resgate histórico*”, que aconteceu nos anos de 2019 e 2020. No ano de 2021, ainda com as restrições sanitárias impostas pela Covid-19, o Núcleo desenvolveu o projeto intitulado “*Núcleo de Memória e Enoteca IFRS-BG: a busca pelo resgate e preservação da memória institucional*” em parceria com a Enoteca do Campus, uma vez que passou a se integrar com o projeto “*Enoteca Virtual*”, também desenvolvido nos anos de 2019 e 2020. Ambos os projetos contaram com discentes bolsistas e o projeto em parceria com a Enoteca contou também com um discente voluntário. Neste último projeto, o Núcleo começou a utilizar redes sociais próprias (*Facebook e Instagram*)⁴ para divulgar as atividades e campanhas desenvolvidas.

Cabe salientar ainda que, durante os trabalhos realizados pelo projeto “*Enoteca Virtual*” em 2019 e 2020, observou-se uma estreita relação entre o prédio da Vinícola e o Núcleo de Memória do Campus, uma vez que parte expressiva da documentação que hoje está depositada neste último se originou ou faz referência à vinícola. O próprio espaço físico da vinícola, inaugurado em 1979, se constitui em patrimônio arquitetônico do campus Bento Gonçalves, abriga a primeira Enoteca pública do país e hospeda as aulas práticas do primeiro Curso Superior de Tecnologia em Viticultura e Enologia do país. Em relação à Enoteca física

⁴ A conta das redes sociais do projeto é @numemenoteca.

mencionada, vale destacar que sua coleção faz referência à memória e à evolução da indústria enológica nacional, com itens representativos que abrangem quase um século de história⁵. Sendo assim, o Núcleo de Memória e a Enoteca se uniram em um projeto único, com o intuito de continuar resgatando a memória institucional.

No projeto “*Núcleo de Memória e Enoteca IFRS-BG: a busca pelo resgate e preservação da memória institucional*” foram realizadas, dentre outras atividades, duas campanhas de resgate documental: uma delas centrada no resgate de documentos da Banda Marcial e a outra no resgate de documentação relativa às cerimônias de Formatura. A primeira delas buscou resgatar a história da Banda Marcial da escola, sobre a qual existiam poucos registros e informações precisas dentro da instituição, se formatando em uma carência documental e histórica que, devido à importância que a banda teve para a instituição e para os egressos, sentiu-se necessário, ao menos em parte, tentar suprir.

O objetivo principal dessa campanha foi recuperar, através de documentos diversos (fotografias, ofícios, depoimentos orais, entre outros), a trajetória da banda e compartilhar essa jornada com a comunidade, tentando preencher a lacuna de falta de registros e documentos referentes aos anos ativos da banda. Para atingir o objetivo proposto, foram realizadas as seguintes atividades: divulgação de uma campanha de resgate histórico nas redes sociais do projeto, contato com alunos egressos, servidores ativos ou aposentados e antigos membros da banda para conseguir depoimentos orais, fotos e documentos e, por fim,

⁵ O acervo da Enoteca Virtual pode ser consultado no site do Núcleo de Memória do IFRS, no seguinte endereço <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-enoteca-virtual>

registro dos documentos e depoimentos no banco de dados do Núcleo de Memória.

Através dessa campanha foram recuperadas cerca de trinta e cinco fotografias, dois ofícios de apresentações da banda, uma relação completa contendo os nomes dos integrantes da banda no ano de 1999 e também a relação do acervo instrumental da banda, a lembrança de falecimento do Maestro da banda, quatro depoimentos orais de antigos membros da banda gravados em vídeos e divulgados nas redes sociais. Com base nessa documentação recuperada se tem registros documentais que embarcam o período de 1991 até 2003 e, alguns depoimentos de egressos, pontuam que a existência da banda remete aos anos de 1988 ou 1989, demonstrando a permanência da mesma por mais de uma década. Abaixo seguem alguns dos documentos recuperados durante essa campanha:

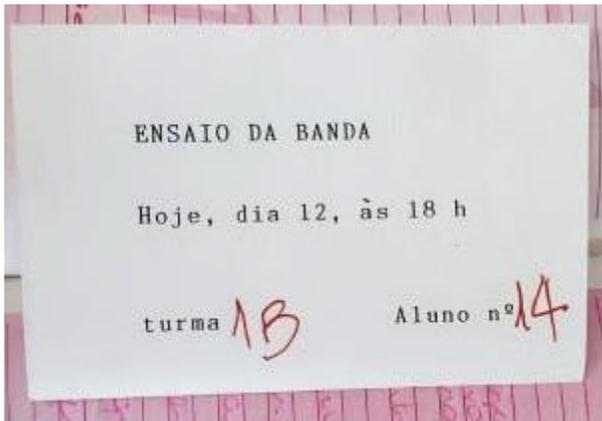


Figura 3: Lembrete para o ensaio da banda encaminhado por um aluno egresso e antigo membro da banda (1998)

Fonte: Acervo do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves

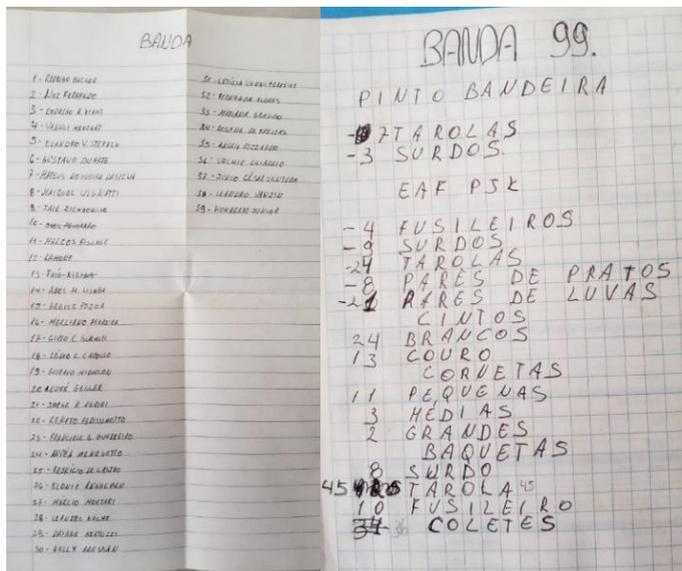


Figura 4: Relação dos integrantes e relação do acervo instrumental da Banda encaminhado por um aluno egresso e antigo membro da banda (1999)

Fonte: Acervo do Núcleo de Memória do Campus Bento Gonçalves



Figura 5: Banda Marcial 1991

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>



Figura 6: Banda Marcial 1997

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>



Figura 7: Banda Marcial 1999

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>



Figura 8: Banda Marcial 2003

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

Esses exemplos de documentos recuperados demonstram a potencialidade do acervo do Núcleo e a diversidade da documentação que está sendo recuperada. Uma análise um pouco mais apurada dos registros fotográficos visualizados acima aponta para a própria alteração da nomenclatura da Instituição ao longo do tempo e abre inúmeras possibilidades de pesquisas históricas.

Ainda sobre essa campanha da Banda Marcial, é importante ressaltar que, com a coleta de depoimentos orais de antigos membros da banda⁶, iniciou-se a recuperação de um tipo de documento que ainda não existia no Núcleo de Memória do *Campus*, de forma que agora o Núcleo começa a inserir no seu banco de dados também os depoimentos orais, ampliando assim o conjunto de documentos que auxiliam na recuperação da história institucional.

⁶ Os vídeos com os depoimentos orais dos egressos e antigos membros da banda podem ser conferidos nas redes sociais do projeto, na conta @numemenoteca.

Sabe-se que o resgate da história da banda está dando os primeiros passos e que é preciso recuperar mais documentos e gerar maior envolvimento com os egressos, porém a campanha realizada através do projeto é bastante significativa e isso se reflete nos próprios depoimentos orais coletados, os quais transmitem lembranças afetuosas de um tempo em que a música fazia parte do cotidiano escolar e ultrapassava os limites deste.

A outra campanha realizada e que ainda está em andamento tem o seu foco no resgate de registros das formaturas e pretende recuperar, através de chamamentos nas redes sociais e através do envio de e-mail para os egressos, documentos diversos desse momento tão importante na trajetória dos estudantes: fotografias, convites de formatura, discursos dos oradores, discurso dos paraninfos, dentre outros registros. A campanha iniciou nas redes sociais do projeto com a publicação da foto da primeira turma de formandos do Curso Técnico em Viticultura e Enologia seguido de um pequeno texto contendo o convite para que os egressos encaminhassem seus registros para o e-mail do Núcleo.



Figura 9: Primeira turma de formandos da Escola de Viticultura e Enologia de Bento Gonçalves (1962)

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

Abaixo seguem alguns registros fotográficos recuperados durante a campanha destinada à recuperação dos eventos de formatura.



Figura 10: Formatura do Curso Técnico em Enologia (1999)

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

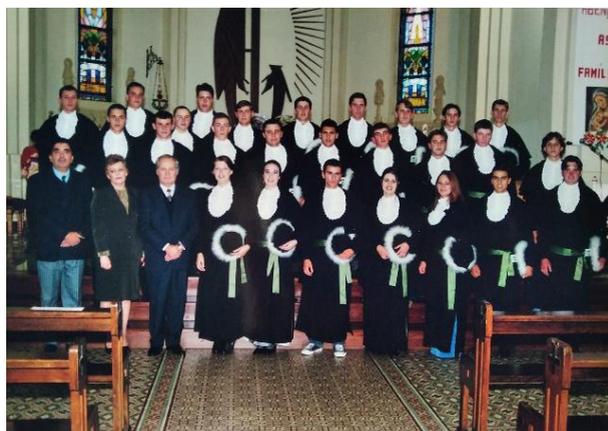


Figura 11: Formatura do Curso Técnico em Agropecuária (2001)

Fonte: Acervo do NuMem/IFRS

Disponível em <https://memoria.ifrs.edu.br/acervo-fotografico>

Essas duas campanhas, que aqui foram brevemente descritas, demonstram tanto a grande quantidade de documentos que elas são capazes de arrecadar, contribuindo assim para ampliar o acervo do Núcleo, como a qualidade e a importância histórica desses registros documentais que se encontram espalhados por toda a comunidade que fez e faz parte do *Campus* Bento Gonçalves: alunos, servidores, colaboradores, terceirizados e a comunidade externa como um todo. Essas duas campanhas servem como motivação para que outras campanhas sejam lançadas no futuro, seja a recuperação de documentos de determinado curso, de determinados eventos realizados (como as gincanas, por exemplo), ou de certas agrupações institucionais (teatro, coral, times esportivos, centros acadêmicos, dentre outros).

MELHORIAS NECESSÁRIAS E EXPECTATIVAS FUTURAS

Muito recentemente, o Núcleo de Memória do *Campus* passou a se localizar em uma sala da Biblioteca. Espera-se que esse local se torne permanente para que, com o passar do tempo, esse espaço se configure enquanto ponto de referência e seja internalizado pela comunidade escolar como o local da salvaguarda documental da instituição. Além disso, outra melhoria na estrutura física diz respeito à necessidade de equipar o Núcleo com *scanners* e equipamentos de informática adequados para a digitalização de documentos, bem como armários ideais para o acondicionamento da documentação.

Mas, o que realmente causa maiores dificuldades à condução ideal dos trabalhos do Núcleo é a carência de recursos humanos, uma vez que o Núcleo não conta com servidor designado para desenvolver, de forma permanente, as atividades do mesmo, sendo mantido em

funcionamento através de servidores voluntários. O cenário ideal seria que cada Núcleo local dispusesse de um historiador ou arquivista designado exclusivamente para realizar as atividades do Núcleo de Memória. Por outro lado, temos a consciência de que o contexto atual, marcado por uma falta geral de servidores, impossibilita a resolução do problema em curto prazo, mas é necessário iniciar essa reivindicação por servidores lotados nos Núcleos de Memória do IFRS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Núcleos de Memória nasceram com a função de organizar, salvaguardar, projetar e desenvolver a memória das instituições. O Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS se insere nesse escopo de funções e seu acervo é crucial para a pesquisa histórica e para o estudo da educação pública do país. Espera-se que a leitura desse capítulo possa transparecer as potencialidades do Núcleo de Memória, o esforço realizado pelos membros do Núcleo na tentativa de ampliar o acervo documental, bem como a necessidade de novas campanhas e ações que almejem a preservação da história e da memória institucional, visto que a maneira como a própria instituição organiza seus acervos e coleções demonstra a concepção de memória desta instituição.

REFERÊNCIAS:

- CARDOSO, Aureo Vandrê. **Retrospectiva histórica do Campus Bento Gonçalves do IFRS:** desde a Escola de Viticultura e Enologia. Bento Gonçalves: Editora Sermo, 2020.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212. 1992.

Regimento interno do Núcleo de Memória do *Campus* Bento Gonçalves do IFRS/ Resolução nº 029, de 23 de setembro de 2019. Disponível em: https://ifrs.edu.br/bento/wp-content/uploads/sites/13/2019/10/ANEXO-RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-029-de-2019_Regimento-Interno-do-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria-do-Campus-Bento-Gon%C3%A7alves-do-IFRS.pdf

Regulamento Geral do Núcleo de Memória do IFRS/ Resolução nº 022, de 02 de março de 2021. Disponível em https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2021/03/Regulamento-NuMem_IFRS.pdf

3

MEMÓRIAS DO IFRS – *CAMPUS SERTÃO* EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19 E ISOLAMENTO SOCIAL

*Carla Diefenbach*¹

*Elisa Iop*²

*Elias José Camargo*³

*Eloenes Silva*⁴

*Luciana de Oliveira*⁵

*Roberto Sander*⁶

I. MEMÓRIAS DO IFRS *CAMPUS SERTÃO*: DO MEMORIAL AO NUMEN

A história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Sertão*, localizado no distrito de Engenheiro Luís Englert, em Sertão (RS), está vinculada à história da Educação Profissional no Rio Grande do Sul. Em virtude do seu papel na educação do Estado, é fundamental que a sua memória, assim como das

¹ Graduada em Medicina Veterinária, Licenciada em Esquema II, Mestre em Extensão Rural, Doutora em Educação, Docente titular do IFRS *Campus Sertão*. E-mail: carla.diefenbach@sertao.ifrs.edu.br

² Graduada em Artes Plásticas (UFSM-RS); Mestre em Educação (UFPR-PR); Doutora em "Cultura y Sociedad" (UPV/EHU-ES); Professora efetiva da área de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Sertão*; integrante do Núcleo de Memória do IFRS – *Campus Sertão* e coordenadora do Memorial do *campus*. E-mail: elisa.iop@sertao.ifrs.edu.br.

³ Graduado em Gestão Pública e mestrando em História. Técnico Administrativo em Educação e integrante do Núcleo de Memória do IFRS *Campus Sertão*. E-mail: elias.camargo@sertao.ifrs.edu.br

⁴ Doutor e Mestre em Educação (UFRGS); Especialista em História Contemporânea (FAPA-RS); Graduado em História, (FAPA-RS). Professor substituto de História no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Sertão*. Integrante do Núcleo de Memória do *Campus Sertão*.

E-mail: eloenessilva@gmail.com

⁵ Graduada em História (PUCRS); Especialista em História do Rio Grande do Sul (Unisinos); Mestre e Doutora em História das Sociedades Ibéricas e Americanas (PUCRS); Foi professora substituta de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – *Campus Sertão*; colaboradora externa do Núcleo de Memória do IFRS – *Campus Sertão*. E-mail: luciana_de_oliveira@hotmail.com

⁶ História LP/UPF -Ms. Educação UPF - Professor Rede Privada PF, membro externo do Núcleo de Memória do *Campus Sertão*.

comunidades do seu entorno seja organizada, preservada e acessível à comunidade interna e externa.

Para tanto, em dezembro de 2016, com o intuito de efetuar a coleta, sistematizar e gerar fontes informativas sobre memória institucional, a fim de preservá-la e difundi-la, promovendo estudos e pesquisas de caráter interdisciplinar, foi criado o Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, mediante a aprovação do seu regimento interno por parte do Conselho de *Campus* (CONCAMP). O Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, órgão diretamente vinculado à Diretoria de Desenvolvimento Institucional (DDI), tem como missão “preservar, conservar e difundir a memória da instituição, potencializando a interação da sociedade com a produção científica, técnica, tecnológica e cultural, além dos testemunhos históricos de seus personagens”⁷. O Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina – IFS, no *Campus Florianópolis*, foi uma fonte de referência para a criação do Memorial do IFRS – *Campus Sertão*.

Contudo, a história da criação do Memorial do IFRS – *Campus Sertão* inicia-se já no ano de 2010 quando um grupo de servidores se reúne com o objetivo de construir um Centro de Memória na instituição⁸. Em 2015 foi instituída a Comissão do Centro de Memória do IFRS – *Campus Sertão*. Sob a coordenação do professor de história Odair José Spenthof (atual diretor do IFRS – *Campus Sertão*)⁹ e, em 2016, a professora Elisa Iop¹⁰. Outras iniciativas importantes foram: oficina criativa “IFRS – *Campus Sertão: fragmentos de uma história*”, desenvolvida pelo projeto

⁷ Regimento Interno do Memorial, 2016.

⁸ Cláudio Kuczowski, Josimar Aparecido Vieira, Elisa Iop, Cláudia Pacheco e Juliana Giroto.

⁹ Participaram da comissão os professores Alexandra Ferronato Beatrici, Adilar Chaves, Eidi Denti, Carla Diefenbach e Maria Tereza Bolzon Soster.

¹⁰ Participaram da comissão Maria Teresa Bolzan Soster, Alexandra Ferronato Beatrici, Adilar Chaves, Eidi Denti e Carla Diefenbach.

“Incentivo ao desenvolvimento do artesanato de referência cultural em Sertão (RS)” por ocasião do “IX Encontro de Ex-alunos e Ex-servidores”, em 2011, junto a dois grupos da Terceira Idade, da cidade de Sertão e do Distrito Engenheiro Luís Englert; *Árvore genealógica da instituição, 2016* - trabalho desenvolvido na disciplina História da Educação, ministrada pela professora Elisa Iop, realizado pelas alunas do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas - Juliana Assumpção Netizke e Laurita Klein e Galeria dos Ex-Diretores (prédio central do *campus*), idealizada pelo professor Odair José Spenthof e inaugurada em 2017.

Em 28 de novembro de 2017, ano em que a instituição completou sessenta anos, o espaço físico do Memorial foi oficialmente inaugurado com a exposição de caráter permanente intitulada – “IFRS – *Campus* Sertão: fragmentos da nossa história”. Importante mencionar que ele ocupa o principal prédio do que outrora foi a Estação Experimental de Trigo de Passo Fundo (1937-1969). Hoje, o mesmo prédio abriga o Setor de Cultura e Arte, do qual o Memorial faz parte e, desde 2021, o NuMem do *Campus*.



Fig. 1 Público na Inauguração do Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, 2017

Comunidade interna e externa

Foto: equipe do Memorial



Fig. 2 Local onde se situa o Núcleo de Memória (NuMem) e o Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, 2020

Setor de Cultura e Artes, IFRS – *Campus Sertão*.

Foto: Roberto Sander

A exposição “IFRS – *Campus Sertão*: fragmentos da nossa história” é composta pelos núcleos de “De onde viemos?” (1957-2008) e “Quem somos? IFRS – *Campus Sertão*” (2008 -.....), cada um com sua respectiva linha do tempo da história da instituição. Também contempla um núcleo expositivo de caráter temporário que, por ocasião da sua inauguração no ano de 2017, intitulou-se “Tempo de Celebrar – 60 anos”.

O Núcleo “De onde viemos? (1957-2008)” aborda uma breve contextualização da localidade em que a instituição se insere, Engenheiro Luís Englert, antiga Vila de Passo Fundo, atual distrito do município de Sertão, destacando-se, também, a ocupação indígena e a presença de comunidades quilombolas na região. Evidenciou-se, também, além da estação férrea, o protagonismo da “Estação Experimental de Trigo”,

conhecida como "Estação Experimental de Passo Fundo". Aborda-se alguns fragmentos da história da instituição, desde o ano da sua criação, em 19 de julho de 1957¹¹, cujo principal objetivo era atender filhos de funcionários da “Estação Experimental de Passo Fundo” e de agricultores colonos que repovoaram a região na primeira metade do século XX, até o período da Escola Agrotécnica Federal de Sertão - EAFS (1979-2008).

O Núcleo “Quem somos?” (2008 -...) contempla fragmentos da história do IFRS – *Campus Sertão*. Destaca a Lei nº 11.892 de 29/12/2008 que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, momento em que a antiga Escola Agrotécnica Federal de Sertão (EAFS) passa a fazer parte da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, vindo a tornar-se *Campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Por fim, o Núcleo “Tempo de Celebrar Nossos 60 anos” – 2017 presta uma homenagem aos “60 anos” da instituição.

Desde então, a cada ano os núcleos expositivos “De onde viemos? (1957-2008)” e “Quem somos?” (2008 -...) vem sendo reelaborados. Um novo tema sempre é proposto para o núcleo de caráter temporário. Em 2018, foi proposto o núcleo expositivo em homenagem aos “10 anos dos IF’s e do IFRS – *Campus Sertão*” (2018)¹².

¹¹ Com a denominação de Escola Agrícola de Passo Fundo, depois Ginásio Agrícola de Passo Fundo (1964), Colégio Agrícola de Passo Fundo (1968), Colégio Agrícola de Sertão (1968), Escola Agrotécnica Federal de Sertão – EAFS (1979) e, em 2008, passando a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul em 2008.

¹² No ano de 2021 foi proposto o Núcleo Expositivo em homenagem aos dez anos do Encontro de Ex-alunos e Ex-servidores. Também foi criada uma Linha do Tempo em comemoração aos 25 anos de Semana da Juventude (Ginásio de Esportes) e colaboração na construção Linha do Tempo do Movimento LGBT+ (hall de entrada do prédio central).

As ações desenvolvidas pelo Memorial do IFRS – *Campus Sertão* desde a sua inauguração, em 2017, foram realizadas a partir da proposição de projetos de ensino, extensão e indissociabilidade. Até o ano de 2019 os projetos foram: projeto de extensão “Dando visibilidade ao Memorial do IFRS – *Campus Sertão*: exposição “fragmentos da nossa história, Edital PROEN/IFRS nº 002/2017 e Edital Bolsas de Extensão 2017¹³; projeto de extensão “Memorial do IFRS-*Campus Sertão*: ações educativas exposição - fragmentos da nossa história”, Edital PROEX - IFRS nº 74/2017, Edital Bolsas de Extensão 2018¹⁴; projeto Indissociável: ensino, pesquisa e extensão “Memorial do IFRS – *Campus Sertão*”, Edital nº IFRS 02/2019 - Apoio a Projetos Indissociáveis de Pesquisa, Ensino e Extensão nos Campi do IFRS¹⁵ e projeto de pesquisa “Banco de Dados do Memorial do IFRS *Campus Sertão*”, Edital IFRS nº 91/2018 - Fluxo contínuo – Projeto de Pesquisa e Inovação (2018- 2019)¹⁶. Ao longo desses anos também contribuíram para essas ações integrantes do Conselho Consultivo do Memorial¹⁷ -

¹³ Coordenadora: Elisa Iop. Alunos Bolsistas: Fernanda Souza de Oliveira (Formação Pedagógica), Gabriel Costa Siqueira (Tecnologia e Análise em Desenvolvimento de Sistemas) e Juan Alexandre Oliveira da Silva (Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio). Alunos Colaboradores: Bolsistas do projeto SERTANEARTE Intervenções artísticas no IFRS – *Campus Sertão* - Alex de Conto Zampiron e Ana Paula Rezzadori (Bacharelado em Zootecnia) e Janaina Gois Couto (Proeja Técnico em Comércio).

¹⁴ Coordenadora: Elisa Iop. Vice coordenadora: Luciana da Costa de Oliveira. Colaborador: Victor de Carvalho Gonçalves. Bolsistas: Luana Camargo Soares e Taísa Mulinari (Curso de Bacharelado em Zootecnia) e William Grosseli (Tecnologia e Análise em Desenvolvimento de Sistemas).

¹⁵ Coordenadora: Elisa Iop. Vice coordenadora: Luciana da Costa de Oliveira. Colaboradores: Victor de Carvalho Gonçalves e Verônica Wegner. Alunos Voluntários: Alex Deconto Zampiron e Ana Paula Rezzadori.

¹⁶ Coordenadora: Luciana da Costa de Oliveira. Colaboradores: Elisa Iop e Alex de Conto Zampiron.

¹⁷ Elisa Iop (coordenadora), Alexandra Ferronato Beatrice, Ana Lúcia Mattana Folle, Carla Verônica Vasconcelos Diefenbach, Dagmar Pedro Tamanho, Débora Tomasini, Fernando Machado dos Santos, Gabrieli Albuquerque da Silva, Iva Shafer, Ivete Scariot, Lis Ângela Bortoli, Maria Teresa Bolzon Soster, Rodrigo Oliveira Lamb, Valdir Bernardo Tamanho, Vanda Aparecida Fávero Pino e Victor de Carvalho Gonçalves.

Portaria nº 513, de 16 de novembro de 2017 e, da Comissão de Acervo - Portaria nº 453 de 21 de setembro de 2017¹⁸.

A partir desses projetos foram desenvolvidas ações educativas junto à comunidade interna do IFRS *Campus Sertão* e externa. Segundo o Regimento Interno, o Segmento de Educação tem por atribuições: “desenvolver, coordenar e supervisionar as atividades sócio-educativo-culturais no Memorial; propor e executar ações didáticas de apoio às exposições e estabelecer intercâmbio entre unidades de ensino locais e regionais”¹⁹. Assim, seguindo as orientações do regimento e objetivando tornar o espaço acessível aos alunos da instituição bem como à comunidade externa, foram planejadas ações em educação patrimonial. Dentre as de maior destaque estavam as visitas e mediações guiadas e, também, atividades lúdicas e pedagógicas acerca da memória e do patrimônio da instituição e seus entornos.

As visitas e mediações guiadas eram realizadas pela equipe do Memorial e apresentavam dois momentos: o primeiro, de apropriação do espaço onde estava localizado o Memorial, isto é, o prédio histórico propriamente dito. O segundo, já em suas dependências, orientava o visitante dentro da exposição. A relevância de trabalhos focados em ações educativas, sobretudo as vinculadas à Educação Patrimonial, está tanto na apropriação dos bens culturais quanto nas novas significações que espaços e objetos passaram a ter após a visita. Entendendo que a Educação Patrimonial “(...) constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-

¹⁸ Elisa, Iop, Víctor de Carvalho Gonçalves e Sergiomar Theisen.

¹⁹ Regimento Interno do Memorial, 2016.

histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação (...)”²⁰, as atividades propostas pelo Memorial cumprem papel fundamental nesse processo.

As mediações realizadas junto aos alunos da instituição iniciavam com dois questionamentos: se sabiam o que era o prédio que ora estavam adentrando e se tinham conhecimento da existência do Memorial. À primeira questão, quase todos ignoravam o fato do prédio ser dos anos de 1930 e que, outrora, havia abrigado a Estação Experimental de Trigo de Passo Fundo. Já à segunda, alguns alunos diziam saber que no prédio estava localizado o Memorial, porém nunca o tinham visitado.

Partindo dessas questões, então, iniciava-se a visitação. Após conhecerem o histórico do prédio, os alunos eram levados ao espaço expositivo. Lá, a primeira intervenção era feita na “Linha do Tempo”, pois era dela que os demais *links* eram estabelecidos. Essa Linha do Tempo, vale mencionar, não estava restrita apenas à história da instituição. Sua narrativa contemplava, também, a historicidade da região. Apresentar a ocupação do território pelas populações indígenas (Jês, Kaingang) e a formação das comunidades quilombolas (Arvinha e Mormaça) não apenas informava mas, sobretudo, representava muitos dos estudantes da instituição.

Ao observar a Linha do Tempo, toda elaborada com fotos do acervo, o estudante era convidado a estabelecer relação com os núcleos expositivos. Assim, ao ler a respeito da ocupação indígena na região, outros elementos completavam a informação. Esse é o caso, por exemplo, do material arqueológico encontrado na instituição e, também, de um

²⁰ IPHAN. Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos. Rio de Janeiro: IPHAN, 2014, p. 23.

remanescente de casa subterrânea que ainda hoje está localizado ao lado do prédio do Memorial. Afora isso, instrumentos utilizados em aula, troféus, departamentos de cultura gaúcha e teatro igualmente dialogavam com as imagens dispostas na Linha do Tempo.

Outra atividade que despertava interesse nos alunos era a visualização e percepção das transformações pelas quais o *campus* passou ao longo dos anos. Convidados a observar uma fotografia dos anos 1960 e um quadro fotográfico de grandes dimensões dos anos 1990, eles percebiam os espaços que não existiam mais, as modificações da natureza do entorno e, também, as construções mais contemporâneas. Essa atividade, por mais simples que pareça, oportunizou a muitos alunos a percepção da historicidade da instituição e a importância da preservação do patrimônio para a salvaguarda da história.

Nesse processo era comentado, também, um novo espaço que estava sendo organizado no Memorial: o arquivo histórico. Desvinculado de qualquer noção que entende um arquivo como *morto*, pois eles são vivos e ricos em memória, o acervo em questão era relacionado com o arquivo, isto é, aos alunos era comentado que toda a história que se conseguiu contar a eles na visita só foi possível porque documentos históricos foram preservados. Assim, fotografias, objetos tridimensionais, documentos escritos, entre outros, entravam em cena para evidenciar como se pesquisa e se escreve a história.

Quando o público visitante não era o de alunos do *campus*, as mediações eram pensadas a partir da especificidade do grupo. Se não conheciam a instituição e a região, a visitação era centrada justamente nesses pontos. Porém, aos que eram da região, o trabalho desenvolvido estava mais próximo das memórias compartilhadas. Ao mesmo tempo em que o acervo era apresentado, muitas informações eram recolhidas

por meio das vivências e experiências dos que ali estavam. Esse foi o caso, por exemplo, da visita de dois grupos de terceira idade, um do distrito de Engenheiro Luiz Englert, onde está localizada a instituição, e outro da cidade de Sertão.

Afora apresentar o prédio e o acervo do Memorial, foi realizado com esses grupos o “Bingo da Memória”. O jogo, já conhecido de muitos, trocou os famosos números por imagens. Estas, integrantes do acervo, faziam referência à história da cidade, do distrito e da instituição. Assim, no momento em que uma pergunta era feita por um dos mediadores, os visitantes deveriam procurar as respostas entre as imagens fotográficas que compunham suas tabelas. Esse jogo, que faz parte das ações educativas propostas pelo Memorial, proporcionou uma tarde de ricas conversas com os participantes, uma vez que, ao trazerem suas memórias e vivências à tona, auxiliavam na construção da história não apenas da região mas, sobretudo, da instituição.



Fig. 3 Bingo da Memória ,2019

Foto: equipe do Memorial

As propostas que fazem parte das ações educativas do Memorial tem o intuito de, aos poucos, desconstruir a ideia de que os espaços de memória são lugares distanciados do processo educativo. Ao estabelecer atividades voltadas à educação patrimonial, o aluno apropria-se da história. Sente-se protagonista na construção de conhecimento. Colocá-lo como elemento questionador e problematizador não só favorece um ensino crítico mas, também, reforça a representatividade de cada um dentro de um espaço de memória.



**Fig. 4 Visita do grupo da Terceira Idade (Grupo “Viver Bem”),
Engenheiro Luís Englert, 2019**

Monitoria: equipe do memorial

Apresentação da Banda Combos, coordenação Felipe Batistela Álvarez

Foto: equipe do Memorial

Ao longo do ano de 2018 e 2019, outra atividade importante realizada pelo Memorial foi a higienização e processo inicial de catalogação do acervo fotográfico do Memorial realizado pela professora de história Luciana da Costa de Oliveira, participante da equipe do Memorial. Também foi criado pela referida professora um Banco de Dados para catalogação do acervo do Documental do Memorial.

A história do Memorial e do Núcleo de Memória do IFRS – *Campus Sertão* começa a se inter-relacionar a partir do ano de 2021, quando foi

instituída a criação do NuMem do IFRS – *Campus Sertão* mediante a Portaria nº 134 de 25/05/2021²¹. A proposta de criação do Núcleo de Memória do IFRS (NuMem/IFRS) foi lançada no ano de 2018 em comemoração aos 10 anos dos Institutos Federais (IF's). Contudo, seu Regulamento Interno foi aprovado pelo Conselho Superior do IFRS somente em 02/03/2021, Resolução Nº 22/2021. O NuMem/IFRS é um espaço virtual, interativo e permanente, onde são desenvolvidas ferramentas, mecanismos e projetos para a preservação e salvaguarda da memória institucional de forma sistemática e permanente. Na identidade visual do NuMem e Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, por exemplo, essas inter-relações ficam evidentes conforme podemos observar na figura 5.



Fig.5 Identidade visual NuMem e Memorial do IFRS – *Campus Sertão*

²¹ Presidente da comissão e coordenadora do Memorial: Elisa Iop (Vice – Victor de Carvalho Gonçalves). Docentes: Odair José Spenthof, Sergiomar Theisen, Maria Teresa Bolzan Soster, Eloenes Lima da Silva, Verônica Wegner e Carla Diefenbach. Técnico administrativos: Virginia Bacca Perin, Elias José Camargo, Victor de Carvalho Gonçalves, Juliana Fagundes e Simone Steffens. Discentes: Alex de Conto Zampiron. Participantes da comunidade externa: Ana Maria da Rosa Prates, Luciana da Costa Oliveira, Roberto Sander, Iva Schfer e Elenice Klaus Cunha. No ano de 2021 os servidores Victor de Carvalho Gonçalves e Simone Steffens não participaram do NuMem pois estavam em licença capacitação. No ano de 2022 ainda será lançada uma nova portaria.

A identidade visual do NuMem e do Memorial do IFRS – *Campus Sertão* foi construída a partir da identidade visual do NuMem/IFRS e dos IF's, aliada ao convite de inauguração do Memorial do *Campus Sertão* (2017). O convite originou-se de um trabalho realizado no ano de 2017 pelas estudantes Gabriel da Siva Pilger e Júlia Maria Peretti junto à disciplina de Artes do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, ministrada pela professora Elisa Iop. O trabalho consistiu em uma intervenção artística com elementos naturais realizada na calçada que circunda o espaço físico do Memorial e, desde 2021, também do NuMem do *campus*.

Atualmente estamos elaborando o Regulamento Interno do NuMem do IFRS – *Campus Sertão* e, por sua vez o revendo o Regimento Interno do Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, pois o Memorial será um organismo vinculado ao NuMem do *Campus* e, por sua vez, ao Departamento de Extensão.

No ano de 2020, quando foram suspensas as atividades presenciais na instituição devido a Pandemia Covid-19 as ações do Memorial e, no ano de 2021, também do NuMem do *campus*, sofreram o impacto da pandemia. Adaptar a exposição e atividades pedagógicas ao espaço virtual se tornou desafiador, uma vez que os alunos - e a sociedade como um todo - estava sendo atingida massivamente por atividades à distância.

II. NOMEM E MEMORIAL DO IFRS - CAMPUS SERTÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS E A MEMÓRIA VIRTUALIZADA

Ao reportar as memórias da pandemia do IFRS *Campus Sertão* é fundamental perceber que, independentemente de características comuns a qualquer educandário, cada estabelecimento de ensino possui

uma cultura escolar própria, construída historicamente e baseada em valores e normas que ali emergem, como também nas relações das pessoas que fazem parte da instituição. Assim, a notícia de uma pandemia com interrupção das aulas trouxe sentimentos de inquietação e impotência. Tudo é novo e desafiador, não tínhamos uma receita pronta e nem respostas acabadas a todas as perguntas e dúvidas, mas sim o compromisso de continuar com nosso ensino público de qualidade.

Segundo Fraiman (2020), todos perdemos na pandemia. Perdemos liberdade, perdemos dinheiro, perdemos contato, perdemos um tanto de nossa serenidade, de nossa saúde mental até. O autor ainda relata que por meses, por anos talvez, ainda estaremos nos recuperando desse estresse traumático a que fomos expostos. Em nossas atividades observamos que sofremos angústias quanto ao nosso desempenho como professor ser satisfatório, para isso a instituição buscou fortalecer a sinergia entre a família e a escola para ambos serem compreendidos e poderem colaborar.

Com o passar das semanas, e o problema se agravando, partiu-se para tempo indeterminado, gerando deste modo uma imensa angústia e inquietação, vários questionamentos vinham à tona: como recuperar o tempo sem aula? Como fazer para ter contato com os alunos sem perder o vínculo afetivo? Como será nossa vida daqui para frente? Será que teremos competência para trabalhar desta maneira? Perguntas essas que foram tendo respostas às vezes objetivas, por outras vezes subjetivas o que gerava grande desconforto. Com o passar do tempo, ocorreram discussões para debater possíveis caminhos a seguir.

Neste sentido, a colaboração de todos foi primordial, principalmente quanto ao acesso e a utilização das tecnologias. Conforme Pontes (2020), com o confinamento aprendemos a utilizar amplamente os

serviços digitais. Muito além de pedir nossas refeições, ou fazer uma ligação, as ferramentas digitais passaram a fazer parte de nossa rotina.

Obteve-se aprovação da implantação de Atividades Pedagógicas Não Presenciais, as nossas APNPs, regulamentadas pelo conselho superior do IFRS que aprova a Resolução N° 038, de 21 de agosto de 2020 visando regulamentar a implementação das atividades pedagógicas não presenciais nos cursos técnicos e superiores no IFRS, inclusive de pós graduação, em virtude da situação de excepcionalidade decorrente da pandemia da Covid-19. Desta forma, com uma resolução aprovada foi a hora da corrida de cada *campus* para implantação e logística de entrega de um sistema educacional em que os docentes não estavam preparados e familiarizados, o tão temido mundo virtual com suas ferramentas de execução variadas que até então não tínhamos hábito de utilização em rotinas educacionais presenciais.

Mas, diante desse contexto, como adaptar as atividades desenvolvidas pelo NuMem e Memorial do *campus* ao longo do ano de 2020 e 2021? No ano de 2020, as atividades realizadas pelo Memorial do IFRS – *Campus Sertão*, desenvolvidas a partir do projeto de extensão “Memorial do IFRS – *Campus Sertão*: ações educativas”, Edital IFRS N° 16/2020 - Apoio a Programas e Projetos de Extensão Voltados à Arte e à Cultura²², foram realizadas de forma virtualizada. Entre as atividades realizadas, destaca-se o I Ciclo de Estudos do Memorial do IFRS – *Campus Sertão*: oficinas e debates, realizado nos dias 20, 22, 27 e 29/10/2020, das 14 às 18 horas, na plataforma Google Meet, tendo um total de quarenta inscritos. Havia participantes do Rio Grande do Sul, sendo alguns deles servidores do IFRS e de Santa

²² Coordenadora: Elisa Iop. Colaboradores internos: Verônica Wegner, Roberto Sander, Victor de Carvalho Gonçalves, Elias José Camargo, Fábio Roberto Krzysczak e Juliana Fagundes. Colaboradoras externas: Luciana da Costa Oliveira e Ana Maria da Rosa Prates. Bolsista: Alex de Conto Zampiron.

Catarina. Contudo, alguns não participaram de todas as oficinas. A programação foi a seguinte: palestra “Memorial do IFRS – *Campus Sertão*: apontamentos sobre a elaboração de um espaço de memória” (20/10), ministrada pelas professoras Elisa Iop e Luciana da Costa de Oliveira e as oficinas “História, tempo e memória: experimentações em Educação Patrimonial através de atividades com a Linha do Tempo”, ministrada pela professora Luciana da Costa de Oliveira (22/10); “As Comunidades Quilombolas de Arvinha e Mormaça”, ministrada pela professora Ana Maria da Rosa Prates, tendo como convidadas Vanda Aparecida Fávero Pino e Fernanda Souza de Oliveira (27/10), e “Fotografia e Memória”, ministrada pelo professor Roberto Sander (29/10).

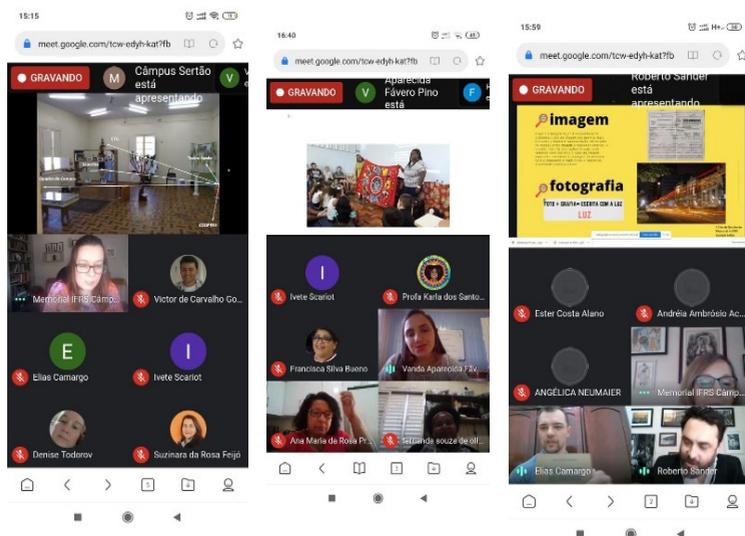


Fig.6 - Prints das oficinas realizadas no Google Meet

Outra ação realizada por meio das redes sociais do Memorial foi a transposição da Linha do Tempo para o modelo virtual. Reeditada para melhor se adaptar às plataformas, a Linha do Tempo cumpriu dois grandes objetivos nesses tempos pandêmicos: aproximar, de certa forma, os

alunos com a história da instituição e, também, promover a interação destes e da comunidade com o *campus*.

Também realizamos o registro das “Memórias do IFRS – *Campus Sertão* nesses tempos de Pandemia (Covid 19)” que, no ano de 2021, foi realizado em parceria com o NuMem do *campus*. A ação foi inspirada no projeto da Fototeca Memória da UFPel - “Memória Visual da UFPel em tempos de pandemia”. Desse modo, os integrantes do NuMem e do Memorial convidaram a comunidade acadêmica (servidores e estudantes) para que compartilhassem fotografias e/ou pequenos vídeos de atividades realizadas na instituição durante o período de realização de atividades remotas devido a pandemia (Covid 19) para compor um acervo organizado a ser utilizado para consultas, pesquisas e projetos futuros desse período que é, certamente, um marco em nossa história.

Foram compartilhados registros das mais variadas atividades, como reuniões-online, lives, atividades pedagógicas/administrativas/de campo, ações relacionadas ao Covid-19 (pesquisa, extensão, campanhas, etc). As fotografias e/ou vídeos foram enviados para o e-mail memorial@sertao.ifrs.edu.br e, no ano de 2021, numem.memorial@sertao.ifrs.edu.br, sendo acompanhadas da data, local, organismo da instituição que a atividade estava vinculada e uma breve descrição do que foi realizado. Alguns dos registros enviados já foram publicados nas redes sociais do Memorial e do NuMem do *campus*.

A partir do material enviado, estamos construindo o Núcleo Expositivo “Tempos de Pandemia” (Covid-19) e Isolamento Social, o qual irá compor a exposição de reinauguração do Memorial em 2022 em comemoração aos 65 anos da instituição. Destacamos que o prédio que abriga o NuMem e o Memorial do *campus* passou por uma reforma ao longo do ano de 2020 e 2021 e por isso a antiga exposição foi desmontada.

Ainda no ano de 2021, os integrantes do Numem e do Memorial do *campus* estiveram voltados ao acervo digital disponibilizado no site do NuMem IFRS (Plataforma Tainacan²³), além do site do IFRS - *Campus Sertão* (Extensão/NuMem e Memorial do *Campus*²⁴) e das redes sociais do projeto (facebook²⁵ e instagran²⁶). Para comemorar seus 64 anos, o NuMem e o Memorial do *campus* convidaram servidores e ex-servidores da instituição, alunos e ex-alunos, bem como moradores da comunidade local, para que gravassem um vídeo parabenizando a instituição pelo seu aniversário. A ação foi coordenada pelo integrante do NuMem e do Memorial do *Campus*, o ex-servidor Roberto Sander. Os vídeos estão disponibilizados no site do NuMem IFRS e nas redes sociais do NuMem e Memorial do *campus*.



Fig 7. - Prints do vídeo do ex-aluno e ex-servidores Odirce Antunes

Com o intuito de preservar a memória institucional desse que, com certeza, é um momento histórico, apresentamos aspectos relacionados

²³ memoria.ifrs.edu.br

²⁴ <https://ifrs.edu.br/sertao/extensao/nucleo-de-memoria-numem-e-memorial-do-campus/>

²⁵ <https://www.facebook.com/NuMem.Memorial.IFRS.Sertao>

²⁶ @numem.memorialifrssertao

a concepção, montagem e materiais que farão parte do Núcleo Expositivo “Tempos de Pandemia” (Covid 19) e Isolamento Social”.

III. CONSTRUINDO O NÚCLEO EXPOSITIVO “TEMPOS DE PANDEMIA (COVID-19) E ISOLAMENTO SOCIAL”

“A memória é uma ilha de edição”, como diria o poeta Wally Salomão. Lembramos por pedaços, nossas recordações realizam cortes, produzem colagens como fragmentos únicos e pessoais, mas sempre evocam o vivido ou o imaginado. Expor nossas lembranças é dar significado às experiências, editamos convívios, compondo entrelaçamentos mútuos entre os outros, eu e o mundo.

Mas, e quando vivemos um tempo de distâncias presenciais, de afastamentos físicos? Como nos lembraremos desse tempo em que as “geografias” não se definiram pelo território percorrido e demarcado pelos nossos deslocamentos? Ainda, como iremos dar significado aos acontecimentos nesse tempo de isolamento?

Como produzir a exposição de nossas experiências de vida nesse tempo em que a pandemia nos relegou a uma “solidão povoada”, como profetizou o filósofo Gilles Deleuze no já distante ano de 1984? Um mundo em que estaríamos a sós e acompanhados ao mesmo tempo, um mundo em que seríamos uma sociedade controlada pelos meios tecnológicos.

A partir dessas provocações iniciais é possível pensar a ideia de um núcleo expositivo por meio de uma montagem que retome a ambientação característica de um tempo que vivemos dentro de nossas casas, de nossos quartos, rodeados por tecnologias, especialmente construídas para iluminar nossas intermináveis reuniões *on line*. Um tempo que nos

projetou de forma intensa mais para dentro de nós mesmos do que para o exterior das nossas vidas.

Segundo Pierre Nora (1993), a curiosidade pelos lugares onde a memória se refugia e se cristaliza está ligada a momentos particulares da história, como momentos de ruptura com o passado, confundindo-se com sentimento de memória esfacelada, mas que desperta para que se possa colocar um problema. E podemos transformar em questionamento a reflexão do mesmo autor ao perguntar como podemos expor a memória do vivido, já que é carregada por grupos vivos, e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento?

Como dar forma física, construir, produzir e expor concretamente a memória desse tempo de isolamento social? A germinação para tal proposta nasceu a partir do primeiro encontro presencial com os participantes durante o início da montagem para a abertura do Núcleo Memorial do IFRS *Campus Sertão*, em novembro de 2021: a criação de um lugar específico em que fosse possível uma ambientação do isolamento e a vivência virtual que tomou nossas vidas a partir do denominado “trabalho remoto” ou *home-office*.

Partindo dessa concepção teórico-metodológica inicial destacamos as etapas seguintes: a concepção: o núcleo expositivo partiu dos professores Roberto Sander, Elisa Iop e Eloenes Silva, ocasião em que foi sugerido a montagem de uma sala com materiais expositivos característicos e constantes em qualquer ambiente de trabalho remoto durante o período de pandemia.

A montagem: os objetos físicos expostos seriam compostos por um computador pessoal ou notebook, mesa, cadeira, um kit de luminária para foto e filmagem. Materiais largamente usados durante as chamadas *lives* e demais reuniões *on-line*.

A visitação: ao entrar na sala, os visitantes entram em uma sala pequena, semelhante a um quarto, parcialmente iluminado, sugerindo a ambientação característica do lugar. Ao acessar a tela do computador, o visitante terá acesso às memórias da instituição nesses tempos de Pandemia – Covid 19 coletadas a partir do projeto “Memórias do IFRS – Campus Sertão nesses tempos de Pandemia (Covid 19)”: documentos/normativas relacionadas às atividades remotas, atividades para manter vínculo com estudantes antes do início das APNP’s em 2020, campanhas para a arrecadação de alimentos para estudantes em vulnerabilidade social, atividades de ensino, pesquisa e extensão; e por dois vídeos que levam o visitante a refletir sobre possíveis respostas à seguinte pergunta: Como será o mundo pós-covid-19?²⁷ Conforme podemos observar na fig. 8, para a aluna Anna L. Malmann, do primeiro ano do Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, o mundo pós-covid-19 será um tempo de “acreditar”.

²⁷ Especialistas de diferentes áreas do conhecimento nos apresentam possíveis cenários, respostas para a seguinte pergunta: Como será o mundo Pós-Covid-19? Os estudantes do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio do IFRS – Campus Sertão que ingressaram no ano de 2020 e 2021 foram convidados pela professora de Artes Elisa Iop a responder essa pergunta mediante a realização de uma intervenção artística: a escritura de uma palavra síntese no próprio espaço/ambiente de isolamento social dos estudantes, em suas “casas”, aliada a uma breve reflexão sobre a palavra escolhida. Nos vídeos e https://youtu.be/_H31AOWbJe4 e <https://youtu.be/PA2xseB9I8A> são apresentados os registros fotográficos da “intervenção-palavra” aliado a reflexão sobre seus significados.



Fig. 8 Print do vídeo de 2020

Intervenção artística realizada no espaço de isolamento social, na “casa” de Anna L. Malmann.

A montagem do espaço expositivo possui, além da construção e valorização da memória durante o período pandêmico, um objetivo educativo. Evidente que toda exposição, seja artística, museológica ou patrimonial, em seu princípio é educativa. Especificamente, a exposição é direcionada aos alunos do *campus* e, desse modo, atinge uma dimensão pedagógica, pois está inserida em um espaço educativo e de ensino por excelência. No entanto, é preciso lembrar que ela ultrapassa os limites do *campus*, tornando-se aberta para a visita da comunidade.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações planejadas pelo NuMem IFRS *Campus* Sertão, tanto nos âmbitos material e imaterial, foram produzidas a partir dos conceitos de “educação patrimonial” e de “memória histórica” articulados com projetos de ensino no campo da Educação. Sustentam tais ações as

visitas e mediações guiadas, articuladas a atividades lúdicas e pedagógicas acerca da memória e do patrimônio da instituição e seus entornos.

Os núcleos expositivos contemplam exposições de caráter permanente e temporário. Para tanto, o Núcleo “De onde viemos ?” responde à indagação das origens da comunidade local e da antiga instituição da Escola Agrotécnica enquanto que o núcleo “Quem somos ?” contempla os fragmentos da história da instituição a partir da criação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul *Campus Sertão*.

Desde sua criação, em 2017, o Memorial do IFRS *Campus Sertão* desenvolve projetos de ensino e extensão, proporcionando ações educativas voltadas ao conhecimento da história local e regional a partir de exposições como a intitulada “Fragmentos de nossa História”, visando a educação patrimonial com objetos, fotos e materiais das diversas épocas da instituição, bem como o fortalecimento da memória histórica através do conhecimento das várias matrizes étnicas presente na formação da região. As visitas guiadas eram proporcionadas tanto aos alunos do *campus Sertão* quanto aos visitantes externos.

Mesmo em tempos de pandemia, o Memorial não deixou de realizar suas ações. Como grande parte do que foi proposto nesse período, as atividades virtuais tiveram protagonismo e foram pensadas como forma de aproximar os alunos e a comunidade do espaço que, durante o distanciamento social, foi suprimido de todos. Além disso, pensar no retorno ao modelo presencial através da exposição “Tempos de pandemia (Covid-19) e Distanciamento Social” foi uma maneira de estabelecer um diálogo entre o mundo pós-Covid e as experiências vividas durante o isolamento.

Memória, arte e história. Palavras que confluem no fazer do Memorial do IFRS *Campus* Sertão. Elementos que são centrais para uma educação que se propõe construtiva e que valoriza seu patrimônio cultural e histórico. Que coloca em evidência sua historicidade e projeta o educando como protagonista da construção do conhecimento. Por tal razão, todas as ações pensadas e desenvolvidas pela equipe do Memorial do IFRS *Campus* Sertão seguem a linha do grande objetivo que sustenta o espaço e que conduz nossa exposição permanente: o de salvaguardar fragmentos de nossa história.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. 3. ed. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013. p. 223-230.
- FRAIMAN, L. Escola e família: parceria para enfrentar os novos tempos. In: FRAIMAN, L. [et.al]. **O efeito da Covid-19** e a transformação da comunidade escolar. São Paulo: FTD, Autêntica, 2020.
- FOTOTECA Memória da UFPel - “Memória Visual da UFPel em tempos de pandemia”. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/crbensmoveis/2020/05/18/fototeca-memoria-da-ufpel/>. Consultado em: 30/05/2020.
- INTERVENÇÃO ARTÍSTICA. Como será o mundo pós-covid-19? (2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PA2xseB9I8A>. Acesso em: 15 nov. 2020.
- IPHAN. **Educação Patrimonial**: Histórico, conceitos e processos. Rio de Janeiro: IPHAN, 2014.
- NORA, Pierre. **Entre Memória e História**. A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Nº 10, 1993.
- PONTES, P. M. L. Tendências para o futuro: o “novo normal” que desejamos. In: FRAIMAN, L. [et.al]. **O efeito da Covid-19** e a transformação da comunidade escolar. São Paulo: FTD, Autêntica, 2020.

REGIMENTO Interno do Memória do IFRS – Campus Sertão, 2016.

SALOMÃO, Wally. **Algaravias**, Câmara de Ecos. Editora Rocco, 1996

4

A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO IFRS *CAMPUS* ERECHIM ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS

*Fábio Roberto Krzysczak*¹

*Maria Inês Varela Paim*²

INTRODUÇÃO

Considerando a importância da memória e da história mediante o conhecimento do passado e da releitura de toda trajetória percorrida, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) preconizou a criação do Núcleo de Memória do IFRS (NuMem/IFRS). Organizado a partir de um Núcleo Central, com ramificações nas unidades da instituição, o NuMem/IFRS tem o objetivo de desenvolver mecanismos e recursos necessários para o resgate e à preservação da memória institucional de forma sistemática e permanente.

Preservar a memória institucional, no entanto, não é apenas resgatar o passado. É também compreender as diferenças e reconhecer os limites de cada lapso temporal. Igualmente, é descobrir valores e renovar vínculos, bem como refletir sobre a história não apenas como recordação, mas como exercício de uma verdadeira práxis, em que a reflexão e a prática andam juntas.

¹ Graduado em Direito; licenciado em História; mestre em Ambiente e Desenvolvimento; doutor em História; técnico administrativo em educação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS); Coordenador do Núcleo de Memória do IFRS *Campus* Erechim; Professor da Faculdade Anhanguera Erechim; E-mail: fabio.krzyszczak@erechim.ifrs.edu.br

² Graduada em Biblioteconomia; especialista em Gestão Escolar: orientação e supervisão; mestre em Letras; bibliotecária-documentalista do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS); integrante do Núcleo de Memória do IFRS *Campus* Erechim; E-mail: inesvarela7@hotmail.com

O presente e o passado sempre foram objetos de interesse para a humanidade. O mesmo fascínio que levou o ser humano a registrar seu cotidiano desde os primórdios de sua história foi o que impulsionou a conservar suas lembranças. E as lembranças do que se viveu, sentiu no passado fazem com que cada pessoa seja única. A capacidade de guardar lembranças foi denominada memória. Entendida como um fenômeno social é uma função psíquica, a memória é propriedade de conservar biologicamente certas informações e elementos, sobre fatos vivenciados. A memória é uma aptidão natural do homem e essa aptidão foi auxiliada com registros documentais como, por exemplo, a fotografia.

A preservação e disseminação da memória é algo que não pode ser ignorado, não só pelo o indivíduo quanto grupos sociais e dentro das instituições. Assim surge a memória institucional, incumbida de manter e propagar os fatos que ocorrem durante todo o trajeto das instituições. Por meio dos documentos produzidos ao longo da trajetória de cada instituição que se tem acesso a sua memória. São os documentos e o acesso a eles que asseguram a preservação da memória institucional. Assim, os indivíduos que fizeram parte da história das instituições também são meios de acesso à memória institucional. No que tange à formação de acervos sobre memória institucional, esses são compostos pelos mais diversos tipos de documentos, dentre eles a fotografia.

Por isso, o objetivo do presente trabalho é demonstrar como a fotografia tem sido um recurso para a preservação da memória institucional do IFRS *Campus* Erechim. Com esta pesquisa abordamos alguns conceitos referentes a fotografia como memória, tendo em vista que a memória é a capacidade de guardar na mente as experiências que os homens adquirem no decorrer de suas vidas. Um ato de lembrar e

recordar abordado pela pesquisa foi a fotografia, pois ela funciona, nas nossas mentes, como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada, trazendo para a atualidade lembranças do passado.

O NÚCLEO DE MEMÓRIA COMO ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO E PROMOÇÃO DA MEMÓRIA DO IFRS CAMPUS ERECHIM

A preservação coletiva da memória tem recebido atenção especial de diversas instituições de ensino nos últimos anos, a exemplo do IFRS que, através de seu Núcleo de Memória, tem realizado um trabalho de resgate dos aspectos históricos (IFRS, 2018).

Para a preservação da memória, parte-se do pressuposto de que esta é a aptidão que o homem possui de relembrar e conservar experiências e informações concernentes ao passado, o que contribui para os processos de interação de cada indivíduo com seu meio.

A partir do início do século XX, a memória passou a ser definida como um fenômeno social na proporção em que as relações entre as pessoas são determinadas pelas formas que interagem entre si por meio de aspectos socioculturais. Nesse contexto, são considerados os diferentes ambientes: familiar, político, profissional, escolar, religioso, dentre outros.

Diante dessa concepção, pode-se dizer que a memória é coletiva, uma vez que se forma pelos fatos e aspectos considerados relevantes, resguardados como memória oficial da sociedade em sua plenitude. Assim sendo, nos lugares da memória, são registrados hinos oficiais, monumentos, quadros e obras artísticas e literárias, os quais revelam a versão consolidada de um passado coletivo da sociedade. À percepção de si e dos demais, a memória provém do trabalho de arranjo e de apuração

do que é importante para o sentimento de unidade, continuidade e coerência, isto é, de identidade de pessoas ou de instituições.

O NuMem/IFRS *Campus* Erechim precipuamente busca desenvolver pesquisas que tenham como objeto a memória do IFRS em seus múltiplos aspectos; propor iniciativas, projetos e produtos relativos à memória do IFRS como um todo; responder às consultas ou demandas de assessoria sobre setores da instituição de ensino, projetos desenvolvidos ou pessoas que participam ou participaram do IFRS *Campus* Erechim; aprofundar teoricamente questões relativas à memória; participar de eventos e iniciativas acadêmicas sobre memória e temas afins.

Assumir a função de contribuir para a construção da memória de uma instituição como o IFRS *Campus* Erechim é um trabalho coletivo no qual todos os que vivem ou viveram a instituição são chamados a auxiliar. Nesse sentido, é uma atividade que supõe compartilhamento do que é feito, com a respectiva responsabilidade do presente somada ao anseio de compreensão do passado. Tudo isso para que, no futuro, as pessoas possam inovar sem desconhecer os caminhos já percorridos.

A memória constitui um dos pilares que dá sentido à vida. Com uma instituição de ensino não é diferente. Preservar a memória institucional é manter a instituição viva e uma forma de fortalecer suas bases. Para que essa memória seja preservada, é necessário conservar fotografias, documentos, objetos e organizar os registros dos fatos. Ademais, é importante considerar que os acertos e os erros do passado contribuem para compreender o presente e planejar ações futuras.

De igual modo, também é fundamental olhar para as pessoas, pois a história de uma instituição de ensino é uma construção que traz em si as marcas dos sujeitos que dela fizeram e ainda fazem parte. Nesse sentido, tanto a comunidade quanto os servidores e alunos que passaram

pelo IFRS *Campus* Erechim, assim como os que continuam atuando, têm sua parcela de contribuição na construção dessa história que se busca resgatar e preservar.

Entre tantos fatos e visões, discursos e práticas, o NuMem/IFRS tem selecionado alguns acontecimentos que marcaram a história do *Campus* Erechim. Isso porque, por trás de cada aspecto observado, há o envolvimento de muitos sujeitos que, com seu trabalho e ações, motivados pelas demandas do seu tempo e pela situação social, política e econômica de cada época, tornaram-se coadjuvantes dessa história.

Convém destacar que o resgate da história é construído através da memória que, em sua essência, configura-se como a faculdade de reter ideias, impressões, sensações adquiridas anteriormente, ou seja, lembranças e recordações que a posteridade guarda. Com isso, além de criar um elo afetivo que possibilita às pessoas perceberem-se como sujeitos da história, a memória desenvolve a consciência e o sentido de pertencimento ao local. Sob essa ótica, os Núcleos de Memória também devem despertar na comunidade acadêmica um senso de pertencimento à instituição de ensino.

Organizados numa lógica emocional e memorial, na maior parte das vezes a partir de experiências e esforços pessoais, os Núcleos de Memória se impõem como espaços de pesquisa imprescindíveis. Assim sendo, sua importância à pesquisa se legitima como um modo privilegiado de acesso a vestígios de sensibilidades, de encenação de atos rituais e de reconhecimento de diferentes práticas de sociabilidades geracionais.

A partir dessa concepção, Olender (2011) ressalta que a preocupação com a memória, bem como com a sua conservação e preservação dos meios de expressão material e imaterial que a consolidam só se pode dar

em uma sociedade que tem a sensação de vê-la escapar definitivamente. Para o autor, só uma sociedade como essa cria os lugares da memória, abrigando-a em locais específicos para ser sacralizada. Nora (1993) corrobora com essa ideia, afirmando que, como a vida, a memória está sempre carregada por grupos vivos. Logo, ela está em permanente evolução, pois, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, constitui-se como um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente.

O NuMem nesta conjuntura, busca sensibilizar a comunidade acadêmica sobre a importância de se preservar a memória do IFRS *Campus* Erechim, sobremaneira, busca-se gerar uma reflexão sobre cultura, patrimônio e memória coletiva dos diferentes aspectos do *Campus*.

Outrossim, a história do IFRS *Campus* Erechim e de seus atores pode também fornecer ricos subsídios à historiografia da instituição. Para tanto, a preservação de documentos, fotografias, arquivos, legislação, eventos, espaços, entre outros, é substancial para que os pesquisadores possam realizar seus estudos, contribuindo, dessa forma, para a escrita da história institucional, além de fortalecer os vínculos e a identidade da sociedade com o IFRS.

Importante também frisar que a preservação da memória representa uma iniciativa de prestação de contas do IFRS *Campus* Erechim à sociedade, uma vez que a sua inexistência prejudica “o desenvolvimento do conhecimento científico, o processo de formação de pesquisadores iniciantes, a exigência da ética da pesquisa, o rigor diante da propriedade intelectual” (GLEZER, 1989, p. 32).

Enquanto a memória estiver direcionada para o saber científico, é imprescindível que as instituições de ensino mantenham o propósito de desenvolvimento do conhecimento por meio da pesquisa, a transmissão

do conhecimento pela intervenção do ensino e a preservação e difusão do conhecimento por intermédio da publicação. Por essa razão, a função dos Núcleos de Memória é basilar à vida acadêmica dos alunos e da própria instituição.

A inexistência de ações de salvaguarda do patrimônio material e imaterial, relativas ao processo acadêmico da instituição, coloca em risco uma rica memória que contribui não só para a identidade do IFRS *Campus Erechim*, mas também, à identidade local e regional. O Núcleo de Memória se constitui, desse modo, como espaço de preservação e promoção da memória institucional.

De modo geral, a preservação da memória e da história costuma ser motivo de constante preocupação, não somente para a classe historiadora, mas para todos aqueles que conhecem o valor e a importância desses aspectos na construção da identidade das instituições, da sociedade, dos povos e dos indivíduos. Além disso, o registro histórico serve de legado às gerações sucessoras, bem como auxilia no aprimoramento e na estruturação de uma sociedade ou de uma entidade, seja a partir do registro individual, ou a partir da construção da memória coletiva, sob recortes que se interligam à história do todo.

Por compreender a importância de se valorizar a história e a memória, o instituto constituiu um Núcleo de Memória (NuMem/IFRS), com o intento de resgatar a memória, a história, a cultura e as transformações da Educação Tecnológica na instituição e no país. Ademais, registrar a importância que o IFRS, enquanto instituição pública de ensino, conquistou nos contextos regional, social e cultural ao longo dos anos.

A proposta ao se instaurar o Núcleo de Memória é, primeiramente, organizar um espaço virtual, interativo e permanente para

armazenamento e centralização de toda produção de dados realizada em pesquisas bibliográfica, documental, histórica e eletrônica. A etapa seguinte é selecionar, identificar e, sobretudo, preservar os acervos iconográfico, documental, sonoro e tridimensional produzidos nas distintas unidades que compõem o IFRS. Por fim, o último passo é divulgar o resultado do trabalho, disponibilizando ao público a história e a memória multifacetadas que ajudaram a constituir e consolidar a importância da instituição nessa década de atuação no processo educativo.

Conforme consta no site do IFRS, na página específica do Núcleo de Memória do IFRS, devido ao seu caráter interdisciplinar e multi-campi, o NuMem “visa à consolidação da memória e da identidade da instituição, por meio do resgate e da socialização da história do IFRS, seja ela anterior a sua criação ou posterior a ela” (IFRS, 2020c, n.p).

De acordo com a Resolução nº 22, de 02 de março de 2021, que aprova o Regulamento do NuMem, a preservação da memória como forma de resgatar e manter viva a história da instituição é o eixo norteador, como especificam seus objetivos.

Art.4º O NuMem/IFRS tem por objetivos:

I - Desenvolver políticas, mecanismos e projetos para a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural de natureza imaterial e material do IFRS, de forma sistemática e permanente.

II - Desenvolver ferramentas e estratégias para a difusão de ações, projetos e atividades do NuMem/IFRS.

III - Captar, organizar e preservar acervos históricos visando à produção e à disseminação de conhecimentos ligados, sobretudo, aos campos da memória e da história institucionais (IFRS, 2021, p. 2-3).

Além do resgate histórico, o NuMem deve “auxiliar na elaboração de projetos de pesquisa, de ensino e de extensão que se proponham a

estudar a história da instituição e de suas comunidades de abrangência” (IFRS, 2021, p. 3). Nessa perspectiva, deve servir de incentivo à realização de novos projetos e ações que relatem a história e o desenvolvimento do IFRS, a partir de uma perspectiva interdisciplinar e/ou indissociável, em conjunto com o tripé Ensino, Pesquisa e Extensão (CATANEO, 2020).

Ao abordar a importância histórica das instituições educativas, Magalhães (2004, p. 138) afirma que a “descoberta do sentido resulta de uma dialética entre evolução/representação/apropriação, com o objetivo de construção de uma identidade histórica”. Sob essa ótica, a valorização histórica considera a existência de uma relação direta desta com a memória. Isso porque a busca pelo resgate do passado, o estudo da história e o desenvolvimento de uma nação, quer seja de forma individual ou enquanto sociedade, proporcionam uma volta no tempo, um retorno às raízes, o que auxilia na percepção e na construção da identidade coletiva.

Nesse sentido, justifica-se a pertinência do estudo da memória orientada à construção da história, pois, conforme assevera Le Goff (2013, p. 437), “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Mediante o propósito de valorizar a trajetória construída desde os primórdios da educação profissional no Brasil, por intermédio do Núcleo de Memória, centralizado em um espaço virtual que facilita o acesso democrático a todos, o IFRS visa manter viva a memória e a história da instituição (IFRS, 2020c). À vista desse propósito, ao intentar a consolidação da identidade institucional, o NuMem procura desenvolver mecanismos que auxiliem na identificação de aspectos que favoreçam a preservação e a valorização da história e da memória do IFRS.

Considerando que o projeto de criação do Núcleo de Memória propõe uma atuação interdisciplinar, indissociável e plural, como prevê o artigo 2º do Regulamento, o NuMem/IFRS, objetivando a preservação da memória e o resgate da história da instituição, intenciona o envolvimento de todas as unidades do IFRS e a amplitude do nível de abrangência. Desse modo, além da Comissão Central, o Núcleo deve ter representação em todos os *Campi*. Por conseguinte, cada comunidade pode retratar a sua história, sua trajetória, seus eventos e seu desenvolvimento.

O Núcleo de Memória do IFRS consiste em um espaço de desenvolvimento de ferramentas, mecanismos e projetos de resgate e preservação da memória de forma sistemática e permanente, além de auxiliar na elaboração de projetos de pesquisa, ensino e de extensão que se proponham a resgatar a história da instituição e de suas comunidades de abrangência (IFRS, 2020, n.p).

Tendo em vista o NuMem/IFRS fundamenta-se no resgate, na organização e na preservação da memória e da história, cada *Campus* pode expor o caminho percorrido desde a fundação até a continuidade das ações que visam ao fortalecimento de uma instituição sólida e adequada à realidade de cada região. Dando sequência a essa proposta, na unidade de Erechim, a constituição do Núcleo de Memória ocorreu em 29 de abril de 2020, por intermédio da Portaria nº 84, designando os membros do NuMem (IFRS, 2020).

Com o intento de seguir as mesmas diretrizes do Núcleo de Memória do IFRS, o NuMem *Campus* Erechim, em concordância com o Regulamento Geral do NuMem/IFRS, pretende se estabelecer como um espaço plural, a partir de “sua relação intrínseca com a diversidade

cultural envolvida na temática da preservação e salvaguarda da memória e da história institucionais, bem como das suas comunidades de abrangência” (IFRS, 2021, p. 2).

Ao sintetizar suas reflexões a respeito da importância de tornar significativa a relação entre história e memória de uma entidade, no caso específico, de uma instituição educacional, Magalhães (2004, p. 169) argumenta:

Na sua evolução, como na sua conservação e consolidação, a dinâmica institucional traduz-se num constructo em que se entrecruzam a educação (como atualização científica, axiológica, tecnológica, de cidadania, de humanidade e subjetivação), a história (como discurso pleno, integrativo, evolutivo) e a instituição (como enquadramento, referente, metaeducação, estrutura de ação e de institucionalização). Tecer nexos entre essas instâncias é torná-las inteligíveis, racionais, significativas, projetivas.

Conhecer a história, a evolução dos povos, as sociedades e também os indivíduos configura um fator de estímulo para historiadores e leigos, justamente por ser possível essa observação do passado. Ademais, viabiliza a construção de um presente e de um futuro, propiciando a correção dos erros ou a repetição desses, contanto que o aprendizado seja produtivo.

Acredita-se, portanto, que a constituição do NuMem *Campus Erechim* pode contribuir com esse resgate da história do *Campus* ao valorizar a memória e fortalecer a identidade institucional, pois “sabemos que é pelo (re)conhecimento de nossa identidade e função social que criamos uma instituição mais forte e comprometida com a comunidade que nos cerca” (IFRS, 2020a, n.p).

Resta acrescentar que o desenvolvimento da história, registrado a partir da valorização da memória, possibilita ao indivíduo tomar

conhecimento do passado, da evolução dos povos e das cidades, e isso ajuda na formação de sua própria identidade. No caso das instituições, principalmente as educacionais, os eventos, a organização de uma linha do tempo, as atividades e os registros históricos correspondentes a cada época evitam que fiquem lacunas ou que a história institucional se perca com o passar dos anos. Com base nesses aspectos, infere-se que a preocupação com a preservação da memória do IFRS e a centralização das informações no mesmo espaço facilita o acesso a futuras pesquisas e divulga a história do IFRS.

A FOTOGRAFIA COMO FONTE PARA O RESGATE DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL DO IFRS CAMPUS ERECHIM

Neste trabalho propomos a fotografia como fonte para o resgate da memória institucional, pois através dela podemos registrar momentos e trazer de volta as emoções daquele instante. Somos cercados de memórias e a fotografia nos possibilita de certo modo revivermos os acontecimentos, por isso é importante possuímos fotografias de aniversários, do nosso tempo de escola, com amigos e, nas instituições, fotografias dos mais diversos acontecimentos, como a inauguração de prédios, formaturas, eventos, eis que isso vai ser de grande importância para o futuro. Assim, a fotografia é um elemento importante para a preservação da memória, pois ela funciona como uma espécie de memória social, capaz de registrar pessoas, momentos e locais.

Desde o início do século passado, com o aprimoramento das máquinas fotográficas, que permitiram uma fixação rápida e instantânea das cenas vividas pelos grupos sociais e dos próprios indivíduos, a fotografia passou a registrar imagens que poderão servir de memória.

Conforme Felipe e Pinho, a fotografia nos permite trazer a memória facilmente lembranças dos tempos vividos, pois ela permite ter um estímulo visual. Ela tem esse poder de eternizar momentos, congelar instantes, poder guardar essa informação e passar para gerações. Assim, ela também orienta para à reconstrução da nossa história, sendo como indivíduo, coletividade ou institucional (FELIPE; PINHO, 2019).

Conforme Samain estamos constantemente nos valendo de imagens instantâneas da nossa vida, registradas em papel fotográfico, para retornar o processo de rememorar e assim construir a nossa versão sobre os acontecimentos já vividos. (SAMAIN, 1998, p. 22). Nesta conjuntura, a fotografia pode ser utilizada como uma fonte de construção da memória, tanto individual, como coletiva ou institucional.

Todavia, apesar da fotografia ser a própria “memória cristalizada”, conforme Kossoy, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram. (KOSSOY, 2001, p. 152).

A fotografia é um meio de informação sobre o mundo e a vida, e não se pode mensurar a importância da imagem se o indivíduo não a compreende no seu contexto histórico. Conforme Monego e Guarnieri é imprescindível salientar que a imagem registrada pela fotografia tem muitas vezes importância apenas para quem faz parte dela, no momento da fotografia. Isso não quer dizer que os sentidos presentes nela não sejam relevantes para outras pessoas. A fotografia funciona nas nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada. Lembranças de um momento carregado de conteúdos simbólicos significativos. Toda a fotografia está relacionada ao passado, mesmo as que tiramos semana passada, pois esse momento vivido não voltará,

ficará apenas registrado na memória ou em forma impressa para a posteridade (MONEGO; GUARNIERI; p. 74, 2012).

Por isso, quando se trata da preservação da memória institucional, as fotografias devem ser selecionadas criteriosamente para trazer um sentido para o público em geral, eis que muitas vezes a fotografia tem uma série de objetos simbólicos, que para o indivíduo que não está envolvido na cena, não tem nenhum significado.

Nesse sentido, as imagens fotográficas, quando bem selecionadas, possuem elementos importantes para o conhecimento da memória coletiva. Nesta perspectiva, Le Goff (2013) observa que a fotografia revoluciona a memória, multiplicando-a e democratizando-a, dando uma precisão e uma verdade que permite guardar a memória do tempo e da evolução da sociedade.

Conforme Canabarro, as imagens fotográficas possibilitam colocar em cena atores sociais em diferentes situações de atuação e permitem que se conheçam os cenários em que as atividades cotidianas desenvolvem-se, como também, a diversidade das articulações e das vivências dos atores sociais que atuaram em um determinado contexto sócio-cultural. Poderá, sobretudo servir como suporte para a memória coletiva desses atores, na medida que registram cenas de um tempo continuum que foram perenizadas no ato fotográfico, podendo ser transportadas para outras temporalidades, mediante uma mistura de passado-presente (CANABARRO, 2008). Assim, a fotografia é um documento, ele é histórico por natureza, pois o tempo que retrata e as particularidades do instante são fragmentos da história geral.

Para Le Goff (2013) a fotografia está entre os grandes documentos para se fazer história, por consistir de provas de que algo aconteceu. O autor finaliza salientando que se existem provas concretas do passado,

a fotografia é uma delas e que ela revolucionou a memória, isso porque o autor considera a fotografia algo preciso e possuidora de verdade, que nunca se pode alcançar com nenhum outro tipo de representação imagética, além do que permite a conservação da memória do tempo e evolução cronológica. A fotografia torna-se um objeto de preservação da identidade. A fotografia fornece informações para que o passado seja atualizado e reutilizado no presente. Permite também um melhor entendimento do que se passou na história, como guerras, desastres naturais. Ao se deparar com fotografias desses acontecimentos, se pode ver os detalhes, que muitas vezes os textos não seriam capazes de narrar.

É o conteúdo, a imagem estática, uma cópia fiel que a torna mecanismo da memória individual, coletiva e social. A fotografia toca cada um à sua maneira, é objeto de construção social, mediação cultural e fonte histórica, é no contexto das mudanças sociais que se deve preservar a memória das instituições. Preservar o que passou para construir um futuro com identidade, nesse sentido, as fotografias servem como documento para auxiliar na construção da memória institucional.

Nesta perspectiva, de que a fotografia é um documento que serve de base para a construção da memória institucional, o IFRS *Campus Erechim* tem-se utilizado delas para documentar a sua memória institucional.

As fotografias são objetos de memória, que auxiliam na construção da memória institucional. Logo, a identidade da instituição, uma vez que é dotada de personalidade, pode ser observada por meio delas. Devido à sua capacidade de registrar os fatos que marcam a trajetórias do IFRS *Campus Erechim*, se faz presente no cotidiano das mesmas,

capturando os momentos e pessoas que fazem parte da memória do ambiente da instituição.

Para a construção da memória institucional, deve se estar preocupado com a contextualização das fotografias, quais delas foram produzidas pela instituição, se estas têm realmente ligação com a memória, em que momento foram produzidas, qual o acontecimento da trajetória da instituição foi retratado.

Pois, muitas vezes, os momentos que são vivenciados não são de tão grande importância para a vida ou para o momento, mas mesmo assim, se registram por meio das fotografias, as quais poderão retratar a história do IFRS *Campus* Erechim, fatos ligados a comunidade acadêmica como, formatura, ações culturais, mudança na arquitetura dos prédios, incremento nas tecnologias de informação e outros tipos de mudança que podem ser percebidos por meio das fotografias.

Para isso, o NuMem *Campus* Erechim, não trabalha apenas buscando fontes fotográficas do passado, instiga também a comunidade acadêmica a realizarem fotografias do cotidiano da instituição, para que as mesmas no futuro possam ser utilizadas na construção da memória institucional, como por exemplo, na linha do tempo do IFRS *Campus* Erechim.

Em parceria com o NuMem/IFRS o NuMem do *Campus* Erechim tem construído a sua linha do tempo através da plataforma Tainacan, em que na sua página on-line são publicadas fotografias dos mais diversos acontecimentos que fazem parte da história da instituição, assim a linha do tempo oferece uma representação visual dos eventos que ajudam a entender melhor a sua história.

Para que essa história possa ser transmitida ao usuário da linha do tempo, o NuMem tem cuidado para que o usuário tenha cada vez

vontade de aprender mais sobre cada evento destacado na linha do tempo, assim como faria com um livro em que cada página parece mais interessante que a outra. Contudo, para isso não basta apenas a exposição da fotografia é necessário em cada uma delas uma breve explicação sobre o que aconteceu, incluindo fatos, quem estava envolvido, o impacto do evento, quando aconteceu e quaisquer números relacionados a ele. Esses detalhes ajudam a contar a narrativa da linha do tempo em um todo.

Considerando que, uma linha do tempo é uma representação visual de uma sequência cronológica de eventos de uma história, um processo ou um histórico. Ela fornece ao usuário uma forma simplificada de entender como variados eventos, pessoas e ações desempenharam um papel em qualquer processo ou durante qualquer período de tempo.

Assim, a linha do tempo do IFRS *Campus* Erechim têm sido uma ferramenta de aprendizagem, ensino e gerenciamento versátil e oferece uma grande variedade de benefícios. Não somente fornece um modo prático e organizado de registrar e rastrear dados e eventos ao longo do tempo, mas também ajuda a comunidade acadêmica e demais usuários a compreender e reter uma variedade de informações de forma rápida e fácil.

Sua estrutura simples e capacidade de mostrar eventos e mudanças ao longo do tempo fazem dela uma ótima ferramenta para preservar a memória do IFRS *Campus* Erechim e até para estudar a sua história. Na linha do tempo, os usuários podem visualizar os mais diversos eventos e outros acontecimentos históricos e seu aspecto visual o faz uma ótima ferramenta de estudo e ajuda na memorização e aprendizagem. Conforme, podemos visualizar na figura abaixo:

Figura 1- Registro da memória em tempos de pandemia



Fonte: <https://memoria.ifrs.edu.br>

O NuMem do *Campus Erechim* também realiza anualmente um concurso fotográfico para incentivar a comunidade acadêmica registrar acontecimentos do *Campus*, diante de tais registros, destaca-se o concurso do ano de 2020, que com o escopo de aproximar as pessoas por meio das atividades que estavam realizando em seus lares, num momento de isolamento social em virtude da pandemia provocada pela COVID-19, o respectivo concurso foi realizado. Dessa forma, pôde-se conferir o registro do cotidiano de estudantes, técnicos administrativos e professores, assim como da comunidade externa, não com um olhar de premiação, mas sim, de registro de memórias, a exemplo da Figura 2.

Figura 2- Registro da memória em tempos de pandemia

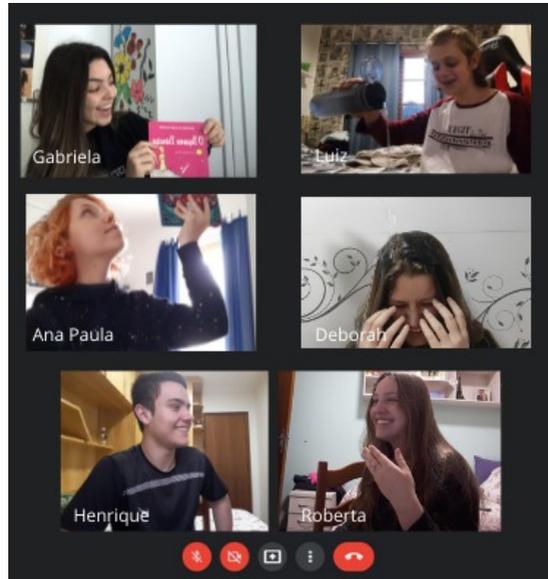


Fonte: Profª. Elisa Iop, membro do NuMem

No ano de 2021, a temática do concurso de fotografias foi “Olhares sobre o Ensino Remoto”, que teve como objetivo selecionar as três melhores fotografias que representassem o ensino remoto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus Erechim*. O concurso propôs uma leitura do momento pandêmico que estávamos vivendo através da fotografia, e que a união entre arte, tecnologia e criatividade foi a grande motivação deste concurso fotográfico. Considerando que desde março de 2020, mês em que a pandemia da Covid-19 despontou no Brasil, o contato físico se tornou escasso e as relações se mantiveram através das lentes digitais. As câmeras, computadores e celulares se tornaram os meios pelos quais era possível registrar o movimento contínuo da vida nas etapas de isolamento.

Assim, esse trabalho também teve a intenção de ampliar o conhecimento dos alunos e servidores sobre o momento atual enfrentado pelo país em decorrência a COVID-19. Em tempos de prevenção da Covid-19, a ideia foi estimular que os participantes enviassem registros do seu cotidiano em relação ao ensino, expressando sentimentos e visões das situações a partir da vivência dentro de casa ou através do *Campus*. Poderam participar do concurso à comunidade interna Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus Erechim* e comunidade externa. Foram critérios para o julgamento das propostas pela comissão julgadora: criatividade, originalidade e relação com o tema. As fotografias selecionadas poderão ser utilizadas em todos os meios de comunicação do IFRS *Campus Erechim*, como folder, flyers, cartazes, impressos, pastas e outras peças definidas pela Coordenação do Projeto de extensão IFRS - *Campus Erechim*: espaços de memória. A comissão julgadora foi formada por representantes da 15ª Coordenadora Regional de Educação (CRE), Secretaria Municipal de Educação de Erechim (SMED) e coordenação do NuMem/IFRS. Na Figura 3, visualizamos a fotografia premiada com o primeiro lugar:

Figura 3- Registro da memória em tempos de pandemia



Fonte: Deborah Pellicioli (aluna do IFRS *Campus* Erechim)

Neste sentido, é perceptível que a fotografia tenha um valor para a memória, não só individual como coletiva. Por meio delas, se recordam fatos que marcaram as vidas das pessoas de alguma maneira. Esses fatos podem ser simples ou acontecimentos de importância mundial, que de alguma forma afetaram a vida do indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias são essenciais nos processos de formação identitária do IFRS, uma vez que viabilizam o entendimento de que as pessoas se constituem sujeitos pertencentes do processo histórico.

As memórias do IFRS fazem parte de um conjunto de elementos que podem auxiliar na organização desse processo e do próprio sentido histórico da localidade na qual está inserido, com a intenção de manter

a unidade do grupo social em torno dos referenciais de identidade em comum.

Ao avaliar os rumos escolhidos pelo IFRS, diante de sua preocupação com a história e com a memória da instituição, percebe-se que esse resgate histórico pode provocar reflexos em outros projetos e em ações do presente e do futuro, o que resultará em grandes realizações com o envolvimento das distintas classes representativas que ajudaram a compor a trajetória do IFRS.

Mediante a missão de selecionar e organizar o acervo institucional, centralizando os dados num espaço único e democrático, o NuMem facilita o acesso à história e à memória, contribuindo, de modo significativo, com esse resultado. Sob essa ótica, com seu caráter interdisciplinar e multicampi, o Núcleo consolida a identificação de registros do patrimônio afetivo, além do cultural, publicizando o espaço de desenvolvimento e de ferramentas de resgate e preservação da memória.

Sob tais considerações e a partir da organização de um trabalho sistematizado, espera-se recuperar fontes que deram vida e forma à instituição, consolidando o IFRS como instituição de ensino de qualidade ao longo dos anos. Essa valorização da memória e dos vestígios do passado, sob uma releitura, pode contribuir, e muito, para a construção de um novo presente e de um futuro, envolvendo as várias áreas do IFRS.

A fotografia como documento pode servir de instrumento para a construção dessa memória institucional, que é constituída não só pelos documentos, mas também pelos indivíduos que fazem parte do seu corpo de trabalho. A junção dos documentos com indivíduo proporciona um melhor entendimento sobre memória institucional. Isso facilita a criação da linha do tempo elaborada pelo NuMem com os fatos constituintes da memória institucional. Quando o indivíduo não se lembra do

fato, o documento está presente como prova. E é nesse sentido que se considera a fotografia como um recurso para a preservação da memória institucional.

A partir deste trabalho sobre a fotografia como recurso de memória, podemos constatar a importância do tema, tendo em vista que a memória é fundamental para a compreensão da identidade e da história do IFRS *Campus* Erechim. Neste contexto, abordou-se a fotografia, pois ela serve como recurso à reconstrução da memória, tanto individual como de grupos sociais. Podemos afirmar que a fotografia funciona nas nossas mentes como uma espécie de passado preservado, onde a cena é congelada, e o que resta são memórias dos momentos vividos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 22 mar. 2022.
- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 15 mar. 2022.
- BRASIL. Ministério da Cidadania. Instituto Brasileiro de Museus. **Plano Museológico**: Planejamento estratégico para Museus. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/todosportodos/cursos-ead/cursos/plano-museologico-planejamento-estrategico-para-museus>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- CAIRES, Vanessa Guerra. (org.). **Educação profissional**: da Colônia ao PNE 2014 a 2024. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

CANABARRO, IVO. A fotografia para construção da história. 2008. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/biev/fotografia-para-construcao-da-historia/>. Acesso em: 03 jan.2022.

CATANEO, Caroline. **Implementação de um núcleo de memória**: como desenvolver projetos e ações em memória e identidade institucional. Porto Alegre: IFRS, 2020. E-book. (161 p.). ISBN 978-65-86734-34-8. Disponível em: https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2020/07/Implementa%C3%A7%C3%A3o-de-um-N%C3%BAcleo-de-Mem%C3%B3ria_compressed.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

FELIPE, Carla Beatriz Marques; PINHO, Fábio Assis. **Fotografia como dispositivo da memória institucional**. Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, p. 89- 101, set.2018/fev. 2019.

GLEZER, Raquel. Arquivos Universitários: Para quê? **Transinformação**, v. 1, n. 3, p. 29-34, set./dez. 1989.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Conselho Superior do IFRS. **Política de Comunicação do IFRS**. Comunicação no IFRS: um compromisso de todos. Aprovada pelo Conselho Superior do IFRS, conforme Resolução nº 074, de 18 de agosto de 2015. 76 p. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/caxias/wp-content/uploads/sites/8/2018/07/Pol%C3%ADtica-de-comunica%C3%A7%C3%A3o-do-IFRS.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. [Erechim, RS: IFRS], 2020a. **Núcleo de Memória (NuMem)**. Campus Erechim. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/erechim/extensao/nucleos/nucleo-de-memoria-numem/>. Acesso em: 23 mar. 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. [Erechim, RS: IFRS], 2020b. **Portaria nº 84**, de 29 de abril de 2020. Disponível em: https://ifrs.edu.br/erechim/wp-content/uploads/sites/3/2020/09/Portaria-84_2020-_Nucleo-de-Memoria_assinada-2Abril.pdf. Acesso em: 22 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Núcleo de Memória do IFRS**. 2020c. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/extensao/nucleo-de-memoria/>. Acesso em: 22 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Núcleo de Memória do IFRS**. 2018. 14 p. Disponível em:

<https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2019/03/Projeto-N%C3%BACleo-de-Mem%C3%B3ria-Final.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Pró-reitoria de Extensão. Regulamento Geral do Núcleo de Memória do IFRS. Regulamento aprovado pelo CONSUP/IFRS. Resolução nº 22, de 02 de março de 2021. Disponível em: https://memoria.ifrs.edu.br/wp-content/uploads/sites/4/2021/03/Regulamento-NuMem_IFRS.pdf. Acesso em: 23 mar. 2022.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. 2. ed. Rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo nexos**. História das instituições educativas. Bragança Paulista, SP: EDUSEF, 2004.

MONEGO, Sonia; GUARNIERI, Vanderleia. A fotografia como recurso de memória. **Cadernos do CEOM** “*Documentos: da Produção à Historicidade*”, nº. 36, ano 25/2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLENDER, Marcos. Patrimônio, desenvolvimento e memória. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, jul. 2011, São Paulo. **Anais** [...]. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300925754_ARQUIVO_PATRI MONIO,DESENVOLVIMENTOEMEMORIA.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

5

UM *CAMPUS* SUAS MEMÓRIAS – A ATUAÇÃO DO NUMEM IFRS *CAMPUS* OSÓRIO

*Marcelo Vianna*¹

*Maria Augusta Martiarena de Oliveira*²

*Julia Ferri Pinto*³

*Fernanda Ferreira*⁴

*Gabriela Silva Morél de Oliveira*⁵

*Luana Monique Delgado Lopes*⁶

*Amanda Silveira Rhoden*⁷

*Amanda Mesquita Goldani*⁸

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Memória (NuMem) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) tem como objetivo preservar a memória e a história de cada *campus* que compõem a Instituição. Sendo assim, o NuMem consiste em um espaço de desenvolvimento de ações e de projetos de coleta e preservação da memória de

¹ Presidente NuMem *Campus* Osório e Comissão Central NuMem. Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFRS *Campus* Osório. Doutor em História. E-mail: marcelo.vianna@osorio.ifrs.edu.br

² Docente História IFRS *Campus* Osório. Integrante do NuMem *Campus* Osório. Doutora em História. E-mail: augusta.martiarena@osorio.ifrs.edu.br

³ Egressa do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio e do Curso Superior de Licenciatura em Letras Português/Inglês IFRS *Campus* Osório. E-mail:

⁴ Egressa do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio IFRS *Campus* Osório. E-mail:

⁵ Jornalista IFRS *Campus* Osório. Integrante do NuMem *Campus* Osório. Mestranda em Educação. E-mail: gabriela.morel@osorio.ifrs.edu.br

⁶ Bibliotecária IFRS *Campus* Osório. Integrante do NuMem *Campus* Osório. Doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento. E-mail: luana.lopes@osorio.ifrs.edu.br

⁷ Discente do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio IFRS *Campus* Osório. Bolsista do NuMem *Campus* Osório. E-mail:

⁸ Discente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio IFRS *Campus* Osório. Ex-bolsista do NuMem *Campus* Osório. E-mail:

forma sistemática e permanente. Além disso, ele se propõe em contribuir para elaboração de projetos de pesquisa, ensino e de extensão que se proponham a resgatar a história da instituição e de suas comunidades de abrangência.

A origem do NuMem está intrinsecamente relacionada com a Política de Comunicação do IFRS, desenvolvida no ano de 2015, em que foi discutida e apontada a necessidade de criar um espaço para a preservação da memória institucional. O NuMem foi efetivado em 2018 e seu regulamento foi aprovado pelo Consup em 2021, pela resolução nº 022 (de 02 de março). Conforme as diretrizes estabelecidas, o núcleo é um programa institucional, interdisciplinar e multicampi que tem como plano a consolidação da memória e da identidade da instituição, por meio do resgate e da socialização da história da IFRS, que, por sua vez, possui importante história progressa na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no estado do Rio Grande do Sul. Como observado, o programa extrapola o papel propagandístico da memória institucional, assumindo um caráter crítico e reflexivo na seleção, organização, conservação e disponibilização ao público de acervos e conteúdos históricos relativos às memórias da instituição e sua comunidade.

Por sua vez, o NuMem do *Campus Osório* iniciou as suas atividades no ano de 2020.⁹ Instituído em um contexto pandêmico, iniciou suas atividades de forma remota, destacando-se a organização de eventos virtuais em comemoração aos dez anos do *Campus Osório*, e, durante o segundo semestre de 2021, tem realizado entrevistas com servidores e egressos da instituição. A busca em levantar depoimentos sobre a história do instituto e dos seus servidores oportuniza novos

⁹ Instituído pela Portaria n.º 112/2020, de 23.04.2020.

conhecimentos sobre a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) em uma dimensão local e em diálogo com a comunidade escolar, além de contribuir para coleta de acervos, especialmente os de caráter imagético, como fotografias. Ao longo deste capítulo, iremos apresentar a formação do nosso NuMem *Campus Osório*, bem como as nossas iniciativas e os resultados das nossas ações.¹⁰

ATUAÇÃO DO NÚCLEO (FORMAÇÃO E MOTIVAÇÕES)

O NuMem *Campus Osório* iniciou as suas atividades no ano de 2020 e, alinhado aos objetivos do NuMem, procurou desenvolver uma série de ações com a comunidade escolar. Entre elas, podemos destacar:

- Memórias afetivas: Incentivo aos colegas a compartilharem suas recordações e promover doação de imagens (fotografias digitais). As doações podem ser realizadas no link: <https://memoria.ifrs.edu.br/doacoes/> ;
- Memórias afetivas TBT: compartilhamento das fotos doadas no Instagram do IFRS - *Campus Osório* (@campusosorioifrs¹¹);
- Vivências e Experiências no IFRS *Campus Osório*: proporcionar um espaço “comemorativo” dos 10 anos do IFRS *Campus Osório*, oportunizando encontros virtuais com egressos e ex-servidores do *campus* e possibilitando o compartilhamento de memórias sobre suas experiências no espaço escolar/acadêmico.
- Evento “Live dos 10 anos do IFRS *Campus Osório*”¹²: live realizada com a comunidade escolar do *campus*, envolvendo egressos, estudantes, antigos servidores, trabalhadores terceirizados e membros da comunidade externa.

¹⁰ Atualmente ele é composto pelos autores do artigo, contemplando servidores, estudantes e membros da comunidade externa (egressos). Não podemos esquecer de mencionar a colega Mariana Afonso Ost, docente de Educação Física, que atuou no NuMem entre 2020 e 2021, encontrando-se afastada para capacitação.

¹¹ Instagram IFRS - *Campus Osório*. Disponível em: <https://www.instagram.com/campusosorioifrs/?hl=pt> Acesso em 10.03.2022.

¹² Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6qZlpNpZjmw> > Acesso em 01.05.2022.

O evento contou com intervenções culturais e foi transmitida no canal do *campus* no YouTube;

- Biblioteca Tina Hatem: Atribuição do nome da Biblioteca do IFRS *Campus* Osório – Professora Tina Hatem (1968- 2016). Resolução n.º 12/2020, de 24.09.2020;
- Arrolamento e incorporação de acervos documentais: Acervo imagético - Setor de Comunicação (2010-2019) / Acervo documental - PRONATEC (2010-2014);
- Depoimentos antigos servidores, ex-estudantes, membros da comunidade: criação de um acervo de memória oral;
- Encontro com egressos Ensino Médio (2021): iniciativas realizadas com o Programa Pertencer + Caminhos para a Autonomia;
- Contribuição para o NuMemCast - Produção de podcasts/vídeos sobre história e memória do IFRS. Drops: Pronatec no *Campus* Osório¹³ e Olimpíadas do *Campus* Osório¹⁴.

Nossa intenção não é detalhar todas as ações citadas (tampouco assumir um caráter estritamente acadêmico), mas discutir algumas delas realizadas, em termos de preservação e disseminação do conhecimento histórico em relação à EPT, o que envolve a comunidade escolar do *campus* a partir dos fragmentos deixados por ela no tempo – tais como relatos orais, objetos, imagens e demais documentos. Nem sempre harmônicas, eles revelam as diferentes contradições e ambivalências perceptíveis, como o ideário dos Institutos Federais e as culturas locais existentes. O quanto essas memórias foram influenciadas e influenciaram na constituição do *habitus* dos envolvidos (BOURDIEU, 2001) só é possível vislumbrar através de testemunhos, entrevistas, relatos.

¹³ NuMemCast Drops #02 - Pronatec no *Campus* Osório. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6lZErLFEUmv4i6B9xxczw?si=3fa465a7d5814e04>>. Acesso em 01.05.2022.

¹⁴ NuMemCast Drops #08 - Olimpíadas no *Campus* Osório. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/31VUHPQhwdObI9YMSSWsxM?si=7811c639ebae427a>>. Acesso em 01.05.2022.

O NuMem tem a oportunidade de explorar essas experiências, produzindo e disseminando conhecimentos de diferentes formas, assumindo um caráter de História Pública. Afinal, conforme Sara Alberi (2011), é a partir dela que é possível desenvolver uma consciência histórica, ou seja, a percepção e ressignificação que os indivíduos têm de suas experiências e do todo frente à evolução temporal. Desta forma, não se trata a mera reafirmação dos preceitos dos Institutos Federais em prol de uma educação emancipatória, mas ampliar as percepções identitárias da comunidade escolar, reconhecendo sua diversidade e sua complexidade.

O NuMem *Campus* Osório entende que a divulgação de acervos e de entrevistas temáticas não apenas se limita a comunicar, aproximando-se de um marketing institucional ou mera divulgação científica. Ela deve provocar reflexões significativas no público sobre Educação e suas múltiplas dimensões (experiências docentes, vivências estudantis, práticas, culturas escolares em seu todo) que contribuem para valorizar o papel da EPT em nosso país. Nesse jogo de escalas, o NuMem *Campus* Osório busca compreender as particularidades da instituição e da sua comunidade escolar no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, uma região marcada por uma sazonalidade laboral no mundo do trabalho e acentuada desigualdade socioeconômica, e por um importante patrimônio cultural e ambiental a ser conhecido e preservado.

ENCONTROS COM EGRESSOS E SERVIDORES (2020)

O período pandêmico trouxe grandes desafios ao IFRS. Um deles, especialmente nos primeiros meses de suspensão das atividades presenciais nos campi, foi estabelecer estratégias de integração da

comunidade escolar em um contexto completamente novo, virtual, no qual o distanciamento – uma medida vital para preservação da vida nesse contexto – poderia contribuir para a alienação e o isolamento, especialmente dos estudantes mais vulneráveis socialmente. Nesse sentido, uma das contribuições que os Núcleos de Memória poderiam dar era proporcionar um espaço virtual para coleta de experiências passadas, contribuindo para aproximar a comunidade dessas vivências compartilhadas.

Para isso, com apoio da Comunicação do *campus*, foi concebida a ação “Memórias através de *lives* - Vivências e Experiências no IFRS *Campus* Osório”, realizado entre os meses de junho e novembro de 2020.¹⁵ Tendo como mote o aniversário de 10 anos do *campus*, foram realizados seis encontros virtuais transmitidos pelo canal do *campus* no YouTube, contemplados egressos de todos os níveis ofertados e ex-servidores da instituição. Posteriormente, foram realizados ainda três encontros temáticos voltados a diferentes dimensões da trajetória dos estudantes do IFRS: o envolvimento na Iniciação Científica, participação nos Jogos do IFRS e a colaboração em grupos vinculados à Arte e Cultura no *campus*. Para todos esses encontros, foram construídos roteiros, previamente compartilhados com os convidados, contemplando experiências de convívio, realizações e dificuldades experimentadas na instituição.

A preocupação do NuMem *Campus* Osório foi reconhecer que as experiências de antigos estudantes, servidores e membros da comunidade podem revelar muitas facetas das relações que envolvem as instituições escolares. Elas são apreendidas pelas experiências compartilhadas, que

¹⁵ Os resumos dos encontros encontram-se disponíveis no site do NuMem IFRS, enquanto os originais encontram-se em tratamento para posterior acesso dos pesquisadores. Disponível em <memoria.ifrs.edu.br/colecoes>. Acesso em 01.05.2022.

podemos identificar como memórias. Cada memória de um antigo estudante ou servidor traz em si uma dimensão da memória coletiva, um processo social de lembrança e esquecimento que envolvem os indivíduos (HALBWACHS, 2017; POLLAK, 1989).

**VIVÊNCIAS
E EXPERIÊNCIAS**

**11 Novembro
19h30**

Rate-papo virtual
com quem passou
pelo Campus Osório
nestes 10 anos

TEMÁTICO: MEMÓRIAS ESPORTIVAS

NATÁLIA AMARILHO
2013 - 2016

VITÓRIA CORDEIRO RAMOS
2016 - 2019

GUILHERME TAYLOR GOMES
2013 - 2017

PEDRO DE ANDRADE SANTOS
2015 - 2018

PROFª. MARI

ASSISTENTE SOCIAL CAMILA

Transmissão:
Google Meet
meet.google.com/gdf-gseg-uyh

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Osório

**Núcleo de
MEMÓRIA**
do IFRS
Campus Osório

Imagem 1 – Card de um dos episódios do Vivências e Experiências realizado em 2020.
Acervo: NuMem Campus Osório



Imagem 2 – Participação de Tamires Vieira, egressa do Ensino Superior, no Vivências e Experiências em 15.06.2020. Acervo: NuMem Campus Osório

Nesses encontros, temos lembranças que não se limitam ao processo de ensino e aprendizagem. Eles oportunizaram lembranças sobre atividades de Extensão (como cantar no coral, participar de grupos de danças), festas comemorativas, eventos acadêmicos, Olimpíadas e Jogos do IFRS, reuniões de trabalho, práticas pedagógicas, atividades em grupo, viagens, namoros, rivalidades, preferências por determinados colegas. Como foram compartilhadas em grupo, em torno de um tema, essas falas demonstraram uma preocupação se fazer representar nesse todo, a partir da valorização das diferentes experiências na instituição:

É viver o espaço e todas as experiências que ele pode proporcionar. Agradeço por ter aproveitado meu tempo lá e feito parte dos grupos que iniciaram o Neabi e o projeto de música, com grandes mulheres, as professoras Tina e a Agnes. Continuo colhendo até hoje os frutos da instituição e das pessoas que estavam lá, naquele momento tão confuso da adolescência, tentando nos guiar, nos ajudar. (Jade Garcia, egressa da primeira turma do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio - 2014, a respeito das atividades extracurriculares)

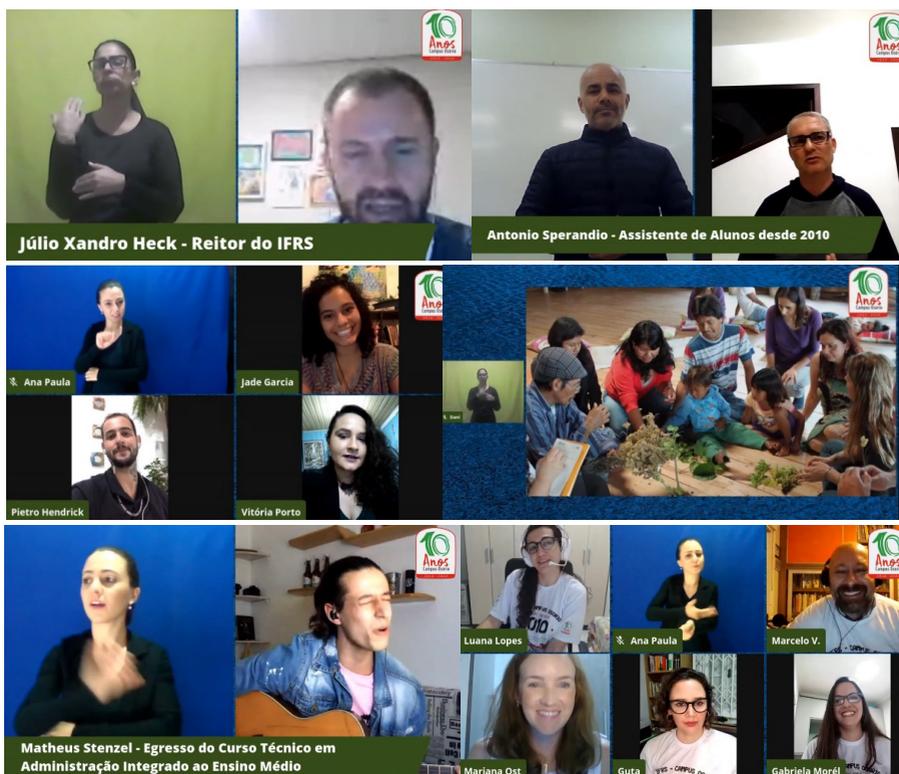
Topei participar, mas me assustei quando cheguei lá e vi que o Consup era composto por diretores-gerais, reitor, pessoas que eu achava que não me dariam voz. Mas a gente tem voz para falar o que a acha e o que quer fazer. Fui incentivada por professores e técnicos! A mesma coisa no PDI, quando uma docente do *Campus Sertão*, de Educação Física, me mostrou o quanto era importante eu participar, mesmo sendo a única aluna, ao dizer: 'Não podemos fazer nada de nós, sem nós!'. Isso faz a gente saber do quanto é capaz! Quem não estava escutando, ia ter que escutar, que a gente tinha, sim, voz! (Cediane Luz da Silva, egressa do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, a respeito da participação no Conselho Superior do IFRS - Consup).

Tenho muito orgulho do IFRS, de pertencer, e sempre que vou me apresentar a uma turma nova, trago histórias do *Campus Osório*, como motivação, pois lá é um *campus* novo, como Osório já foi um dia. E tento ser com meus alunos como os professores do *Campus Osório* e os técnicos foram comigo: amigos. Isso preenche os alunos, faz toda a diferença, acolhe. (Renata Oliveira da Silva, egressa do curso superior de Tecnologia em Processos Gerenciais e do curso de Pós-graduação em Educação Básica e Profissional, a respeito da transposição das experiências enquanto estudante em sua prática como professora substituta no *campus Rolante*)

As festividades dos 10 anos do *Campus Osório*, por sua vez, trouxeram um momento de congregação virtual da comunidade do *campus*, que se encontrava afastada pela pandemia. O desafio foi assumir um evento ao vivo, com uma extensão programação¹⁶, que incluiu uma série de intervenções artísticas/culturais ao longo da transmissão. O evento contou com a participação do Reitor do IFRS, Júlio Xandro Heck, e

¹⁶ Agora podemos confessar que o ensaio geral, na véspera do evento, não foi bem-sucedido, no qual foi difícil coordenar o grande número de entradas e saídas dos convidados no ambiente virtual do StreamYard.

contou com convidados de diferentes segmentos (servidores, terceirizados, estudantes) representantes da trajetória do *campus* desde 2010.



Imagens 3 a 8 – Instantes da “Live dos 10 anos do IFRS *Campus* Osório”.

Acervo: NuMem *Campus* Osório

Por fim, além da divulgação de um vídeo institucional relativo aos 10 anos do *campus*, com depoimentos da comunidade entrevistada nas lives “Vivências e Experiências”, o NuMem *Campus* Osório realizou uma homenagem à professora de Artes, Maria da Conceição Hatem de Souza, falecida em agosto de 2016. Docente no *campus* entre 2010 e 2014, Tina Hatem como era conhecida por todos, notabilizou-se por suas ações de Extensão, com forte interesse em assuntos que envolviam a

sustentabilidade, a inclusão e o fazer extensionista, estabelecendo contatos com a comunidade quilombola de Morro Alto e comunidade indígena Sol Nascente e instituindo oficinas de artesanato e culinária. Foi ela a idealizadora da Cafeteira Poética: uma cafeteira que era periodicamente envolvida com notas contendo poesias, que se tornou um cartão de visita da instituição em eventos públicos em Osório, como a Feira do Livro. A partir dessa homenagem, o Conselho de *Campus* (Concampo) acolheu a proposta do Núcleo em atribuir à biblioteca do *campus* o nome Professora Tina Hatem.¹⁷

LEVANTAMENTOS, ORGANIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DE FONTES IMAGÉTICAS

A organização de fotografias institucionais e da doação de acervos pessoais é uma forma do NuMem atingir o seu objetivo de preservar o patrimônio educacional e institucional do IFRS - *Campus* Osório e, assim, construir um espaço de guarda para o acervo, possibilitando pesquisas na área da história e da educação. Elas incorporaram também os registros não institucionais, produzidos por estudantes e outros membros da comunidade, já que muitos momentos que acontecem na instituição não são registrados pelo setor da comunicação, como atividades em sala de aula e reuniões de turma, por exemplo. Segundo Oliveira (2017 *apud* GONZÁLEZ GÓMEZ; COMAS RUBÍ, 2016, p. 218)

Quando falamos de fotografia escolar, todos temos em mente uma série de imagens habituais em nosso imaginário coletivo que fazem referência ao contexto escolar no passado: no entanto, em nível prático e por não existir contexto em como definir e delimitar este termo, consideramos fotografia

¹⁷ Resolução Concampo n.º 12/2020, de 24.09.2020.

escolar uma grande diversidade de imagens manifestadas de formas diversas e relacionadas com o espectro escolar como denominador comum.¹⁸

Ademais, as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos, pois traz a cultura material de um determinado período e possuem uma dimensão simbólica vinculada às representações e imaginários sociais (BORGES, 2003). O acervo fotográfico de uma instituição permite refletir sobre os processos que ocorrem na construção da comunidade escolar, segundo Magalhães (2010, p.33) “a escola é tema recorrente da história da educação. Abordada sob diversas perspectivas de informação e análise, a historiografia da escola vem sendo ampliada e renovada”. Com um acervo amplo é possível fazer vários tipos de análises a partir do espaço escolar, sua comunidade e as atividades desenvolvidas: processos pedagógicos, organização do espaço, representações de grupos sociais, eventos festivos e acadêmicos, movimentos reivindicatórios, entre outros.

Vale destacar ainda o caráter digital das fotografias do *campus*. Ainda que as fotografias digitais possam ter uma existência efêmera (em blogs, por exemplo), a amplitude de registros e de alcance são muito maiores do que os meios impressos. Elas contribuem para trazer registros nem sempre privilegiados pela comunicação institucional, próprias do cotidiano escolar, contemplado especialmente as relações entre estudantes, como encontros em sala de aula ou fora dela, participações em eventos de iniciação científica ou práticas esportivas.

¹⁸ Texto original: “Cuando hablamos de fotografía escolar todos tenemos en mente una serie de imágenes habituales en nuestro imaginario colectivo que hacen referencia al contexto escolar en el pasado; sin embargo, a nivel práctico, y al no existir todavía consenso en cómo definir y delimitar este término, consideramos fotografía escolar a una gran diversidad de imágenes manifiesta das de formas diversas y relacionadas con el espectro escolar como denominador común”.

Portanto, o NuMem *Campus* Osório cumpre a função de recolher e organizar as fotografias, tornando-se um recurso importante no trabalho de preservação da memória escolar e de escrita de sua história. Para isso, o material foi catalogado previamente, reunindo materiais até o ano de 2019. Até o momento, foram arroladas mais de 30 mil fotografias, contemplando categorias distintas, como “espaço escolar” e “atividades escolares”. Vale destacar entre tantas imagens, a cobertura das diversas edições da Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do *campus*, as viagens técnicas e participações em eventos desportivos (Jogos do IFRS) ou científicos (como as Olimpíadas de Filosofia), as ações de Extensão, as festividades (festa junina, Olimpíadas do *campus*) e as formaturas.





Imagens 10, 11 e 12 – Comunidade do IFRS *Campus* Osório em ação no espaço escolar 1) Atividade da Semana da Consciência Negra (18 de novembro de 2010); 2) Estudantes da EEEM Albatroz aprendem programação em atividade de Extensão no *campus* (16 de setembro de 2016); 3) Festival de Talentos, no auditório do *campus* (23 de agosto de 2017).

Acervo: NuMem *Campus* Osório.





Imagens 13, 14 e 15 – Comunidade do IFRS *Campus* Osório em ação para além do espaço escolar: 1) manifestação dos trabalhadores, incluindo servidores do IFRS *Campus* Osório, em greve contra os cortes orçamentários da Educação (30.08.2012); 2) instante da 9.ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do *campus* no Largo dos Estudantes, Osório/RS (10/09/2019); 3) Participação do *campus* Osório nas Olimpíadas de Filosofia, disputadas em Parai/RS (14/09/2013). Acervo: NuMem *Campus* Osório.

Uma segunda etapa da organização é a migração desse acervo para o repositório digital do NuMem IFRS, tendo o trabalho de integração iniciado em 2022. Trata-se de disponibilizar um importante acervo para futuras pesquisas que tenham como objetivo investigar o cotidiano e a cultura escolar da instituição.¹⁹

EXPERIÊNCIA DO TBT NUMEM CAMPUS OSÓRIO

O NuMem *Campus* Osório concebeu o “Memórias afetivas TBT”, que consiste na publicação de fotografias enviadas pelos participantes das entrevistas, membros do núcleo e arquivo da comunicação para a publicação no Instagram do IFRS – *Campus* Osório. As fotografias são

¹⁹ Maria Augusta Martiarena e Marcelo Vianna (2020) propuseram uma análise deste acervo no artigo Memórias de uma instituição em construção – a narrativa imagética do IFRS *Campus* Osório (2010-2013), citado nas referências deste capítulo.

postadas todas às quintas-feiras, fazendo referência ao movimento que se criou na internet de compartilhar lembranças nesse dia da semana (o famigerado TBT - *Throwback Thursday*). Até início de junho de 2022, foram postadas 48 fotos, algumas fazem referência a um momento que está acontecendo na Instituição e outras são recordações sem fazer alusão a uma data específica. Abaixo estão alguns exemplos de publicações realizadas no Instagram do IFRS – *Campus Osório*:

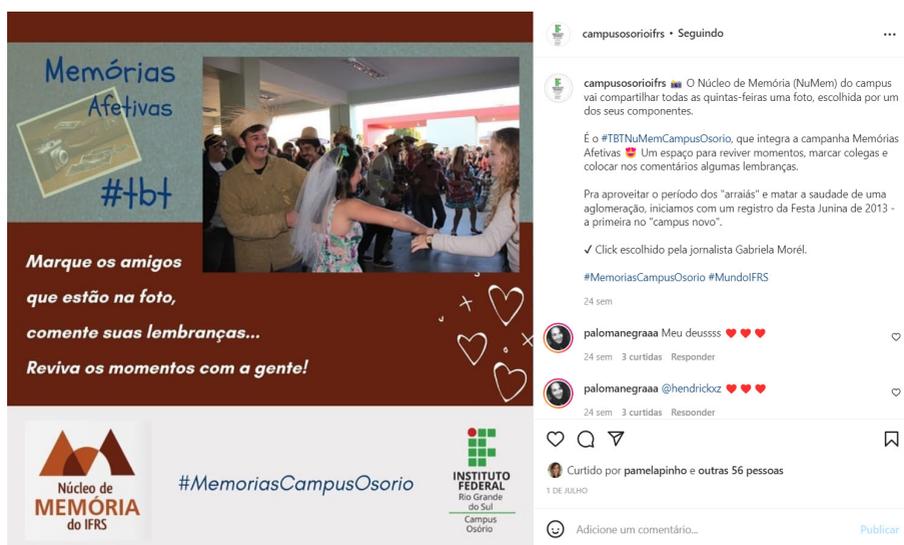


Imagem 16: primeira foto postada no Instagram do IFRS - *Campus Osório* (01 de julho de 2021). Acervo: NuMem *Campus Osório*

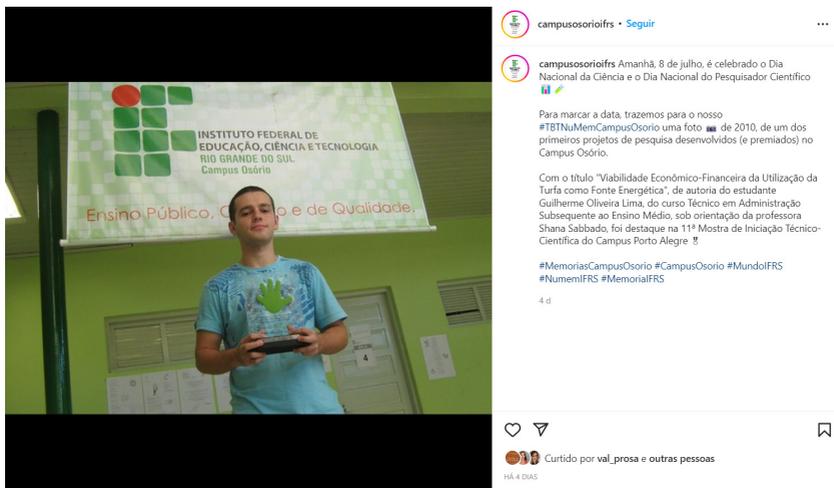


Imagem 17: foto postada no Instagram do IFRS - *Campus Osório* no Dia Nacional da Ciência e o Dia Nacional do Pesquisador Científico (08 de julho de 2022). Acervo: NuMem *Campus Osório*

Trata-se de uma forma de disseminar essas memórias imagéticas, sensibilizando a comunidade, em parte alheia aos acontecimentos passados do *campus*. Interessante são os retornos dos usuários, que repercutem de maneiras distintas, como “curtidas”, compartilhamentos e/ou comentários. A partir disso, o Núcleo criou um formulário para receber contribuições, já que alguns eventos divulgados – como as festas juninas ou as Olimpíadas do *campus* – “provocavam” o interesse daqueles que participaram e que agora procuravam colaborar com novas fotografias.

DEPOIMENTOS COM SERVIDORES, EGRESSOS E DEMAIS MEMBROS DA COMUNIDADE

Desde que iniciaram as atividades do NuMem, umas das preocupações foi registrar as memórias da comunidade escolar do IFRS a fim de gerar um acervo de memória oral significativo. Ao contrário dos

encontros (*lives*) via Google Meet e/ou YouTube, no qual a espontaneidade e o improvisado eram elementos preponderantes entre os convidados, gerando alguns resultados surpreendentes²⁰, o NuMem Campus Osório procurou adotar a entrevista ou depoimento individualizado como método principal. Para isso, procurou-se seguir metodologia já consagrada por Verena Alberti (1990) para os procedimentos de História Oral, como o estabelecimento de contato, a construção de um roteiro e a gravação da entrevista, em diálogo com a História Pública.

Embora pareça inicialmente uma desvantagem frente à espontaneidade (ou não) da live, a possibilidade do testemunho ser mais qualificado no formato individual, com roteiro pré-estabelecido, nos pareceu maior. Além de garantir uma intimidade com o depoente, o roteiro e os contatos prévios para o encontro individual contribuem para evocação de memórias que nem sempre são compartilhadas em um ambiente “festivo” virtual, especialmente quando há sobreposições e preponderância de falas dos participantes. Se a memória é uma construção social fundamental para identidade, como nos aponta Ulpiano Meneses (1998), o encontro individual permite trazer a dimensão pessoal do depoente, diante de processos e contextos complexos, mesmo que se atrele a uma memória coletiva e/ou permeados de esquecimentos. Obviamente, conforme Alessandro Portelli (2016), não se pode

²⁰ Houve também a avaliação dos membros do NuMem que houve um esgotamento do formato de *lives*, tendo em vista uma sobreposição de ofertas de eventos nas redes sociais, tornando-se desgastante aos participantes e ao público geral manter o interesse. No caso da História, banalizou-se a compreensão da História Pública como uma mera transmissão de conhecimento no ambiente virtual, sem haver a devida mediação e reflexão do tema.

esquecer de que trata da construção de um documento histórico, nascido do diálogo entre o depoente e o historiador.²¹

Desta forma, o NuMem procurou, a partir do ano de 2021, coletar depoimentos de antigos servidores, ex-estudantes, membros da comunidade externa para construirmos um acervo de memória oral sobre a implantação e o início das atividades do IFRS - *Campus Osório* (2007 - 2012). Entre os entrevistados, temos:

- Roberto Saouaya – primeiro diretor-geral do *Campus Osório* (2009-2016);
- Romildo Bolzan Jr. – ex-prefeito do município de Osório/RS, atuante na implantação no *campus* na cidade;
- Sandro Itamar Bueno dos Santos – primeiro Diretor de Administração e Planejamento do *campus*;
- Humberto Oliveira – docente de Física, primeiro Coordenador de Pesquisa e Inovação do *campus*;
- Ana Paula Silva da Luz – coordenadora do Pronatec, uma das primeiras servidoras do *campus*;
- Fernanda Medeiros de Albuquerque – docente de Química, primeira coordenadora de Extensão do *Campus*;

As entrevistas adotaram uma perspectiva da trajetória institucional, ou seja, tiveram como tema a atuação do depoente no IFRS *Campus Osório*. Obviamente, isso não ignora outras facetas que envolvem os depoentes, como sua formação acadêmica (no caso de servidores), suas experiências anteriores e posteriores à instituição. No entanto, buscou-se manter o foco sobre a temática (QUEIROZ, 1988), de modo a valorizar essas experiências institucionais.

²¹ "Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção." (PORTELLI, 2016, p.10)

Muitas das memórias compartilhadas pelos depoentes trouxeram as expectativas e as realizações nos primeiros anos do *campus* Osório. Como observou uma das depoentes, Fernanda Medeiros de Albuquerque:

Eu cheguei no lugar em que eu tive que me deparar com a realidade e chego no instituto federal com um pessoal muito engajado. Eles estão sabendo de alguma coisa que eu não sei, porque eles estão trazendo umas coisas que eu nunca ouvi falar (...). Aí eu comecei a ver que aquilo não era distante de mim, que ali eu estava para fazer diferença para aqueles alunos, que precisavam de alguém para olhar para eles. Os alunos foram chegando – e era sorteio – eu me lembro do olhar deles para o sorteio (...) que ia ser para [ingresso nas] turmas de ensino médio subsequente. E a ansiedade que os alunos estavam, eles queriam muito estar ali dentro e os professores queriam muito estar ali dentro também.²²

O ato de rememorar compartilhado pela depoente, assim como dos demais, trouxeram muito das expectativas e as dificuldades impostas pelo contexto. Relatos sobre a demora da construção do novo *campus*, dúvidas sobre os propósitos dos institutos federais e a distância dos familiares (muitos tiveram de sair do norte do Rio Grande do Sul para o Litoral em um primeiro momento sem suas famílias) foram compartilhados pelos depoentes. Esses compartilhamentos expuseram a falta de experiência, especialmente pelo fato da instituição ser uma novidade, sendo necessário criar documentos escolares e administrativos, familiarizar-se com novas rotinas e estabelecer um vínculo com os novos estudantes do *campus*. No entanto, também havia um engajamento com o novo ambiente, construindo uma proximidade e um engajamento dos

²² Depoimento ao NuMem *Campus* Osório em 13.08.2021. Resumo disponível em <<https://memoria.ifrs.edu.br/audiovisual/entrevista-com-fernanda-medeiros-de-albuquerque-recorte-numem-ifrs-campus-osorio-2/>> Acesso em 01.05.2022.

recém-chegados, especialmente na elaboração de ações nos primeiros anos do *campus*, como a primeira Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa (MoExp) em 2011, ou nas participações na Feira do Livro do município de Osório/RS.

Muitas dessas experiências compartilhadas dialogam e/ou são evocadas por meio de imagens. Desta forma, em algumas entrevistas com egressos do IFRS, também proposto um modelo denominado “memórias imagéticas”. O convidado apresenta aos membros do NuMem uma série de fotografias pessoais, a qual considera aquelas mais representativas de sua trajetória na instituição como estudante.

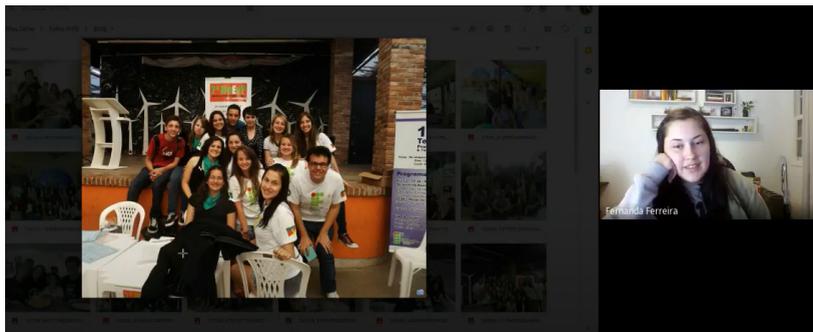


Imagem 18 – Fernanda Ferreira reflete sobre sua trajetória a partir de imagens em depoimento ao NuMem *Campus* Osório em 28 de junho de 2021. A imagem em questão envolve a 2.ª MoExp em 2012, a primeira realizada no Largo dos Estudantes (centro do município de Osório/RS) e a atuação das “Angelitas”, estudantes que atuaram na recepção do evento.

Isso trouxe uma perspectiva distinta, pois envolveu uma apresentação extensa, mas que possibilitou compreender melhor a cultura escolar do período. Por exemplo, as imagens representam o processo de engajamento dos estudantes com eventos, projetos e demais atividades complementares em um período no qual o *campus* tinha uma estrutura modesta e uma comunidade escolar menor, que contribuíam para proximidade com os servidores, como regentes de turma ou docentes que

marcaram sua passagem pela instituição. Embora as imagens tendam reforçar que a culminância dessas apresentações foram os atos relativos à conclusão do curso, com a cerimônia de formatura, não significa um encerramento abrupto do vínculo com a instituição. Os contatos progressivamente tendem a se tornar mais efêmeros, representadas pela diminuição de registros imagéticos, sendo momentos destacados às visitas que realizam no *campus*, já na qualidade de egressos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o NuMem IFRS *Campus* Osório tem diversas frentes de atuação, oportunizando construir novos conhecimentos sobre as memórias e as histórias do *campus*. Não tem sido uma tarefa fácil ou dileitante: todos seus membros dedicam importantes horas para o Núcleo, embora nem sempre de maneira contínua já que necessitam conciliar com outras atividades que estão comprometidos, como docência, pesquisa e comunicação. Ainda assim, foi possível contribuir para iniciativas que permitiram dar início a concepção, organização, preservação e disseminação de um rico acervo de imagens e depoimentos orais mencionadas neste capítulo – que podem e devem gerar imprescindíveis conhecimentos históricos sobre a EPT, seus agentes e suas vivências no IFRS *Campus* Osório.

Não se trata meramente identificar potencialidades para uma pesquisa acadêmica ou repetir a velha tradição da história “mestra da vida” que inspira, pelo exemplo, as ações no futuro. Trata-se de defender e divulgar um importante patrimônio cultural ainda pouco conhecido, talvez por sua temporalidade recente ou mesmo por envolver documentos relativamente ordinários, como fotografias digitais. O NuMem se

coloca como um meio para sensibilização e contribui para entendermos os múltiplos significados que foram gerados em uma instituição comprometida com uma educação pública, gratuita e de qualidade, e que repercutem naqueles vivenciaram essa oportunidade.

REFERÊNCIAS

- ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele R.; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p.19-30.
- ALBERTI, Verena. **História Oral: a Experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1990.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5.^a Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- GONZÁLEZ GÓMEZ, Sara; COMAS RUBÍ, Francisca. Fotografía y construcción de la memoria escolar. In: **History of education & children literature**, v. XI, n. 1, p. 215-236, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2017.
- IFRS. **Política de comunicação do IFRS**. Bento Gonçalves: IFRS, 2015. Disponível em: <<https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2020/10/politica-de-comunicacaoatualizado-08.2020.pdf>>. Acesso em 22 de dezembro de 2021.
- MAGALHÃES, Justino. **Da Cadeira ao Banco: Escola e Modernização (Séculos XVIII-XX)**. Lisboa: Educa & Ui&dCE, 2010.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n.º 45, p.11-36. 2003.
- OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena; VIANNA, Marcelo. Memórias de uma instituição em construção – A narrativa imagética do IFRS-Campus Osório (2010-2013). **História**

Revista (UFG), v. 25, p. 31-53, 2020. Disponível em <
<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/63657/35861>> Acesso em 01 de maio de
2022.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. Acervos escolares e história das instituições educacionais: o caso da Escola Estadual General Osório/RS. In: **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 154-174, jan./jun. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; VON SIMSON, Olga de Moraes. **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14-43.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola pública brasileira como objeto de pesquisa. In: **História da Educação**, v. 25. p.153-171. 2006.

6

NARRATIVAS PEDAGÓGICAS: MEMÓRIAS DOS ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DO IFRS CAMPUS ALVORADA

*Diane Blank Bencke*¹

*Gisele Belusso*²

*Andreia Augusta dos Santos Raupp*³

*Bruna Betamin de Sousa*⁴

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A experiência ora apresentada é fruto do projeto de ensino Narrativas Pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida dos alunos da Pedagogia do IFRS Alvorada. A proposta inicial foi um convite aos alunos da Pedagogia que frequentavam, na época, o primeiro e o terceiro semestre do curso, a realizarem escritas constituídas por memórias autorreferenciais, ou seja, em que cada acadêmico e suas experiências eram a referência para a narrativa (VIÑAO FRAGO, 2000). Uma escrita que lhes permitiria transitar de maneira leve e fluida pela vida pessoal,

¹ Doutora em Letras, Linguística-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, Professora da área de Linguagens do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, IFRS Alvorada. Coordenadora do projeto Narrativas pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida das turmas de Pedagogia do IFRS Alvorada. E-mail: diane.bencke@alvorada.ifrs.edu.br

² Pedagoga, mestrada e doutora em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM/UCS). Membro da Associação Sul-Rio Grandense de História da Educação (ASPHE), Associação Nacional de História (ANPUH) e coordenadora do GT de História da Educação. Professora substituta do IFRS e integrante do Núcleo de Memória *Campus* Alvorada (Portaria CALV/IFRS nº 51/2022).

³ Mestre profissional em educação pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul -UERGS. Bolsista de ensino do projeto Narrativas pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida das turmas de Pedagogia do IFRS Alvorada.

⁴ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre pela mesma Universidade. Professora substituta da área de Linguagens do IFRS Alvorada.

pelas expectativas ou experiências docentes pois “hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.” (NÓVOA, 1995, p. 9).

A conexão entre vida pessoal e profissional é parte do conceito de narrativa pedagógica, a ser explorado em duas sessões que fazem parte desse artigo: 01) Narrativa pedagógica: representação e identidade; e 02) Narrativas pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida do IFRS Alvorada, as quais são seguidas pelas Considerações finais.

NARRATIVA PEDAGÓGICA: REPRESENTAÇÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA

O ato de contar histórias constitui o ser humano. Estamos sempre nos comunicando, seja oralmente ou por escrito e, portanto, contando histórias para comprar, vender, namorar, trabalhar, estudar, para realizar várias de nossas atividades. Um dos gêneros textuais que dá forma ao processo de contar histórias é a narrativa, a qual relata acontecimentos e situações verídicos ou fictícios, a partir de personagens em determinado tempo e espaço.

Além de contar, há o caráter de atualização das histórias a serem contadas. Bruner (2001) menciona o poder reelaborativo de experiências que as narrativas desempenham e Nóbrega Kushchinir (2003) caracteriza a narrativa como uma ferramenta semiótica mediadora. Nesse aspecto de semiótica e mediação, Bakhtin (1992) aponta o caráter dialógico da linguagem. A dimensão dialógica é mais do que compreender a interação linguística entre dois sujeitos via narrativa escrita, já que cada palavra carrega enunciações anteriores, marcas de sua história

enunciativa concreta, sua significação histórica e culturalmente constituída, na qual evidenciam-se crenças, vivências, posturas, atitudes, formas de sentir e viver, valores, papéis, etc; Souza (2008) menciona essas questões como simbolizações e subjetividades construídas ao longo da vida.

A essas manifestações acima citadas, manifestações do caráter de agenciamento da narrativa, é importante mencionar alguns critérios técnicos que definem as narrativas, em aspectos como espontaneidade, reportabilidade, sequência de orações e eventos (LABOV e WALETSKY, 1967). Labov (1972), por exemplo, é um autor que inclusive teoriza o esquema da narrativa, contendo resumo, orientação, ação complicadora, avaliação, resolução e coda.

Além do entendimento dos aspectos estruturais da narrativa, como uma atividade de produção escrita, a narrativa, segundo Passegie Souza (2006), exigirá do narrador a capacidade de manusear uma língua para escolher e ordenar as palavras para que explicitem sua sensibilidade, suas experiências e a representação de sua identidade. Nesse ínterim, como é de praxe em atividades cognitivas complexas como a escrita, haverá um processo de desacomodação, Soligo e Prado (2005) reforçam as considerações sobre as dificuldades de escrever e sobre a intranquilidade durante a experiência de produção de escritas.

Continuando essa linha de raciocínio mais técnico, Clanidin e Connelly (2000) mencionam o termo pesquisa narrativa como um método de trabalho de registro de ações e afirmam que, em geral, professores conhecem o ensino por imagens, rituais, hábitos, ciclos, rotinas e ritmos que tem por base sua experiência. Em termos pedagógicos, a narrativa seria uma forma organizadora de desenvolvimento pessoal e profissional em contexto coletivo, que apresenta conhecimento holístico,

desenvolve a prática de registro, traz os elementos de desenvolvimento inter e intrapessoal e tem o caráter de memorização, pois quando narramos histórias, elas não são esquecidas e podem, de alguma maneira, ser recontadas, revividas, dando corpo a um sentido comum e coletivo. (BENJAMIM, 1987). A narrativa pode também inclusive transcender a própria narrativa e originar outros gêneros, pois fotografias, entrevistas, pinturas, poesias, também contam histórias.

É pertinente trazer os conceitos de Halbwachs (1990), para quem, a memória apresenta um caráter individual, mas também coletivo, já que o indivíduo se insere e é constituído por grupos de referência, com o qual divide uma comunidade de pensamentos, experiências comuns, de modo a identificar-se no passado e constituir o presente e o futuro. As relações sociais do grupo geram lembranças, resultados de processos coletivos em uma comunidade afetiva. Para o autor, as lembranças, localizadas em um espaço-tempo, são resgates de acontecimentos e vivências com uma modelagem atual e não uma mera retomada vazia de acontecimentos passados. Nesse ínterim, as lembranças precisam de reconhecimento e reconstrução. Assim, entende-se aqui o desenvolvimento profissional dos professores como um permanente devir, um devir que carrega conhecimentos situacionais, teóricos, sociais, experienciais e pode tomar forma a partir da narrativa.

Nesse processo de construção de narrativas, diversas experiências e modos de conhecer ao longo da carreira vão se aperfeiçoando, permeando toda a prática profissional (MIZUKAMI, 2002), desenvolvendo a autonomia, construindo a identidade profissional e manifestando sua potência, a potência que a narrativa pode assumir em nossa vida (LARROSA, 2002). É importante ressaltar também a natureza de exercício cidadão que está por trás das narrativas pedagógicas, pois ao se

colocar no mundo via escrita, estamos exercendo um importante papel na sociedade, há fomento de visibilidade e afirmação da cidadania, o que remete à inspiradora educação emancipatória de Paulo Freire.

Nesse ambiente, os alunos e alunas vão se apropriando de alguns conceitos básicos da teoria da complexidade (MORIN, 2001), de maneira que as autonarrativas passam a se apresentar como potentes instrumentos de autoconstituição e de cognição. Desse modo, a força das vivências é instrumento autonarrativo que proporciona a auto-afecção e a auto-experiência, nos moldes do que propõe Nietzsche (2001), quando traz a ideia da auto-experimentação. Durante a auto-experimentação, também ocorre o processo de socialização, a partir de relações de atribuição e pertença em permanente construção e reconstrução entre sujeitos e ambientes, no qual a identidade de um está ligada à de outro. Identidade que é formada por processos relacionais e identitários (DUBAR, 1997). No processo de formação da identidade, os sujeitos fazem a representação social, relacionam-se às explicações originadas nas interações sociais, o que se situa entre o psicológico e o social, Souza Filho (1993).

NARRATIVAS PEDAGÓGICAS: UM OLHAR SOBRE AS HISTÓRIAS DE VIDA DO IFRS ALVORADA

O projeto de ensino Narrativas pedagógicas: um olhar sobre as histórias de vida do IFRS Alvorada, aprovado com bolsa de ensino pelo edital nº17/2021, caracterizou-se pela retomada de uma das atividades pedagógicas que foram desenvolvidas na disciplina de Português Instrumental com a primeira turma do curso de Pedagogia do IFRS Alvorada, a leitura e produção de narrativas. Essa atividade surgiu do

desejo dos alunos de compartilhar suas experiências em grupo, especialmente suas trajetórias de vida que culminaram na escolha pelo curso de Pedagogia.

O curso de Pedagogia ofertado pelo IFRS *Campus* Alvorada, resultante da ação de um grupo de trabalho constituído após audiência pública realizada no *Campus* em 28 de outubro de 2017, nasce tendo em vista não somente atender demanda local de formação docente para a Educação Básica, da região metropolitana de Porto Alegre e do Município de Alvorada, como também, contemplar a Política Nacional de Educação Profissional, prevista na Lei nº 9.394/96, bem como na Lei nº 11.892/08, especialmente em seu art. 7º, inciso VI, que postula como um dos objetivos dos Institutos Federais, ministrar em nível de Educação Superior os cursos de licenciatura.

O projeto de ensino teve caráter teórico e prático e na primeira turma, em 2019, foi caracterizado pelo emprego da metodologia de pesquisa bibliográfica, com revisão de estudos sobre o gênero narrativa pessoal via explicação oral e escrita, leituras dirigidas, caracterizadas por alguns modelos de narrativas, debates em grupo sobre a proposta e reflexão sobre possíveis gêneros textuais a serem construídos a partir da narrativa.

Alguns tópicos guiaram a construção da narrativa tais como: a) A necessidade de criação de um título que estivesse relacionado à história de vida ou trajetória acadêmica do aluno(a); b) O nome do autor logo a seguir; c) A escolha de uma imagem que o represente; d) as motivações para a escolha pela profissão docente, por esta e não outra instituição, suas experiências e expectativas em relação ao curso. A estrutura da narrativa não exigiu uma ordem, ou forma pré-determinada, mas instigou, no decorrer da narrativa, situar o início da trajetória acadêmica,

o percurso até ingressar no curso de Pedagogia do IFRS, *campus* Pedagogia, de modo a incluir o contexto da pandemia e as consequências dela em sua vida acadêmica, profissional e pessoal.

Além disso, também se realizou a reflexão sobre a transposição da narrativa pessoal para outros gêneros textuais e artísticos como livro, mural, poesia, documentário, etc; e a exposição dessas manifestações textuais/artísticas em sala de aula em um momento específico. Todos alunos deveriam produzir, no mínimo, a narrativa, que compôs uma avaliação de produção escrita de grande peso na disciplina. Os alunos também poderiam transpor a narrativa para gêneros como vídeo, pintura, poesia, etc. Nas fotos abaixo, a narrativa impressa de uma aluna e a sua transposição para uma modalidade de apresentação da narrativa em uma televisão de papelão:

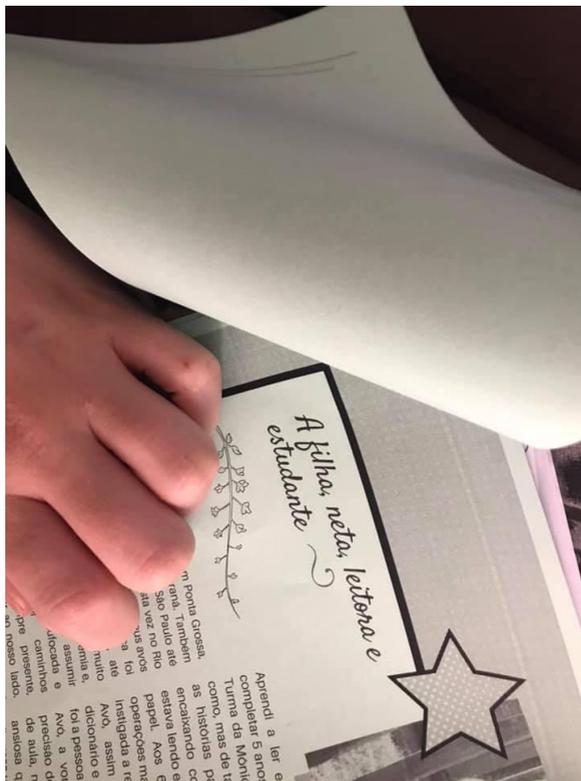


Figura 1: Narrativa impressa de uma aluna



Figura 2: Narrativa transposta para uma televisão de papelão

Para a segunda turma do curso de Pedagogia, em 2022, foi empregada uma metodologia semelhante à da primeira, partindo-se da sensibilização e apresentação da proposta do projeto de ensino, da leitura, análise e debates em grupo sobre narrativas e memoriais descritivos, da escrita da primeira versão da narrativa pedagógica, da aprendizagem/retomada de elementos linguísticos-gramaticais presentes nos textos e da reescrita dos textos.

Para efeito de publicação, houve um trabalho de curadoria, com correção textual em pares na própria turma e também pela bolsista e coordenação do projeto, os textos foram organizados e reunidos em

coletânea. Aspectos como criatividade, completude, coesão e coerência, observação de aspectos linguísticos e temáticos e obediência ao gênero textual foram verificados. Além disso, foram realizadas reflexões sobre a organização da coletânea, bem como exposição dessas manifestações textuais/artísticas durante evento científico-cultural.

Um conjunto de 48 narrativas compuseram os registros de história de vida das duas turmas de Pedagogia. A partir delas é possível afirmar que as turmas apresentam certas especificidades como, por exemplo, na turma de 2019, a grande maioria, cursa a primeira graduação. Já na turma de 2020, temos um número maior de alunos que buscam na Pedagogia uma segunda graduação. Aponta-se que o processo de ingresso da primeira turma foi por redação e da segunda, em virtude do período de pandemia, pela nota do ENEM de anos anteriores. Notadas as especificidades, não se pretende aqui olhar o conjunto de narrativas com enfoque em cada turma, mas sim admitir que ao realizar a leitura, tais peculiaridades emergem.

No conjunto, dentre os acadêmicos de Pedagogia já há graduados em Filosofia, Direito, Matemática, Letras, História, Educação Física, Biomedicina e Biologia. Ainda há de se considerar a presença de alunos pós-graduados em nível de especialização (na área de educação inclusiva, deficiência intelectual e supervisão escolar), de mestrado e cursando outras especializações e doutorado. Tais formações somam-se a outras oportunidades formativas anteriores ao ingresso no curso tais como seminários e cursos na área da educação, a formação em nível médio de Magistério e cursos de idiomas. Há também expresso em parte das narrativas o desejo pela sequência nos estudos após a conclusão do curso de Pedagogia em nível de especialização, mestrado e doutorado, um anseio pela possibilidade da pesquisa em educação. Diante disso,

pode-se afirmar que circulam no curso de Pedagogia saberes de outras áreas e diferentes níveis de ensino, o que expressa a possibilidade de estabelecer diálogos plurais sobre educação.

Muitas foram as motivações e percursos até o ingresso na Pedagogia no IFRS, no entanto, destaca-se que é recorrente nas narrativas a afirmativa de que se trata de uma instituição que oferta ensino público, gratuito e de qualidade. Instituição na qual estes alunos chegam movidos pelos sonhos de infância, algumas vezes adiados por longos anos, pelo desejo de novas oportunidades de atuação no mercado de trabalho, pelo anseio de ampliar e aprofundar conhecimentos já adquiridos. Além disso, sinalizam terem se inspirado ou decidirem serem docentes por determinadas condutas de professores que foram referência para eles. Esses professores ganham vida nas memórias afetivas, no registro de seus nomes completos e nas marcas de subjetividade impressas por eles. Por fim, ao tratar de motivações para o ingresso indica-se a convicção expressa de que a educação pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática na qual pautas como a educação inclusiva e a educação antirracista possam se tornar realidades.

É notável uma chegada repleta de percursos formativos anteriores com ingressos em outras graduações em diferentes áreas, como já citado, concomitantes ao trabalho e ao cuidado com a família, a maternidade, o que reflete em processos interrompidos ou adiados, seja por cansaço ou por dificuldades financeiras. Observa-se também experiências profissionais em diferentes setores que transitam entre o empreendedorismo, a indústria, o comércio, a higienização de ambientes, a segurança pública, a docência, o trabalho voluntário em projetos sociais, a monitoria de alunos de inclusão, a docência em diferentes etapas da educação básica e cursos pré-vestibulares e talvez tantas outras

que não tenham sido lembradas ou tenham sido escolhidas para ficarem no esquecimento.

Experiências que trazem consigo também as memórias dos tempos de aluno da educação básica, pois dentre as narrativas emergem lembranças da infância sobre o primeiro dia de aula, a emoção de vestir o uniforme, o entrar no prédio escolar e a organização de seus tempos e espaços, o som da sineta. Ademais, as formas de ser das professoras e professores, as expectativas pelo aprender a ler e escrever e também as memórias afetivas dos saberes aprendidos que não eram curriculares e sim envolviam as práticas inventivas do cotidiano. As famílias foram também lembradas ao citarem-se o incentivo aos estudos, os livros e objetos da cultura escrita disponibilizados e, em alguns casos, nas críticas em relação à escolha da Pedagogia pela desvalorização salarial do professor e por ser reconhecido como um espaço profissional feminino.

Enquanto acadêmicos no IFRS, graduandos em Pedagogia, representam essa inserção como acolhedora, o que gerou sentimentos de pertença que foram se compondo ao passo que se sentiam integrantes deste novo lugar. Um lugar em que foram instigados a problematizar realidades, ampliar horizontes e perspectivas sobre a educação, tiveram diferentes oportunidades formativas, seja em seminários, rodas de conversas, estágios, na integração com professores convidados e com a comunidade, ou seja, em projetos de extensão ou no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

Um lugar que é de relações humanas permeadas pelo respeito às histórias de vida de cada um, de construção de vínculos, de solidariedade, de momentos de interação e de compartilhamento de experiências. Lugar que se compõe atravessado por um período de pandemia em que o ensino remoto foi a alternativa possível. Período em que

houve necessidade de adaptação da rotina de aulas e estudos concomitantes às novas demandas que se instauraram nas vidas pessoais e na ausência dos encontros no *campus*. Lugar que os convida a narrar suas histórias e memórias e nesse processo, pode-se perceber o quanto escrever não é um ato neutro na medida em que constitui as subjetividades de autoria, há a indissociabilidade de ser e conhecer, os alunos percebem, como trazem seus textos, que os relatos de si mesmos dão sentido à própria vida, constituindo-se cognitivamente e emocionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas produzidas registraram histórias de vida, memórias do IFRS, do *campus*, do curso de Pedagogia, da comunidade, estabelecendo sentidos e significados para a história da instituição educativa, o que se deu por meio das experiências dos sujeitos que ali compartilham as práticas cotidianas. Observou-se que o projeto valorizou experiências pessoais e pedagógicas dos alunos através de narrativas; incentivou o gosto pela leitura a partir de leituras dirigidas; desenvolveu a competência textual dos alunos, aplicando conhecimentos linguísticos e gramaticais e aproximou as famílias e a comunidade do/da discente, incentivando essas pessoas a terem o hábito de leitura, a partir da exposição à coletânea de narrativas.

Esse exercício de contar histórias acabou se tornando parte da identidade dessas duas primeiras turmas de Pedagogia, que foi sendo construída ao longo da disciplina e mostrou-se um exercício de empoderamento pessoal e tomada de posse do espaço da Pedagogia no IFRS Alvorada, a partir da autorreflexão e reflexão das trajetórias dos colegas

e uma prática pedagógica inovadora que configurou um ensaio de uma prática que os próprios alunos poderão futuramente utilizar em sua caminhada profissional. Quando é possível contar as experiências de vida que explicam a trajetória pessoal e representá-la através da narrativa, encontra-se uma forma de ressignificar trabalho e vida, movimento que se deseja estender para as próximas turmas de Pedagogia do câmpus.

O registro de histórias que envolvam experiências de ensino, educação, numa espécie de documentação pedagógica, permite registrar e rever histórias que foram e são vividas como alunos e com os próprios alunos quando se tornaram/se tornam profissionais do ensino. Nisso é possível retomar o conceito de memória coletiva, a qual é compreendida/defendida por Halbwachs (1990) como processo de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo social e que foi uma das marcas do projeto.

A experiência desse projeto oportunizou a valorização de conhecimentos e vivências dos estudantes, as quais aproximaram também famílias e instituto federal, além de aprimorar a competência textual dos alunos, incentivar o gosto pela leitura e pela produção escrita, ensejando uma nova edição para a terceira turma de Pedagogia do *campus*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.
- BENJAMIN, Walter. **Mágica e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRUNER, J. **A Cultura da Educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CLANDININ,D.J.; G.M.CONNELLY, 2000. **Narrative inquiry**: experience and story in qualitative reasearch.San Francisco. Jossey Bass Publishers.

DUBAR, C. (1997). **Para uma teoria sociológica da identidade**. Em A socialização. Porto: Porto Editora.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972

LABOV, W.; WALETZKY, J. **Narrative Analysis**: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (Org.). Essays on the verbal and visual arts. Seattle, WA: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo** . 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolleti et. al. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. São Carlos: EDUFSCar, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NÓBREGA KUSCHNIR, Adriana Nogueira **‘Teacher’, posso te contar uma coisa?** A conversa periférica e a sócio-construção do conhecimento na sala de aula de língua estrangeira. RJ, 2003.

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Orgs) **(Auto)Biografia**: formação, territórios e saberes. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

SOLIGO, Rosaura; PRADO, Guilherme V.T. do. **Memorial de Formação**: Quando as memórias narram à história de formação. Porque escrever é fazer história. Campinas/SP: Graf: FE, 2005 a. p. 46-59.

SOUZA, E. C. **Modos de narração e discursos da memória**: biografização, experiências e formação. In: Memória e formação de professores, 2008.

SOUZA FILHO, E. A. de. In: Spink, M. J. **O conhecimento do cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **Culturas escolares, reformas e innovaciones**: entre la tradición y el cambio. (texto divulgado pelo autor e ainda não publicado), 2000.

7

AÇÕES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA INSTITUCIONAL: O CURSO DE IMPLANTAÇÃO DE CENTROS DE MEMÓRIA NOS *CAMPUS* DO INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

*Fernanda Ferreira Boschini*¹

*Fabia Dalla Nora*²

INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) é uma instituição centenária de Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Inaugurada em 1909 sob a denominação de *Escola de Aprendizizes Artífices* (EAA), a instituição passou por diversas reestruturações ao longo do século XX, ao acompanhar as muitas mudanças nas políticas educacionais. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional do IFSP, o PDI (2019–2023), a EAA em 1937 passa a se chamar *Liceu Industrial de São Paulo*, em 1942 *Escola Técnica de São Paulo* e em 1959 *Escola Técnica Federal de São Paulo* (ETFSP) sua estrutura mais conhecida e que permaneceu até o ano de 1998.

Ainda que desde os anos de 1970 a modalidade do ensino superior tecnológico já estivesse sido introduzida no país, na Rede Federal em São Paulo, o *Centro Federal de Educação Tecnológica* (CEFET-SP) é instituído somente em 1999, com a inserção e oferta de cursos superiores de

¹ Mestra em Educação Profissional. Servidora Técnico-Administrativa da Coordenadoria de Documentação e Memória do *Campus* São Paulo do IFSP.

² Especialista em Gestão Eletrônica de Documentos. Arquivista da Coordenadoria de Documentação e Memória do *Campus* São Paulo do IFSP.

tecnologia e de formação de professores, alterando de forma significativa sua estrutura administrativa e organizacional, assim como amplia o acesso à educação superior no estado de São Paulo. O CEFET- SP contava com uma unidade-sede, na capital paulista, e outras duas unidades descentralizadas, nas cidades de Cubatão e Sertãozinho.

Em 2008, a partir da criação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, a instituição se transforma em IFSP, projeto de educação que propõe uma organização pedagógica verticalizada e baseada em uma formação integral e cidadã. Esta criação foi seguida por políticas públicas de expansão da EPT a partir da Rede Federal, o que fez com que o IFSP tenha crescido de forma exponencial nos últimos treze anos. Hoje o IFSP possui uma Reitoria e mais 37 *Campus* no estado de São Paulo.

Nos últimos 112 anos, o IFSP se solidificou como uma das principais instituições de oferta de EPT em São Paulo, ainda que adequando-se a cada conjuntura histórica ou institucionalidade adquirida. A partir do estudo da história e da memória institucional, intenta-se pesquisar a trajetória do IFSP assim como as especificidades que neste ambiente já foram instituídas e construíram as identidades individuais e coletivas desta comunidade escolar. De acordo com Ribeiro (2013), memórias, histórias e identidades são objetos de análise e construção permanentes, assim como são conceitos - chave na construção da história das instituições. O sítio eletrônico do *Campus* São Paulo define o IFSP como um lugar de memória educativa, de identidade social individual e coletiva, cuja perspectiva interdisciplinar contribui de forma significativa para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão (IFSP, 2022).

A partir da iniciativa e da mobilização da comunidade escolar do *Campus São Paulo*, em 05 de dezembro de 2019 é inaugurado o Centro de Memória do IFSP “Prof. Benedito Ananias da Silva” (CMBAS) e, em 2020, é criado o Núcleo de Pesquisa da História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (NUPHMEPT), grupo de pesquisa do *Campus São Paulo* do IFSP. Em 2021, como desdobramento e continuidade das ações de preservação da memória no IFSP foi proposto, em parceria com a Reitoria do IFSP, o curso de capacitação “Implantação de Centros de Memórias nos *Campus* do IFSP” na modalidade Educação à Distância (EaD), com o objetivo de promover práticas de criação e implantação de centros de memória regionais nos demais *Campus* do IFSP.

1. O CENTRO DE MEMÓRIA DO IFSP COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO EM EPT

1.1 MEMÓRIA EM EPT

A memória é constituída através da relação do passado para com o presente e está atrelada ao ser humano. Esta, por sua vez, é subjetiva e pode-se entender como qualquer forma de percepção/pensamento que faz lembrar os fatos transcorridos. Logo, a memória é a capacidade de armazenar informações que são adquiridas ao longo do tempo por diversos meios, sejam eles escritos ou orais, apresentando para o presente quando necessária.

A memória pode também ser entendida como “a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 183 - 184). Os diversos estudos sobre memória, realizados por diferentes áreas, têm aproximado a memória

de fenômenos ligados às ciências humanas e sociais uma vez que os fenômenos relacionados à memória apenas existem na “[...] medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 1990, p. 367).

Nesta perspectiva, de acordo com Pollak (1992) a memória, tanto individual quanto coletiva, é constituída por elementos. Dentre estes elementos, estão os acontecimentos vividos pessoalmente e os vividos pela coletividade na qual o ser humano está inserido e sente-se pertencer. Este segundo elemento, de acordo com o autor, “vêm juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço – tempo de uma pessoa ou de um grupo” sendo possível que ocorra “um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado” na qual é tão profunda que pode ser definida como uma “memória herdada” (POLLAK, 1992, p. 2).

Souza (2013) traz em sua pesquisa a necessidade de preservação do patrimônio escolar e do estudo da cultura material escolar dentro das ações de preservação do patrimônio cultural, pois “é preciso reconhecer que uma das principais justificativas para a preservação do patrimônio cultural é a sua relevância para a construção da identidade dos sujeitos e de suas relações com o tempo e o espaço e para a construção da memória” (SOUZA, 2013, p. 212).

Ainda de acordo com Souza (2013), os estudos sobre a cultura escolar buscam investigar vestígios de práticas escolares importantes e significativas como por exemplo as discussões das relações entre objetos, sujeitos e culturas escolares. A autora ainda afirma que estes estudos só são possíveis a partir da identificação, organização e armazenamento adequado destes acervos. Ainda de acordo com Souza (2013):

As justificativas para se preservar o patrimônio escolar tendem a reiterar a importância da conservação da memória da escola, remetendo a seus vínculos com a formação da infância e da juventude e a espaço de transmissão de cultura e processos de construção de subjetividades e de identidades (SOUZA,2013, p.212).

Souza (2013, p.213) também traz a importância dos estudos sobre a memória escolar não só reconhecimento sociocultural das instituições escolares ou como memória afetiva, mas como “ferramenta de reflexão sobre o significado da escola como instituição ao longo do tempo e os sentidos de sua atuação no presente”.

Na Rede Federal, a EPT como modalidade de educação se transformou ao longo dos últimos 112 anos ao acompanhar as mudanças nas relações de trabalho. As escolas de Aprendizizes Artífices ministravam ofícios manuais e artesanais, tornaram-se manufactureiras e posteriormente ensinaram procedimentos fabris e de larga escala, já nas antigas Escolas Técnicas Federais e assim sucessivamente, até a criação dos Institutos Federais que formam técnicos, tecnólogos, bacharéis e licenciados. Pode-se dizer então, que a história da EPT está de certa forma impressa na memória da classe trabalhadora brasileira.

A memória da EPT resgata o contexto específico da aprendizagem para o trabalho: ferramentas, máquinas, oficinas, salas de aula e laboratórios, são exemplos de objetos e espaços escolares que podem ser analisados. Pode-se dizer que a arquitetura dos prédios, a distribuição dos espaços e a disposição do mobiliário se adequava de acordo com a concepção de Educação Profissional de cada período histórico, de cada reforma educacional e de cada instituição constituída. O estudo das memórias dos sujeitos a partir das narrativas de história oral complementa este processo. No caso do IFSP, de fato busca-se nos estudos da história

e da memória criar um percurso de pesquisa que auxilie na compreensão das institucionalidades e das identidades ali presentes.

1.2 A IMPLANTAÇÃO DO CMBAS E A CRIAÇÃO DO NUPHMEPT

As primeiras iniciativas de preservação da memória no IFSP datam do ano de 2013, quando é emitida a Portaria nº 997, de 04 de março de 2013, que institui um grupo de trabalho na instituição que visava elaborar um plano de trabalho detalhado para a implantação de um Centro de Memória. No mesmo ano, a Pró -Reitoria de Extensão inclui em sua organização disposta no regimento do IFSP a necessidade desta implantação. Entretanto, nos anos seguintes a implantação não se concretizou. Em 2017, a proposta de implantação do Centro de Memória do IFSP é retomada por meio da Resolução nº 57 de 04 de junho de 2017 aprovando a proposta de implementação, sob responsabilidade do *Campus* avançado de São Miguel Paulista. No ano seguinte, por meio da resolução nº 79 de 02 de outubro de 2018, é alterado o local de funcionamento do futuro Centro de Memória para o *Campus* São Paulo do IFSP.

O Centro de Memória do IFSP “Prof. Benedito Ananias da Silva” foi inaugurado em 05 de novembro de 2019 nas dependências do *Campus* São Paulo do IFSP com o objetivo de coletar e organizar o acervo histórico da instituição, mas também visando “a guarda, conservação, preservação, disponibilização e difusão da história e da memória do IFSP (IFSP, 2019).

O Patrono do Centro de Memórias do IFSP é o Professor Benedito Ananias da Silva, nascido em 1924, ex-aluno da Escola de Aprendizes Artífices de São Paulo e ex-professor do curso de Mecânica (1945-1965). A partir da criação do CMBAS, foi desenvolvida como estratégia

institucional de construção e difusão do conhecimento a realização de eventos acadêmicos (periódicos ou não), a criação de um grupo de pesquisa institucional e a prestação de serviços à comunidade, como o desenvolvimento de atividades técnicas e culturais de preservação da memória. Aberto ao público e à visitação gratuita, o CMBAS é ligado ao gabinete do *Campus* São Paulo e à Reitoria do IFSP (Figura 1).



Figura 1: Logomarca do CMBAS, que reproduz a visão externa parcial do prédio atual do IFSP, localizado no bairro do Canindé, em São Paulo.

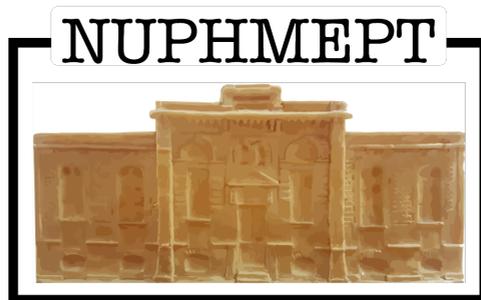
Fonte: CMBAS (2022)

O Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica (NUPHMEPT) surge no ano de 2020 com a finalidade de institucionalizar a pesquisa em História e Memória da Educação Profissional no IFSP e envolver a comunidade científica interna (docentes, discentes e técnicos administrativos) e externa (pesquisadores interessados na temática apresentada) e produzir conhecimento sobre EPT. Um de seus principais objetivos consiste em “resgatar as culturas escolares constituídas no Instituto Federal de São

Paulo desde a sua fundação como Escola de Aprendizizes Artífices em 1909” (IFSP, 2021). De acordo com informações obtidas no sítio eletrônico do IFSP:

O Grupo tem como missão a organização do acervo histórico do IFSP, bem como, a criação do Centro de Memória da instituição, promovendo estudos a partir de seu acervo textual, iconográfico e material e buscando a articulação com outras instituições públicas e privadas de ensino, promovendo encontros e debates e realizando publicações específicas (IFSP, 2021).

Inicialmente, foram delimitadas 5 (cinco) linhas de pesquisa, criadas a partir do acervo disponível no Centro de Memória do IFSP, quanto das pesquisas realizadas pelos membros do grupo. São elas: 1. História da Educação Profissional; 2. Narrativas Docentes e História Oral; 3. Arquitetura Escolar e Espaços Educativos; 4. Cultura Material Escolar e 5. História das Disciplinas Escolares. A identidade visual do NUPHMEPT pode ser vista na figura 2:



**NÚCLEO DE PESQUISA DA HISTÓRIA E MEMÓRIA
DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Figura 2: Logomarca do NUPHMEPT, que reproduz a fachada externa do antigo edifício da EAA e da ETFSP, localizada no bairro da Luz, em São Paulo.

Fonte: CMBAS (2022).

O NUPHMEPT foi certificado pelo CNPq em 2020, o que possibilitou a oficialização do grupo dentro do IFSP e a obtenção do apoio institucional da Diretoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação do *Campus* São Paulo. O grupo possui um cronograma anual de reuniões bimestrais para leituras e debates com vistas à produção do conhecimento. Intenta-se também articular a atuação do grupo em ações realizadas pelo Centro de Memória, ao atuar em conjunto a partir de projetos de pesquisa e publicações temáticas. O NUPHMEPT também apoia os eventos acadêmicos e científicos realizados no IFSP e que se relacionam direta ou indiretamente à história da instituição.

2. O CURSO DE IMPLANTAÇÃO DE CENTROS DE MEMÓRIA NOS CAMPUS DO IFSP: PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

2.1 PROPOSTA E LEVANTAMENTO INICIAL

A proposta inicial para a realização de um curso de implantação de centros de memória foi decorrente da percepção dos servidores que atuavam na Coordenadoria de Documentação e Memória do *Campus* São Paulo (CDM-SPO) e no CMBAS acerca da necessidade de preservar a história e a memória institucional do IFSP de forma regional, pois já havia sido identificada a demanda de alguns *Campus* em iniciar os trabalhos de institucionalização e implantação de seus centros de memória.

A Coordenadoria de Formação de Pessoal (CFOR) do IFSP é vinculada à Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional (PRD), e de acordo com a Portaria nº 4646 de 18 de dezembro de 2019, que institui a Política de Desenvolvimento de Pessoas, tem como uma das linhas de desenvolvimento a “capacitação dos servidores visando a sensibilização sobre seu papel social e sobre a importância dos aspectos profissionais

vinculados à formulação, ao planejamento, à execução e ao controle de metas institucionais”. A preservação da memória institucional está presente no PDI e em outros documentos institucionais. A partir da parceria da CDM-SPO com a CFOR e com o Centro de Referência em Educação a Distância (DED-CEAD) foi decidido que o curso seria realizado na modalidade EaD, com atividades síncronas e assíncronas.

O objetivo principal do curso visou proporcionar o desenvolvimento de conhecimentos mínimos necessários para que servidores do IFSP estivessem aptos a implementar centros de memórias nos seus respectivos *Campus*. A expectativa inicial era de que o curso pudesse oferecer noções básicas de conhecimento sobre a temática, para que os servidores pudessem em momento oportuno implantar centros de memórias em seus *Campus* de lotação. Almejou-se também demonstrar a experiência de todas as etapas de implantação do CMBAS.

Foram definidos como objetivos específicos do curso apresentar aos servidores do IFSP noções básicas sobre gestão arquivística de documentos, promover uma conscientização sobre os benefícios e vantagens da realização da gestão documental no que tange a recuperação da informação e a preservação da memória institucional, além da necessidade da preservação de documentos e objetos do tempo presente para que a memória histórica e cultural cumpra sua função social, ao permitir que a história da instituição seja conhecida e disseminada pela comunidade a qual o aluno se insere.

Para definição da estrutura do curso, realizaram-se reuniões com a equipe. As escolhas das temáticas tiveram relação direta com os campos de estudo e pesquisa dos envolvidos, na busca por agregar conhecimentos práticos e teóricos. “Não se pode realizar prática criativa sem retorno constante à teoria, bem como não se pode fecundar a

teoria sem confronto com a prática" (DEMO, 2002, p. 27). O curso foi posteriormente apresentado à CFOR e a DED-CEAD para o estabelecimento dos recursos necessários para sua efetivação.

2.2 METODOLOGIA E APLICAÇÃO

Foram propostos 7 (sete) módulos para compor a estrutura do curso, a saber: módulo 1 - História da documentação do IFSP, módulo 2 - Noções básicas de arquivo, módulo 3 - Gestão documental, Módulo 4 - Ordenação e arquivamento, módulo 5 - História e Memória da Educação, módulo 6 - Criação de Centros de Memórias e módulo 7 - Produção do Conhecimento - Práticas em Centros de Memórias.

No módulo 1, realizou-se a apresentação dos participantes no intuito de conhecer seus objetivos, áreas de interesse e o *Campus* que representavam. Após as apresentações, procedeu-se à explanação sobre como se deu a acumulação de documentos no IFSP ao longo de sua jornada histórica em diferentes períodos, demonstrando os prejuízos de uma massa documental acumulada.

No módulo 2, buscou-se introduzir os conceitos e as características dos documentos de arquivos e dos arquivos, os principais princípios arquivísticos, a definição da teoria das três idades e os valores dos documentos de arquivo. De acordo com Martins (1998, p. 04) "para que você possa entender como organizar e como escolher o melhor método ou sistema de organização que atenda a instituição em que você trabalha, é necessário que se entenda o que são arquivos e documentos".

Para o módulo 3, foi exposto o conceito, os objetivos e as fases da gestão arquivística de documentos, o conceito de classificação e avaliação de documentos de arquivo, os instrumentos de gestão arquivística

de documentos utilizados no âmbito da Administração Pública Federal. São eles: código de classificação e tabela de temporalidade e destinação de documentos relativos às atividades-meio do Poder Executivo Federal e código de classificação e tabela de temporalidade e destinação de documentos relativos às atividades-fim das instituições federais de ensino superior - IFES. Por último, foi explanado sobre a Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD), suas competências e sobre os procedimentos para eliminação de documentos públicos. A Lei Federal nº 8.159/1991 em seu Art. 1º enfatiza que “é dever do Poder Público a gestão documental e a proteção especial a documentos de arquivos, como instrumento de apoio à administração, à cultura e ao desenvolvimento científico e como elementos de prova e informação” (BRASIL, 1991).

De acordo com Santos e Valentim (2021, p.2):

Acredita-se que organizações são produtoras de informação e com o significativo volume de conteúdos informacionais produzidos nos ambientes organizacionais, muito tem sido perdido ou dificultado no que tange ao acesso, compartilhamento, recuperação e uso, o que pode ser resultado da falta de compreensão acerca das inter-relações entre a gestão documental, a gestão da informação e a memória organizacional que é construída coletivamente por todos os sujeitos organizacionais (SANTOS, VALENTIM, 2021, p.2)

No módulo 4, foram apresentados os conceitos, os objetivos e os principais métodos de ordenação/arquivamento utilizados para organização de acervos arquivísticos. Gonçalves (1998, p. 12) salienta que a ordenação tem como objetivo básico facilitar e agilizar a consulta aos documentos, pois, “mesmo no que se refere a uma mesma atividade, e em relação a um mesmo tipo documental, os documentos atingem um volume significativo”.

No módulo 5, foram expostos os conceitos de história e de memória sob o ponto de vista do historiador, apresentando um panorama da EPT no Brasil e no Estado de São Paulo.

Para o módulo 6, foram apresentadas as práticas desenvolvidas na criação de centros de memórias escolares. Neste módulo, houve a exposição da experiência de implantação do Centro de Memória da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) pela Profa. Dra. Iomar Barbosa Zaia, uma experiência externa à instituição e que agregou novos conhecimentos, pois o Centro de Memória da ABPp funciona totalmente de forma online, ou seja, não possui estrutura física.

No módulo 7 foram relatadas as experiências de atividades desenvolvidas no CMBAS, as possibilidades de produção do conhecimento a partir dos acervos existentes em Centros de Memória. Ademais, foram expostas as possibilidades de difusão do conhecimento produzido através das atividades de ensino, pesquisa e extensão que podem ser realizadas nestes locais: interdisciplinaridade, eventos, congressos, publicações.

O curso foi desenvolvido no modelo híbrido, com aulas síncronas e assíncronas com tutoria online. As aulas foram compostas por cinco encontros semanais (às quartas-feiras, das 09h30 às 12h) síncronos de 2,5 (duas horas e meia) horas cada, somando 12,5 horas e mais 17,5 horas de atividades assíncronas em ambiente virtual. O curso foi finalizado com a carga horária total de 30 horas. A ferramenta tecnológica utilizada foi o Moodle³. Esta ferramenta permite, segundo Rostas e Rostas (2009), a

³ De acordo com o portal do Instituto Federal do Pará (IFPA, 2022), o Moodle “é um sistema de código aberto para a criação de cursos online. Também conhecida como Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), a plataforma é utilizada por alunos e professores como ferramenta de apoio ao ensino a distância-EAD em mais de 220 países”. Disponível em: <https://ctead.ifpa.edu.br/noticias/544-afinal-o-que-e-moodle>.

adequação do ambiente conforme as necessidades da instituição e o uso de interfaces que permitem uma interação colaborativa entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Como soluções educacionais para este curso, utilizou-se de videoconferência com exposição dialogada e discussões em grupo para esclarecimentos e dúvidas. Foram utilizados também recursos externos como textos e vídeos disponibilizados aos alunos para a realização das atividades, além da indicação de bibliografia básica para leitura e complementação deste itinerário formativo.

Para melhor compreensão dos conteúdos e interação colaborativa entre os participantes, foi estabelecido um limite de vagas a serem preenchidas, sendo limitado a 40 vagas ao todo. Por fim, após definição e estruturação do curso na plataforma Moodle, o curso foi amplamente divulgado no sítio eletrônico do IFSP. A divulgação foi de suma importância para o alcance do curso nos *Campus* do IFSP. Além do sítio eletrônico, foram enviados e-mails para servidores que já haviam demonstrado interesse na temática.

O curso de capacitação “Implantação de Centros de Memórias nos *Campus* do IFSP” foi ministrado no período de 21 de outubro a 11 de novembro de 2021 (Figura 3).



The image is a screenshot of the Instituto Federal de São Paulo (IFSP) website. At the top, there is a green header with the IFSP logo and name, a search bar, and social media icons. Below the header, there is a navigation menu with links for 'Contato e Localização', 'Comunicação', 'Acesso à Informação', 'Ouvidoria', and 'CPA'. The main content area features a news article titled 'IFSP oferece curso sobre “Implantação de Centros de Memórias nos Campus do IFSP”'. The article includes the IFSP logo, the title, and a short paragraph of text. The text mentions that 40 vacancies are available and that the course will be held online via videoconference. It also states that the course will be held between October 9th and 18th, 2021, and that selection will be based on the order of registration.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Instituto Federal de São Paulo
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de São Paulo

Contato e Localização | Comunicação | Acesso à Informação | Ouvidoria | CPA

PÁGINA INICIAL

INSTITUTO FEDERAL
São Paulo

Processos Seletivos
Cursos

IFSP oferece curso sobre “Implantação de Centros de Memórias nos Campus do IFSP”

Publicado: Sexta, 08 de Outubro de 2021, 17h12 | Última atualização em Quinta, 21 de Outubro de 2021, 10h07 | Acesso: 1846

São oferecidas 40 vagas e a capacitação acontecerá online

Os servidores do IFSP poderão se inscrever para o curso “Implantação de Centros de Memórias nos Campus do IFSP”. A capacitação será realizada de forma virtual com encontros síncronos em videoconferência, por meio da plataforma Moodle. As inscrições acontecem entre os dias 9 e 18 de outubro de 2021. A seleção será feita por ordem de inscrição.

Figura 3: Notícia divulgada no sítio eletrônico do IFSP, sobre o Curso de Implantação em Centros de Memória.

Fonte: IFSP (2022).

2.3 AVALIAÇÃO

O curso de Implantação de Centros de Memória nos *Campus* do IFSP teve ao todo 39 inscritos. Com o intuito de verificar os resultados e opiniões dos participantes, ao final do curso foi aplicado um formulário de avaliação, instrumento que possibilitou que os alunos expusessem suas opiniões e sugestões. Dessa forma, entende-se que este formulário auxiliará na implantação de melhorias para o aprimoramento do curso.

Para responder o formulário, o aluno poderia escolher números de 1 a 5, conforme escala: 1 - discordo totalmente, 2 - discordo, 3 - nem concordo, nem discordo, 4 - concordo, 5 - concordo totalmente. Além disso, o questionário foi dividido em 4 blocos de grandes assuntos para melhor compreender a satisfação dos participantes. O primeiro bloco era composto de questões referentes ao planejamento, coordenação e apoio virtual, o segundo composto por questões referentes ao desempenho do professor/palestrante, o terceiro composto por questões de autoavaliação e, por fim, o quarto de sugestões e críticas.

No que tange às questões do primeiro bloco, relativas ao planejamento, coordenação e apoio virtual, obteve-se os seguintes resultados:

- a) Quando questionados se os objetivos do curso foram definidos de forma clara, 67% responderam concordar totalmente e 33% responderam concordar;
- b) Quando questionados se os prazos foram suficientes para o desenvolvimento dos conteúdos do curso, 39% responderam concordar totalmente, 28% responderam concordar, 17% responderam nem concordar, nem

discordar, 11% responderam discordar e 6% responderam discordar totalmente;

- c) Quando questionados se os conteúdos foram coerentes com os objetivos propostos, 61% responderam concordar totalmente e 39% responderam concordar;
- d) Quando questionados se apresentação multimídia e didática utilizados facilitaram a compreensão do conteúdo, 67% responderam concordar totalmente e 33% responderam concordar;
- e) Quando questionados se as atividades previstas para o curso contribuíram para a aprendizagem, 56% responderam concordar totalmente, 39% responderam concordar e 6% responderam discordar;
- f) Quanto à eficiência da comunicação entre os responsáveis pelo curso e os participantes, 72% responderam concordar totalmente e 28% responderam concordar;
- g) Quanto ao uso da plataforma Moodle, se ela é intuitiva e de fácil utilização, 61% responderam concordar totalmente, 28% responderam concordar, 6% responderam nem concordar, nem discordar e 6% responderam discordar;
- h) Quanto à satisfação no processo de inscrição do curso, 89% responderam concordar totalmente e 11% responderam concordar.

As respostas deste grupo de questões demonstraram que a maioria dos participantes avaliaram positivamente o planejamento, coordenação e apoio virtual do curso. Entretanto, percebe-se que o prazo para execução das atividades pode ser um ponto a ser analisado para o aprimoramento do curso, uma vez que o índice de aprovação foi menor que 50%.

No que tange às questões do segundo bloco, relativas ao desempenho do professor, obteve-se os seguintes resultados:

- a) Quando questionados se o professor utilizou linguagem de fácil compreensão, 78% responderam concordar totalmente e 22% responderam concordar;

- b) Quando questionados se o professor demonstrou domínio do conteúdo da formação, 89% responderam concordar totalmente e 11% concordar;
- c) Quando questionados sobre a abordagem adequada dos assuntos pelos professores, 72% responderam concordar totalmente e 28% responderam concordar;
- d) Quando questionados acerca da objetividade das explicações dos professores, 67% responderam concordar totalmente e 33% responderam concordar;
- e) Por último, foi solicitado que os participantes atribuíssem uma nota, de 0 a 10, referente ao conteúdo e ao ministrante do curso. Nesse questionário, 56% emitiram nota 10 e 44% emitiram nota 9, evidenciando um dado positivo acerca do conteúdo abordado e aos professores.

As respostas deste grupo de questões demonstraram que a maioria dos participantes avaliaram positivamente o desempenho dos professores e dos conteúdos abordados, uma vez que esse grupo de questões recebeu somente avaliações 5 (concorda totalmente) e 4 (concorda).

No que tange às questões do terceiro bloco, relativas à autoavaliação, obteve-se os seguintes resultados:

- a) Quando questionados se a carga horária permitiu a participação efetiva no curso, 39% responderam concordar totalmente, 44% responderam concordar, 6% responderam nem concordar, nem discordar e 11% discordar;
- b) Quanto à motivação para participar de outro curso, 69% responderam concordar totalmente e 31% responderam concordar;
- c) Quanto ao aprendizado dos conteúdos apresentados, 56% responderam concordar totalmente, 39% responderam concordar e 6% responderam nem concordar, nem discordar;
- d) Quanto à aquisição de conhecimentos que visam melhorar o desempenho no trabalho, 56% responderam concordar totalmente, 33% responderam concordar, 6% responderam nem concordar, nem discordar e 6% responderam discordar totalmente;
- e) Quando questionados se percebem situação de trabalho onde poderiam aplicar o aprendizado, 56% responderam concordar totalmente, 25%

responderam concordar, 6% responderam nem concordar, nem discordar e 13% responderam discordar totalmente;

- f) Por fim, para encerrar as questões de autoavaliação, quando questionados se teriam interesse pelo assunto após o curso, 53% responderam concordar totalmente e 47% responderam concordar, demonstrando um interesse pelos participantes acerca da temática abordada.

Nas respostas do terceiro bloco, evidencia-se que a carga horária do curso é um ponto que deve ser repensado pela equipe, uma vez que o índice de aprovação foi menor que 50%. Dessa forma, ao analisar concomitantemente a questão atinente ao prazo (primeiro bloco) e a carga horária, percebe-se a necessidade de avaliar as possibilidades de estender a carga horária ou a prazo para execução do curso.

Por fim, no quarto bloco, obteve-se sugestões e críticas dos participantes. As sugestões foram relativas ao atendimento, infraestrutura, serviços de apoio, material didático, conteúdo adicionais, sugestões de cursos que gostariam de realizar e depoimentos sobre o curso. Nesse contexto, seguem algumas falas de participantes:

Minha única "sugestão" é que as aulas/encontros ocorram apenas uma vez por semana, preferencialmente no início delas, assim, os alunos têm sete dias para ler todos os textos complementares ou a maior parte deles, assistir aos vídeos na íntegra e realizar as atividades com mais domínio, mais tempo. evitando tantos atrasos. Pra mim foi difícil acompanhar o ritmo, acredito que a maioria dos alunos trabalhem também, enfim, é só uma sugestão.

Acredito que o curso poderia ter carga horária maior pois me dediquei muito mais que as 30 horas normatizadas.

No comentário acima verifica-se que a carga horária e o prazo de conclusão do curso é um fator que deverá ser repensado, como já exposto nos questionários. Ademais, os participantes expressaram

inúmeras sugestões para novos cursos, demonstrando as inúmeras possibilidades, conforme podemos observar:

Cursos específicos para: Acervos fotográficos, audiovisuais e sonoros; Curadoria e montagem de exposições; Gestão de acervos arquivísticos e museológicos; Indexação e recuperação de informação arquivística; Teoria e técnica de Preservação e Restauração de acervos arquivísticos e museológicos; Cultura e Patrimônio material e imaterial.

Sim, gostaria de fazer um curso sobre os recursos digitais para a construção de um Centro de Memórias Virtual e como utilizar essas ferramentas.

Sim, seria interessante um curso propondo como elaborar um projeto de extensão nos Campus para implantação de um centro de memória. Com a curricularização da extensão, seria interessante propor alternativas para os docentes dos cursos superiores, além de favorecer o engajamento de mais servidores para a causa.

Ao final do questionário, os participantes expuseram alguns depoimentos e elogios sobre o curso, o que ressalta a importância da temática abordada.

Pretendo aprofundar os conhecimentos no tema para iniciar um centro de memória digital/virtual do Campus.

O Curso é bom, proveitoso, favorável para ampliar a visão da história, memória, cultura e do patrimônio do nosso Instituto em cada Campus na abrangência do estado em São Paulo, de igual modo da Rede Federal de Ensino, e por cambiar saberes, experiências, vivências da educação com outras instituições de ensino e afins em prol do bem-estar coletivo. Obrigada a todos Gratidão.

O curso foi muito interessante. É possível enxergar a aplicação dos conhecimentos adquiridos nos setores que produzem documentos e conhecimento. De certa forma, é importante preservar a memória da educação tecnológica e continuar gerando novos conhecimentos que propiciarão a evolução e adaptação do IFSP para cada vez melhor atender a comunidade externa.

Curso muito interessante que deveria ser obrigatório para todos os servidores do IFSP uma vez que sempre geramos uma massa documental muito grande e que,

muitas vezes, são guardadas pelo simples fato de proceder seu armazenamento sem conhecer seu significado, importância e função. Ademais, o curso proporciona uma visão maior sobre a massa documental que diminuirá seu descarte, considerada insignificante e como "tralhas e velharias".

Participaram do curso profissionais de diferentes áreas, como administradores, bibliotecários e docentes. Entretanto, dos 39 alunos inscritos, 17 concluíram e 23 não concluíram, conforme ilustrado no gráfico 1.

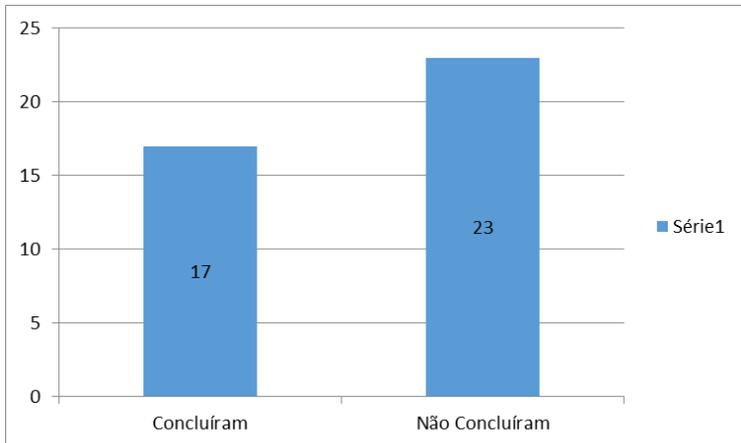


Gráfico 1 - Concluintes e não concluintes.

Fonte: Moodle IFSP (2021).

Entende-se que o baixo número de concluintes deu-se pela carga horária e o prazo de conclusão do curso, pois segundo os participantes estes deveriam ser maiores. Além disso, os participantes sugeriram encontros semanais (1 vez por semana) ao invés de 2 (dois) conforme foi praticado.

O Curso teve como método de avaliação a frequência nas atividades síncronas e a entrega de atividades definidas em cada módulo. O rendimento total de cada participante foi feito a partir do somatório de todos

os resumos e das tarefas realizadas nos sete módulos. Para o aluno ser aprovado teria que atingir uma média mínima de 7 ou 70% das atividades realizadas. A seguir é apresentado o gráfico 2, o qual representa a média final dos participantes que concluíram o curso.

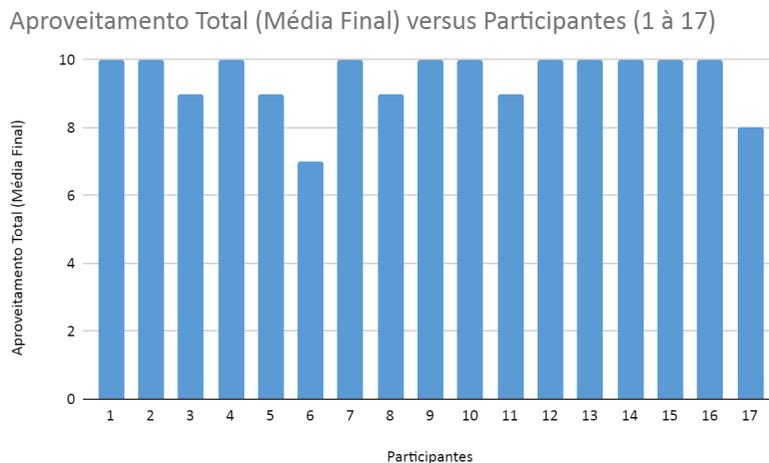


Gráfico 2 - Média final dos alunos que concluíram o curso.

Fonte: Moodle IFSP (2021).

No gráfico acima, observou-se que a média de notas dos participantes concluintes foi alta, entre 7 e 10, configurando-se um ponto positivo no desenvolvimento do curso de capacitação “Implantação de Centros de Memórias nos *Campus* do IFSP”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva das especificidades da trajetória histórica, política e educacional da EPT, acredita-se que o acervo do CMBAS possa colaborar, a partir da preservação e da difusão da sua história e da memória

institucional, com os estudos e pesquisas sobre esta importante modalidade de ensino no Brasil.

O Curso de Implantação de Centros de Memória objetivou não somente proporcionar aos participantes a aquisição de conhecimentos mínimos necessários para implantar centros de memórias nos *Campus* do IFSP, mas também promover o desenvolvimento de ações de ensino, pesquisa e extensão em consonância com os pressupostos institucionais dispostos em seus documentos e portarias oficiais.

A partir das análises realizadas, acredita-se que o curso teve um impacto positivo e significativo para a preservação e difusão da história e da memória do IFSP, na medida que favoreceu o intercâmbio de informações, conhecimentos e experiências entre servidores profissionais e pesquisadores de diferentes áreas, permitindo novas visões acerca da importância da temática abordada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: 05 abr. 2022.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 9.ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

GONÇALVES, Janice. **Como classificar e ordenar documentos de arquivo**. Disponível em: https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf2.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Coordenadoria de Documentação e Memória: Apresentação (2022)**. Disponível em: <https://spo.ifsp.edu.br/cdm> Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Coordenadoria de Documentação e Memória:** Grupo de Pesquisa (2021). Disponível em: <https://spo.ifsp.edu.br/cdm?id=1358>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Notícias:** Inaugurado o Centro de Memória do IFSP (2019). Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/noticias/1172-inaugurado-o-centro-de-memoria-do-ifsp>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Portaria nº 997 de 04 de março de 2013.** Designa servidores para constituir comissão com o objetivo de elaborar plano de trabalho detalhado para a implantação do Centro de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/acoes-e-programas?layout=edit&id=2679>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Portaria nº 4646 de 18 de dezembro de 2019.** Política de Desenvolvimento de Pessoas. Disponível em: <https://ifsp.edu.br/institucional/2-uncategorised/759-politica-de-capacitacao-do-ifsp-portaria-n-2-110-2013-e-outros>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2019-2023).** Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/editoria-a/menu-nivel-2/menu-nivel-3/85-assuntos/desenvolvimento-institucional/176-pdi#pdi-2019-2023>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Regimento Geral do IFSP.** Disponível em: <https://www.ifsp.edu.br/images/reitoria/regimento-geral-do-ifsp-1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Resolução nº 57, de 04 de julho de 2017.** Aprova a construção do Centro de Memórias IFSP. Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/bisjoG7AFak5nZQ#pdf-viewer>. Acesso em: 05 mar. 2022.

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO. **Resolução nº 79, de 02 de outubro de 2018.** Revoga a resolução 57, de 04 de julho de 2017 e altera o local do centro de memórias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Disponível em: <https://drive.ifsp.edu.br/s/Jk7Bqk1jLz9WY7c#pdf-viewer>. Acesso em: 05 mar. 2022.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia.** 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP Editora UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- MARTINS, Neire de Rossio. **Noções básicas para organização de arquivos ativos e semi-ativos**. Arquivo Central do Sistema de Arquivos/UNICAMP. Disponível em: https://simagestao.com.br/wp-content/uploads/2016/01/nocoos_basicas_para_organizacao_de_arquivos1.pdf. Acesso em: 05 abr. 2022.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, vol. 5, n.10, p. 200-212, 1992.
- RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Memória institucional: o trabalho como elo de identidade e pertencimento**. RETC- Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí. 13 ed.out.2013. p.16-23. Disponível em: <https://retc.fatecjd.edu.br/edicoesretc/13ed.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- ROSTAS, Márcia Helena Sauáia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. **O ambiente virtual de aprendizagem (moodle) como ferramenta auxiliar no processo ensino-aprendizagem: uma questão de comunicação**. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/px29p/pdf/soto-9788579830174-08.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIN, Marta Lígia Pomim. **Gestão documental e gestão da informação como ferramentas da memória organizacional: foco na memória e repositório**. Ágora: Arquivologia em debate, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 01-X, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/957/922>. Acesso em: 05 abr. 2022.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Preservação do Patrimônio Histórico Escolar no Brasil: notas para um debate**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan./jun. 2013. p. 199 – 221.

8

MEMÓRIAS COMPARTILHADAS: EXPERIÊNCIAS SOBRE A CRIAÇÃO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL MEMÓRIA CEFET-MG: ESPAÇOS, TRAJETÓRIAS E PRÁTICAS

*Denilson de Cássio Silva*¹

*Denise Maria Ribeiro Tedeschi*²

*Leandro Braga de Andrade*³

*Maria Eliza de Campos Souza*⁴

*Raphael Freitas Santos*⁵

APRESENTAÇÃO

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais é uma instituição centenária, que passou por intensas e expressivas modificações na sua estrutura física, no tipo de ensino e no público que pretendeu atender. No ano de 2020, por ocasião da passagem de seus 110 anos de existência foi concebida a exposição virtual *Memória CEFET-MG: espaços, trajetórias e práticas*, realizada pelo Departamento de História (DHIS) em parceria com a Diretoria Geral (DG) e a Coordenação de

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor efetivo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. E-mail: denilsonsilva@cefetmg.br

² Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora efetiva de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. E-mail: denise.tedeschi@cefetmg.br

³ Doutor em História Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor efetivo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. E-mail: leandrohistoria@cefetmg.br

⁴ Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora efetiva de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. E-mail: melizacamp@gmail.com

⁵ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor efetivo de História do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG. E-mail: santosraphaelf@gmail.com

Arquivo e Memória Institucional (ARQMI)⁶. Ligada a um processo mais longo de esforço de preservação arquivística e de estudo da memória institucional⁷, esta iniciativa buscou ir além da constituição de um marco comemorativo transitório e instaurar uma prática efetiva e contínua de valorização da memória institucional.

O presente artigo aborda a experiência de criação da referida exposição virtual, tendo como objetivos apresentar conceitos e ações, que compuseram a atividade e, assim, contribuir com a divulgação de práticas de valorização arquivística e memorialística no interior da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. As principais fontes utilizadas são a bibliografia especializada, os dados relativos ao trabalho efetivado e os relatos de professores/as envolvidos/as na empreitada. Em diálogo com a base teórica, são considerados os espaços de experiências e horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006) dos participantes do projeto e suas próprias memórias. Em termos metodológicos, colocamo-nos como sujeitos de ação e de reflexão, que indagam e pensam sobre as próprias práticas, produzindo um texto de traço, simultaneamente, descritivo e explicativo. Ressaltamos que a escrita coletiva, feita a muitas mãos, exigiu de todas/os os/as autores/as um

⁶ A exposição *Memória CEFET MG* contou com curadoria, projeto, concepção e conteúdo, a cargo dos/as professores/as Cristiane de Castro e Almeida, Ísis Pimentel de Castro, James William Goodwin Júnior, Leandro Braga de Andrade, Maria Eliza de Campos Souza e Raphael Freitas Santos, integrantes do Departamento de História (DHIS).

⁷ A partir de 2008 se iniciou no CEFET-MG um conjunto de iniciativas ligadas à pesquisa e preservação da memória institucional, envolvendo servidores docentes, técnico-administrativos e discentes. Tais iniciativas contribuíram significativamente para eliminar a cultura do “arquivo morto da instituição” e incentivar a organização, tratamento e preservação do arquivo permanente. O *Núcleo de Estudos de Memória, História e Espaço (NEMHE)* foi responsável por desenvolver projetos ligados à organização do acervo e promover exposições internas dedicadas à valorização da memória institucional. Destaca-se, entre estas iniciativas, a exposição de 100 anos do CEFET-MG e todas as ações desenvolvidas para viabilizá-la como o catálogo de comemoração “100 anos e muitas histórias”, organizado pelos professores Dra. Carla Simone Chamon e Dr. James William Goodwin Júnior. Foi a partir desta iniciativa e dos desdobramentos dela, que se desenvolveu o trabalho de pesquisa e curadoria da exposição virtual, objeto deste artigo.

esforço especial para a articulação das particularidades, constituintes do corpo textual.

O artigo está dividido em três partes. Inicialmente, apresentamos um breve histórico da instituição e discutimos os lugares da memória institucional nos espaços escolares. Em seguida, descrevemos o processo de concepção da exposição virtual, atentando, sobretudo, para a coleta do acervo disponibilizado e proposta de curadoria. Por último, indicamos potenciais usos, projetos futuros e experiências didático-pedagógicas, a partir do uso da exposição virtual em sala de aula.

1. REFLEXÕES INICIAIS: HISTÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA

A história do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG) conta como um de seus marcos iniciais o Decreto nº 7.566 de 23 de setembro de 1909, que determinou a criação de Escolas de Aprendizes e Artífices em cada uma das capitais dos estados do Brasil. A criação das EAA's tinha o propósito de oferecer formação primária e oficinas de trabalhos manuais como carpintaria, marcenaria e latoaria para os “filhos dos desfavorecidos da fortuna”, evitando “ociosidade ignorante, escola do vício e do crime” (BRASIL, 1909).

Em Belo Horizonte, a escola começou a funcionar no dia 8 de setembro de 1910, em um prédio improvisado na Avenida Afonso Pena, na área central, e atendia a um público de crianças e de adolescentes pobres do sexo masculino, a partir de 7 anos de idade. À esse perfil assistencialista da educação profissional se somavam os objetivos de produzir uma formação disciplinar das “classes operárias”, própria das cidades modernas do capitalismo. Importante lembrar que Belo Horizonte é uma capital planejada e, naquele período, ainda tentava implementar os

ideais sob os quais foi erguida - inaugurada em 1897 -, a saber, a modernidade, a racionalidade e o higienismo próprios do republicanismo liberal brasileiro (CHAMON e GOODWIN Jr, 2012). Portanto, a naturalização da relação entre ensino profissional e pobreza, além de pressupostos desse contexto, ainda preservava as antigas percepções do trabalho manual, identificado com a herança da escravidão e o controle social.

Acompanhando as transformações pelas quais passavam o projeto de nação nos anos de 1930 e 1940, a educação profissional atravessou mudanças que impactaram o perfil da escola. Em janeiro de 1937, a Lei N. 378 determinou que as Escolas de Aprendizes e Artífices se tornassem Liceus destinados ao ensino profissional de todos os níveis (básico e médio) em diversas especialidades. A mudança do nome para **Liceu Industrial de Minas Gerais** ocorreu em agosto de 1941.

No escopo da Reforma Capanema, foi publicada a Lei Orgânica do Ensino Industrial em janeiro de 1942. O Liceu passou, então, a ser nomeado como **Escola Industrial de Belo Horizonte** e em seguida como **Escola Técnica de Belo Horizonte**. No período foi criado o primeiro curso de nível médio, o Curso Técnico de Construção de Máquinas e Motores.

Passando a oferecer os cursos técnicos de nível médio, a escola construía o perfil que a marcaria por todo o século XX, o de formação qualificada para a atividade industrial. Durante o período de 1942 até 1958 a Escola Técnica de Belo Horizonte funcionou em um prédio provisório localizado na Avenida Augusto de Lima, com muitas dificuldades para suportar as oficinas e laboratórios.

Em 1958 inaugurou-se o prédio localizado na Avenida Amazonas nº 5253, no bairro Nova Suíça, construído com instalações próprias e

adequadas ao funcionamento de uma instituição de ensino profissional. Aqui é importante destacar, mais uma vez, que os caminhos da escola acompanham momentos-chaves do desenvolvimento do país. Na inauguração estavam presentes o então presidente da República Juscelino Kubitschek, que havia sido governador no período de execução da obra, o então governador José Francisco Bias Fortes e o presidente da Novacap (Brasília) e futuro governador, Israel Pinheiro da Silva. A mentalidade que imperava era a da rápida industrialização, para a qual as grandes cidades deveriam preparar sua infraestrutura e a qualificação de sua mão de obra. Por isso, a nova sede da escola é criada justamente na Avenida Amazonas, corredor de acesso à “Cidade Industrial”, pensada para a expansão industrial de Belo Horizonte.

No ano de 1959 as Escolas Industriais e Técnicas conquistaram maior autonomia didática e de gestão e a nossa Instituição pôs-se a se chamar Escola Técnica de Minas Gerais. Em 1965, o nome é, mais uma vez alterado, agora para **Escola Técnica Federal de Minas Gerais**. No prédio novo, a instituição mantinha um internato, principalmente para estudantes pobres que vinham do interior do estado, mas o perfil assistencialista foi sendo abandonado aos poucos. A escola deixou de oferecer cursos industriais básicos, centrou-se em áreas tecnológicas, passando a se dedicar, inclusive, a cursos de graduação. O primeiro foi o de Engenharia de Operação, nas modalidades Mecânica e Elétrica. Para instalar os novos cursos de graduação, a instituição abriu, em 1974, seu segundo Câmpus, também na Avenida Amazonas.

A denominação **Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais** foi criada, por lei, em 1978. A instituição que já era uma referência no ensino de nível técnico, passou a consolidar sua excelência no ensino de nível superior, na pesquisa científica e na extensão. Nos anos

1990, integrou o Sistema Nacional de Educação Tecnológica (1994). Nos anos 2000, o CEFET-MG testemunhou e integrou a criação e expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica (2008), que visava promover o desenvolvimento regional e multiplicar a formação de jovens para o mercado de trabalho, a partir de uma formação científica e humana sólida. A instituição já havia começado sua expansão pelo interior do estado bem antes (Leopoldina, 1987; Araxá, 1992; Divinópolis, 1994;), mas também aproveitou as oportunidades daquele contexto, que buscava promover o desenvolvimento regional, incluindo mais unidades (Varginha e Timóteo, 2006, Nepomuceno, 2007; Curvelo, 2010; e Contagem, 2011).

Durante toda a sua história a instituição expandiu, além da oferta de educação profissional e tecnológica, também seu público e seu perfil social. A respeito disso, é possível citar alguns exemplos. Se nos anos de 1970, as primeiras estudantes mulheres se aventuraram em uma instituição majoritariamente masculina, é também verdade que aquele perfil popular inicial foi substituído, parcialmente, por uma classe média, que buscava uma escola de qualidade na rede pública. Já nos anos 2000, com o processo de criação e expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a instituição absorveu, em seu perfil discente, as próprias transformações pelas quais passavam o país e a educação pública. Há uma ampliação geográfica dos campi, chegando a 8 cidades, para além da capital, que absorveu estudantes de origem urbana média, das periferias, da área metropolitana e rural.

Nesse tempo passou-se a defender valores político-pedagógicos mais amplos. Dentre estes, podem ser destacadas a “formação humana, reflexiva, crítica e laica” e a “valorização da arte e da cultura”, assumindo-se a missão de assegurar “a formação socialmente responsável

de cidadãos crítico-reflexivos e éticos” (CEFET, 2020), acolhendo-se pessoas de diferentes perfis socioeconômicos, de classe, raça, gênero e orientação sexual.⁸

É importante registrar, portanto, que o CEFET-MG acabou por construir uma imagem de instituição acolhedora e transformadora, do ponto de vista social, além de uma referência política de defesa da educação pública. Durante a Ditadura Civil-militar (1964-1985), ao passo que qualificava e abria oportunidades para jovens da classe trabalhadora, também absorveu as lutas de resistência ao regime, embora tenha sido alvo de ações repressoras. Os *campi* da instituição, atualmente, são referências de valorização, respeito e mobilizações político-sociais, abrigando iniciativas que buscam a equidade na diversidade.

A trajetória institucional do CEFET-MG, desse modo, não se trata apenas da mudança de nomenclatura, mas da transformação de práticas, construídas por agentes, com os meios e instrumentos disponíveis em dada época para alcançar as finalidades definidas durante um determinado tempo histórico. Em sintonia com Demerval Saviani (2005, p. 28), podemos afirmar que as

[...]instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade a que servem.

⁸ Segundo dados de 2018, a instituição é dotada de 11 *campi*, presentes tanto na capital, quanto no interior de Minas Gerais, com 94 cursos de Ensino Médio Técnico, 23 Graduações, 27 Pós-graduações, 5.240 estudantes, quase 200 salas de aula com mais de 7.200 lugares, 18 auditórios, mais de 150 laboratórios técnico-profissionais, bibliotecas que somam um acervo de 157.260 volumes, 669 técnicos administrativos, 1.096 professores (as), centenas de funcionários terceirizados e, antes da pandemia, restaurantes que ofertaram mais de 995.000 refeições em ano letivo (CEFET, 2018).

Assim, o entendimento das transformações provocadas pelas diferentes demandas sociais de cada contexto histórico brasileiro, bem como a continuidade da institucionalização de um modelo de educação foram as bases para a construção de sentidos da exposição, aqui apresentada.

Os modos pelos quais o passado foi e é mobilizado compreendem um intenso jogo de saber e de poder que, desde a institucionalização da História como disciplina, vêm se apropriando de formas e conteúdos para produzir efeitos públicos e privados, coletivos e individuais, identidades pessoais, políticas e profissionais (CERRI, 2011). Para Heller (1993), a consciência histórica não é uma alternativa, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo do qual nós não estamos totalmente no controle, qual seja, a transformação do que estar por vir no que já foi vivido. Para a autora, essa necessidade se dá na impossibilidade de se agir no mundo sem essa atribuição de sentido, de interpretação, uma vez que ser, estar e agir são processos no qual o passado é continuamente interpretado à luz do presente. E essa atribuição de sentidos ao passado nunca é isenta de objetivos e intenções.

Na exposição *Memória CEFET-MG* abordamos, por meio da ocupação de espaços, da construção de práticas e da composição de trajetórias, uma narrativa histórica sobre a nossa instituição, em meio às múltiplas rupturas, integrando as dimensões do passado (de onde viemos), do presente (o que somos) e do futuro (para onde vamos). Nesse “lugar de memória” (NORA, 1993), a construção de sentido não foi na direção de apenas promover a celebração de uma efeméride, com a finalidade de realizar uma espécie de sacralização cívica do tempo, do espaço e da instituição – como é típico em narrativas oficiais e oficiosas. Nossa intenção foi a de contribuir para a construção de uma “memória

coletiva” (HALBWACHS, 1990), sintonizada com anseios da nossa época e a partir das experiências do nosso passado.

Desde a concepção da iniciativa e a realização da pesquisa, até a seleção do acervo e a construção da plataforma de exposição, algumas questões nortearam nosso esforço, tais como: O que recordar? Quem recorda o quê? E por quê? Que versão do passado pretendemos registrar e preservar? E o esquecido, como lidar com ele?

O recordado evocado na exposição buscou não se limitar à evolução normativa e ao contexto político nacional, embora os principais marcos da exposição tenham sido a nomenclatura oficial utilizada para denominar a instituição em diferentes contextos históricos. Nossa preocupação foi em não criar uma narrativa generalizante, baseada exclusivamente em recortes cronológicos e marcos legais, mas lançar luz também para os sujeitos e suas práticas.

Dessa forma, buscamos ultrapassar o ato de recordar, na medida em que os “objetos ausentes” foram evocados de maneira discursiva e racional, isto é, mediados por uma reflexão científica, provocando, assim, um “efeito performativo”. Demarcar um passado sob essa perspectiva é, ao mesmo tempo, dar um lugar ao que não está mais presente, retribuindo um espaço aos possíveis/elegíveis, e indicar um sentido para a vida aos que estão presentes (CERTEAU, 1982). Afinal, quem acreditamos que somos depende de quem acreditamos que fomos.

Para nós, historiadores e professores de História, a herança do passado não é mera acumulação de acontecimentos, pois sabemos que é com a consciência do presente que se escolhem os momentos e os monumentos, capazes de oferecer o sentido que se quer dar para um percurso narrado. Mas sabemos também que durante essa “operação historiográfica” é necessário passar as memórias por exigências

críticas-rationais, que caracterizam o conhecimento cientificamente guiado. E, mesmo assim, tal como nos lembra Paul Ricouer (2007), é impossível anular, por completo, a mediação dos sujeitos, porque a consciência dos historiadores não é um receptáculo vazio: suas perguntas só podem nascer no seio de mentes já pré-ocupadas por uma dada formação histórica e por memórias sociais, coletivas, históricas subjetivizadas e estruturadas pelas estratégias pessoais dos evocadores. Neste processo, como bem observou Fernando Catroga (2015, p. 29),

[...]existe sempre uma tensão entre cordialidade, ou melhor, entre afetividade e conhecimento, bem como entre memória e normatividade, antíteses que tendem a ser sintetizadas como mensagens. E estas atuam como correntes pulsionais que eticamente se expressam como deveres. Daí a estreita relação entre memória, identificação, filiação e distinção, elo em que, sem a primeira, as demais não existiriam.

Nós buscamos, nessa exposição, não uma história definitiva e oficial do CEFET-MG, mas uma “narrativa”, entre tantas possíveis, para a instituição, no sentido de possibilitar uma estrutura de comunicação produzida para relacionar os sujeitos com essa história. Nossa narrativa foi construída através de imagens, palavras e símbolos, mediados por objetivos e intenções; e norteadada pela noção de “historicidade da vida prática humana” (RÜSEN, 2001). Nesta perspectiva de abordagem, a tarefa dos sujeitos (e dos historiadores) é a de atribuir significado a um processo de transformação contínua, através do presente, do que está por vir no que já foi vivido.

A historicidade da vida prática humana, de acordo com Johan Rüsen (2001, p. 79), consiste no fato de os seres humanos estarem em diálogo com a natureza entre os demais seres humanos e consigo

mesmos, individualmente, acerca do que sejam eles próprios e o mundo que os cerca, permanentemente processando situações “com as quais não se está satisfeito e com respeito às quais não se descansará enquanto não forem modificadas”. Logo, a consciência histórica não é algo que se pode ter ou não, “ela é algo universalmente humano, dada necessariamente junto com a intencionalidade da vida prática dos homens” (RÜSEN, 2001, p. 78).

A exposição *Memória CEFET-MG* nos levou a refletir sobre a dimensão que a “consciência histórica” ocupa nas relações humanas e em particular na “memória coletiva”, isto é, sobretudo, aquilo que nos possibilita dizer quem somos enquanto instituição e o que vislumbramos para nosso futuro. Além disso, foi possível mobilizar o passado não apenas para pensar uma identidade coletiva, mas também para refletir sobre os rumos de uma coletividade através da habilidade de “pensar historicamente”, isto é, “da capacidade de beneficiar-se das características do raciocínio da ciência histórica para pensar a vida prática” (CERRI, 2011, p. 61).

A partir desta perspectiva, aberta ao diálogo entre instituição e agentes, permanências e mudanças, história e memória, objetividade e afetividade, a exposição tomou corpo, enfrentando, em seu percurso, etapas, ações e desafios importantes, como veremos a seguir.

2. CONCEPÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL MEMÓRIA CEFET-MG: ESPAÇOS, PRÁTICAS E TRAJETÓRIAS.

A ideia da exposição virtual *Memória CEFET-MG* nasceu em 2019 por iniciativa do Departamento de História (DHIS) em parceria com o Arquivo e Memória Institucional (ARQMI). As discussões se iniciaram

em razão dos 110 anos de funcionamento da instituição no ano de 2020. O objetivo era discutir os temas da memória, pertencimento e identidade com a comunidade da instituição e com o público externo interessado.

Inicialmente, a Comissão organizadora previu uma semana de debates em formato presencial sobre a trajetória e história da instituição. No entanto, em razão da pandemia de COVID-19, este evento foi repensado para atender à nova dinâmica de ensino *online* instaurada. A necessidade do afastamento social conduziu a uma nova proposta: a criação de uma exposição virtual.

O ponto de partida foram as contribuições do Núcleo de Estudos de Memória, História e Espaço (NEMHE), que resultou no catálogo comemorativo dos 100 anos do CEFET-MG⁹. A partir do acervo utilizado e organizado pelo Núcleo, acervos particulares (professores, técnicos e discentes) da comunidade escolar, além de documentos e imagens espalhados pelo setor de audiovisual e departamentos acadêmicos se iniciou o processo de ordenamento e concepção de curadoria para a exposição virtual.

A variedade de tipologias de documentos e acervos espalhados, desconhecidos e desorganizados, instituiu o primeiro grande desafio para a Comissão: o que selecionar para a exposição virtual? Qual a memória coletiva que nos propusemos a narrar/construir? A diversidade

⁹ O projeto de criação do Núcleo de documentação e Memória do CEFET-MG organizado pelo NEMHE constitui a primeira iniciativa de uma política de memória sistemática de enfrentamento da “desorganização, dispersão e destruição” das fontes históricas produzidas desde a Escola de Aprendizizes Artífices aos dias atuais. O projeto foi encaminhado à Direção Geral, em junho de 2009, pelo NEMHE, coordenado pela prof.(a) Dra. Carla Simone Chamon. CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS- (NEMHE) NÚCLEO DE ESTUDOS DE MEMÓRIA HISTÓRIA E ESPAÇO. CHAMON, Carla Simone. Núcleo de documentação e memória do CEFET-MG. Proposta de criação encaminhada à direção geral do CEFET-MG. Belo Horizonte, 2009. p.1-13

de fontes impôs ainda à Comissão refletir em qual estrutura deveria ser disponibilizado esse acervo, pois o arranjo virtual deveria expressar o discurso de memória institucional a que buscávamos nos vincular.

O grupo organizou a curadoria considerando duas premissas: primeiramente, que a montagem da exposição virtual deveria permitir aos visitantes uma experiência de fruição na qual se evidenciam os múltiplos espaços, práticas e trajetórias que “são basilares para o entendimento da cultura escolar” (SILVA, 2006, p.202) e, a segunda, que a exposição virtual não seria mais um evento temporário, mais uma efeméride, e sim um espaço a ser alimentado continuamente pelas práticas de ensino e pesquisa na instituição. Assim, a exposição virtual nasceu como instrumento para se fazer presente o passado e a produção constante da memória e da identidade coletiva da comunidade escolar do CEFET-MG.

Conscientes dos limites e disputas sempre presentes quando se trata do tema da memória, em particular da memória de uma instituição escolar, a curadoria da exposição tomou como fundamental a noção de uma cultura escolar que “não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história” (JULIA, 2012, p. 14). A exposição virtual foi articulada sob uma dinâmica expográfica na qual as vivências diversas do ambiente escolar, – aulas, laboratórios, manifestações, eventos culturais, etc. – pudessem representar a multiplicidade das práticas, lugares e sujeitos nas diferentes épocas que marcam a história do CEFET-MG. Por esta via, fugimos da “escolha óbvia de uma disposição cronológica de fotografias” ao conferir à exposição uma “visualidade que permitisse perceber as conexões entre diferentes experiências no tempo, sublinhando a

sensação de pertencimento e dotando o espaço de vivências” (CASTRO, 2020, p.5).

O procedimento metodológico adotado para a exposição virtual foi a criação de dois marcadores: um marcador temporal e um marcador temático. O marcador temporal *Épocas* foi organizado para proporcionar ao visitante navegar pelas diversas épocas que marcaram a instituição (FIG. 3) - Escola de Aprendizizes e Artífices de Minas Gerais (1910-1941), Liceu Industrial de Minas Gerais (1941), Escola Técnica de Belo Horizonte (1942-1958), Escola Técnica de Minas Gerais (1959-1965), Escola Técnica Federal de Minas Gerais (1965-1978), Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (1978-hoje). Já o marcador temático *Histórias*, por sua vez, foi concebido, como já mencionado anteriormente, sob a perspectiva de valorização da cultura escolar. Pelo marcador temático se apresentam três possibilidades de navegação: *espaços, práticas e trajetórias* (FIG. 4).¹⁰

Ao navegar pela exposição virtual, é possível acessar imagens dos edifícios, dos laboratórios, de salas de aula, além das experiências da comunidade escolar pelos vários espaços, não tão convencionais, observáveis nas imagens dos shows com bandas musicais, apresentações do coral, grupos teatrais, manifestações do movimento estudantil e eventos acadêmicos realizados nos espaços internos e externos à instituição. Estudantes dos mais diferentes matizes religiosos, raciais, sociais e de orientação sexual e, o mais relevante, jovens, cada vez mais conscientes do lugar que ocupam na sociedade, exigentes que a escola também reflita a luta contra preconceitos e desigualdades, como o machismo e o

¹⁰ O projeto gráfico e desenvolvimento do *template* da exposição virtual foi realizado no sistema *WordPress* pelo webdesigner André Victor, por meio de financiamento institucional.

racismo. É essa grande diversidade de trajetórias, espaços e práticas que marcam a cultura educacional, a memória e a história do CEFET-MG.

A inauguração da exposição *Memória CEFET-MG* foi realizada no dia 08 de setembro de 2021, nas comemorações dos 111 anos do CEFET-MG. O evento, transmitido pelo canal oficial da instituição no *youtube*, contou com o Prof. Dr. Flávio dos Santos, Diretor Geral da Instituição; do Prof. Dr. Raphael Freitas dos Santos, Coordenador do setor Arquivo e Memória Institucional; do Prof. Dr. Leandro Braga de Andrade, Chefe do Departamento de História e coordenador da comissão da exposição, além da Prof. (a) Dra. Carla Simone Chamon, especialista em História da Educação, que proferiu a palestra “A preservação do invisível: o CEFET-MG e seus lugares de memória”.

Desde o lançamento, o site da exposição virtual encontra-se disponível à comunidade acadêmica da instituição e ao público em geral no endereço <https://www.memoria.cefetmg.br/>. Na imagem, a seguir, vemos a página de apresentação da exposição:

Figura 1 - Página inicial da exposição virtual *Memória CEFET-MG*

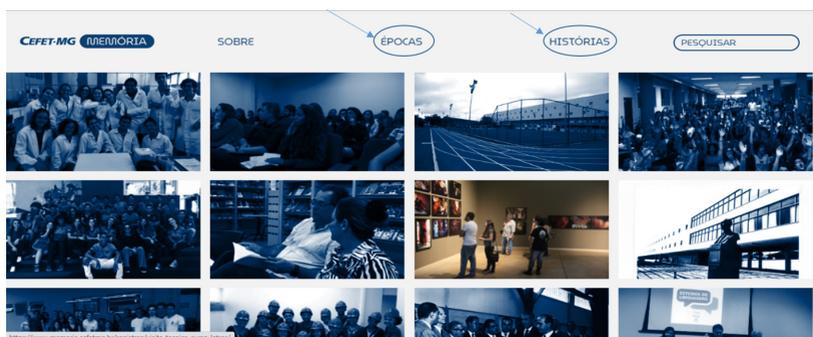


Legenda: Na página inicial da exposição virtual *Memória CEFET-MG* vemos a imagem atual do *Campus Nova Suíça*, Belo Horizonte.

Fonte: <https://www.memoria.cefetmg.br/>. Acesso em 09/05/2022.

Todas as imagens da exposição virtual apresentam filtro azul. A proposta estética foi vincular as cores oficiais da instituição ao *Memória CEFET-MG*. Deste modo, quando o visitante se interessa e/ou acessa a imagem pode visualizá-la na cor original, como está ilustrado no exemplo a seguir:

Figura 2 - Proposta estética das imagens na cor azul



Legenda: Esta imagem é a segunda página da exposição virtual. Observe o tratamento em filtro azul e como a imagem volta a sua cor original quando o visitante acessa ou passa o cursor sobre ela. As setas e círculos indicam os dois marcadores da exposição - *Épocas* e *Histórias*

Fonte: Adaptada pelos autores. <https://www.memoria.cefetmg.br>. Acesso em 09/05/2022.

A navegação pela exposição virtual foi articulada a partir de dois marcadores estabelecidos pela curadoria. Logo na página inicial, estão os dois marcadores *Épocas* e *Histórias*, em formato de ícones (FIG. 2). Ao acessar *Épocas*, o visitante terá acesso às imagens em ordem cronológica e poderá observar as diferentes fases institucionais do CEFET-MG, como ilustrado na imagem a seguir:

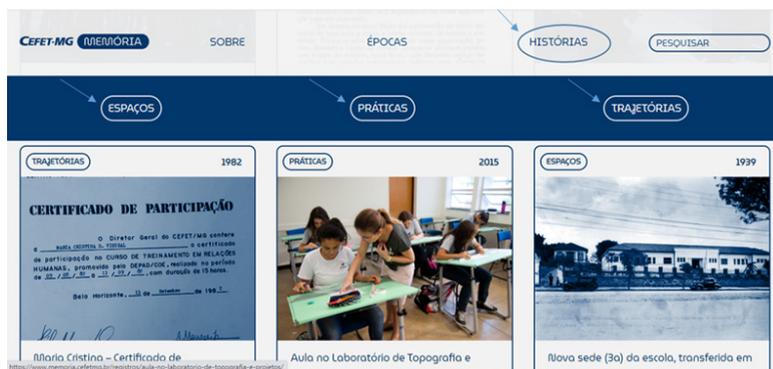
Figura 3 - Marcador *Épocas*



Legenda: Ao clicar no marcador épocas, o visitante poderá acessar os diversos marcos cronológicos da instituição com informações sobre a história de cada época institucional. Observe que a imagem contempla a fase da Escola Técnica Federal de Minas Gerais (1959-1978) e que na parte inferior há uma linha temporal com as demais épocas da instituição. Fonte: Adaptada pelos autores. <https://www.memoria.cefetmg.br>. Acesso em 09/05/2022.

Outra possibilidade é acessar a exposição virtual pelo marcador *Histórias*. Pelo ícone, o visitante interessado poderá imergir em três grandes temas da cultura e memória escolar: *espaços, práticas e trajetórias*, como vemos na imagem a seguir:

Figura 4 - Marcador *Histórias*



Legenda: Apresentação do marco temático *Histórias*, pelo qual é possível acessar três diferentes elementos: espaços, práticas e trajetórias. A imagem à esquerda corresponde ao certificado de participação em treinamento da ex-aluna e atual professora do CEFET-MG,

Maria Cristina Vidigal. A imagem práticas, ao centro, corresponde a Aula de Desenho com a turma do curso de Edificações do *Campus* de Curvelo-MG, no Laboratório de topografia. Em espaços, à direita, está a imagem da sede do Liceu Industrial Mineiro, na Av. Augusto de Lima em Belo Horizonte, MG.

Fonte: Adaptada pelos autores. <https://www.memoria.cefetmg.br>. Acesso em 09/05/2022.

No site da exposição virtual foram desenvolvidos dois mecanismos com o objetivo de promover a interação e a contribuição dos visitantes. Pela aba “comentários”, o interessado pode comentar cada imagem do acervo e pelo ícone “fale conosco” pode se tornar colaborador ao enviar por e-mail imagens a serem incorporadas à exposição virtual.

Figura 5 - Página Comentários

Legenda: O visitante pode interagir com a exposição virtual deixando seu comentário nas imagens visualizadas.

Fonte: <https://www.memoria.cefetmg.br>. Acesso em 09/05/2022.

3. OS USOS DA MEMÓRIA: CONQUISTAS, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS

As múltiplas experiências escolares constituíram a chave da proposta da exposição *Memória CEFET-MG*. A interface da exposição virtual foi articulada para evidenciar experiências que ocorreram e ocorrem dentro do CEFET-MG, considerando a diversidade de sua comunidade no tempo. Dessa forma, sem perder de vista a dimensão das disputas em

torno da memória e história da instituição, e reconhecendo as escolhas que se fizeram necessárias em função também do formato virtual da exposição e das fontes disponíveis, enfatizamos que a exposição virtual não se esgota nessa ação inicial, pelo contrário, constitui o ponto de partida para ações futuras e contínuas, dedicadas à valorização da memória institucional.

Nesses termos, o Departamento de História decidiu por manter uma Comissão¹¹ dedicada ao desenvolvimento de atividades em duas frentes complementares: (1) ações de aperfeiçoamento da interface e ampliação do acervo no site *Memória CEFET-MG*; (2) desenvolvimento de projetos de pesquisa, ações culturais e atividades didático-pedagógicas na instituição com o propósito de aperfeiçoar e alimentar a exposição virtual. A proposta é manter o site em frequente atualização, sustentado pelas vivências e experiências, reconhecido e lembrado como espaço de preservação da memória institucional pela comunidade escolar. Vale ressaltar que é fundamental reconhecer as lacunas e esquecimentos, próprios de qualquer ação que busque investir na criação de espaços dedicados à memória institucional. Também destacamos que a primeira fase da exposição virtual abriu um novo cenário de possibilidades e de aprimoramento do trabalho concretizado. A Comissão organizadora se empenha, neste momento, para explorar os potenciais usos e aperfeiçoar as conquistas consolidadas pela exposição virtual.

¹¹ A Comissão responsável pela exposição *Memória CEFET-MG* neste ano de 2022 é composta pelos autores deste artigo, Prof. Dr. Denilson de Cássio Silva; Prof^a Dr^a Denise Maria Ribeiro Tedeschi; Prof. Dr. Leandro Braga de Andrade; Prof^a Dr^a Maria Eliza de Campos Souza e Prof. Dr. Raphael Freitas Santos do Departamento de História, *Campus Nova Suíça*, Belo Horizonte.

3.1 EXPERIÊNCIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

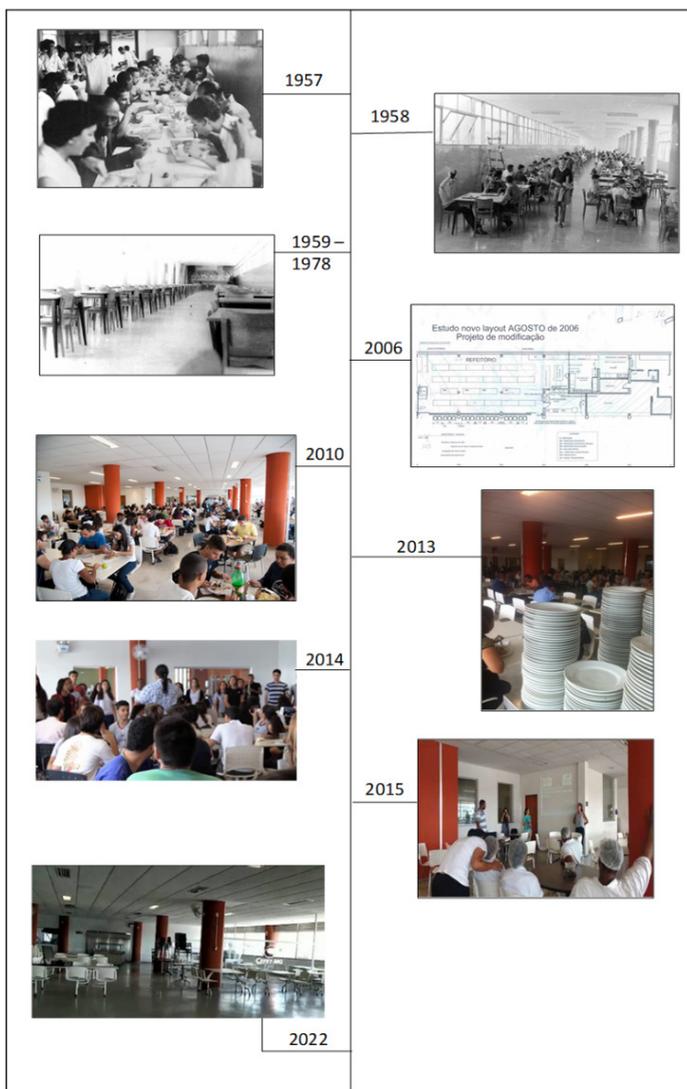
Como primeiros resultados do uso da exposição virtual *Memória CEFET-MG*, destacamos o seu emprego como ferramenta didático-pedagógica em sala de aula. Duas iniciativas foram desenvolvidas pelos professores de História com os alunos do 1º e 3º série do Ensino Profissional Técnico de Nível Médio no início do ano letivo de 2022, momento em que as aulas retomaram o formato presencial na instituição.

A atividade “Memória dos espaços: você conhece o CEFET-MG?” foi desenvolvida com os estudantes do 1º ano de diversos cursos técnicos na instituição, com o objetivo de estimular, já no início da jornada destes ingressantes no CEFET, uma relação de pertencimento como agentes da história institucional. Os alunos recém-ingressos deveriam escolher um espaço que lhes despertasse interesse para investigá-lo. Em seguida, foram orientados a criar uma linha do tempo a partir do acervo e das informações disponíveis no site *Memória CEFET*, com a finalidade de perceber as mudanças e as permanências nos usos e na estrutura física do espaço investigado. Por fim, deveriam realizar entrevistas com membros da comunidade escolar com a finalidade de recolher informações, memórias e lembranças sobre o espaço escolhido. Vale ressaltar que a concepção e desenvolvimento deste trabalho se alinharam com o novo currículo de História, desenvolvido pelos professores de História do CEFET-MG, o qual prevê como conteúdo inicial do 1º ano o letramento histórico¹². Neste sentido, temas como a escrita da história, o trabalho do historiador, as fontes de pesquisa e o lugar da memória

¹² O novo programa de História do CEFET-MG resultou da colaboração de todos os professores de História que atuam nos *Campi* da instituição. Em 2022, o novo programa foi aprovado. A Unidade 1, *Aprender com a História*, primeiro conteúdo dos alunos de 1º Ano da Educação Profissional Técnica de Nível Médio aborda temas como memória, história, temporalidade, fontes e usos do passado.

foram trabalhados em sala de aula paralelamente ao desenvolvimento das atividades pelos estudantes. Ressaltamos aqui três desdobramentos interessantes, frutos da atividade envolvendo a trajetória dos espaços realizada pelos estudantes: (1) os alunos e as alunas elegeram espaços que por algum motivo têm relação com os acontecimentos do tempo presente. Na imagem, a seguir, vemos a linha do tempo dedicada à história do refeitório na instituição, produzida pelos alunos da turma Estradas e Trânsito da 1º série. O interesse por esse espaço foi recorrente entre os discentes e surgiu em decorrência do não funcionamento do serviço no início do ano letivo de 2022, evento que despertou os estudantes para importância da alimentação para o adequado andamento das aulas. Os alunos investigaram o acesso ao refeitório no tempo e perceberam as mudanças tanto na estrutura física, como a ampliação do acesso ao serviço na última década da instituição. A inquietação do presente, portanto, os levou a se interessar pelas mudanças e permanências dos serviços ofertados na instituição da qual passam a fazer parte.

Figura 6 - Linha do tempo do Refeitório CEFET-MG



Legenda: Linha do tempo produzida pelos alunos do curso de Estradas e Trânsito da 1ª série, *campus* Nova Suíça. Nesta linha do tempo, os alunos perceberam as mudanças no espaço físico e o público atendido. Um ponto que lhes chamou atenção foi a ausência de mulheres entre as décadas de 1950 e 1970 e como esse cenário se transformou definitivamente no século XXI.

Fonte: Trabalho apresentado à disciplina História, ministrada pela Profa. Dra. Denise Tedeschi, pelos discentes do curso de Estradas e Trânsito da 1ª série. A. F., L. P., M. E. F. e S. L.

Um segundo (2) desdobramento observado a partir do uso das imagens dos espaços da exposição virtual foi a relação com a memória e pertencimento. Vários estudantes entrevistaram membros de suas famílias, que já passaram pela instituição e, assim, puderam perceber o carinho e afetividade envolvidos nas falas sobre as experiências e aprendizados. Falar dos usos destes espaços e das mudanças/permanências conectou histórias e vivências pelo fio do tempo e das memórias. Fazer os familiares falarem constituiu um momento de pertencimento mútuo, instante em que os estudantes do presente se conectaram e passaram a se sentir agentes dessa história. As alunas do curso de Meio Ambiente da 1^o série, por exemplo, concluíram acerca das mudanças e dos usos do Campo de futebol:

Com esse trabalho verificamos que o campo de futebol passou por diferentes transformações e melhorias estruturais e visuais, que foram benéficas para os estudantes da unidade, que ganharam mais espaços de lazer e práticas de esportes. Concluímos também que os entrevistados possuem memórias afetivas relacionadas a esse espaço que variam de acordo com a época e vivência de cada um¹³.

Por fim, resta ainda destacar (3) que os discentes compreenderam a relevância das diversas fontes documentais para a preservação e valorização da história e memória institucional. As alunas do curso de Hospedagem da 1^o série destacaram as dificuldades da pesquisa histórica:

¹³ Trabalho apresentado à disciplina História, ministrada pela Profa. Dra. Denise Tedeschi, pelos alunos do curso de Meio Ambiente da 1^a série. G. D'G. C., J. T. M., J. M. B. e L. E. A. S.

Depois de toda essa pesquisa, confirmamos que o trabalho do historiador é de suma importância. Ao mesmo tempo que é instigante, é muito triste e frustrante não conseguirmos encaixar todas as peças desse quebra-cabeça que é a história de um lugar, de uma pessoa, etc. Por exemplo, não conseguimos a data de algumas fotos, pois as pessoas que as tiraram ou que as guardaram não tiveram a preocupação de datá-las para as gerações futuras, ou então esses registros se perderam com o tempo¹⁴.

De modo semelhante, também estabelecendo conexões entre a memória institucional e o currículo de História, a atividade “Testemunhas da história, agentes da memória: relatos do tempo” foi realizada com estudantes de 3ª série. Dentre os objetivos deste trabalho constaram o de discutir as ideias de testemunho e de memória na modernidade, compreendendo a importância destes conceitos para a formação humana, individual e coletiva, e o de estabelecer semelhanças e diferenças entre testemunhos da Grande Guerra (1914-1918) e os relatos sobre a chegada às instalações do CEFET MG após a pandemia de COVID-19. Metodologicamente, buscou-se valorizar “o relato do vivido, sem fórmulas predeterminadas” (HOFFMANN, 2009, p. 156), pondo em contato espontaneidade, reflexão, análise e síntese.

As turmas foram divididas em grupos, cujos integrantes, tendo como referência a exposição virtual *Memória CEFET-MG*, fotografaram diversos aspectos de seus primeiros contatos presenciais com a instituição. Em um segundo momento, cada grupo selecionou cinco imagens autorais para apresentar em sala de aula, atribuindo título e legenda para cada registro visual em diálogo com a exposição virtual. Nesse processo, aprenderam a analisar questões fundamentais da crítica das

¹⁴ Trabalho apresentado à disciplina História, ministrada pela Profa. Dra. Denise Tedeschi, pelos alunos do curso de Hospedagem da 1ª série. A. A. P. S., A. C. S. M., A. L. S. F., B. A. P. L. B., L. N. dos R.

fontes históricas, tais como: o que registrar nesse momento histórico em que estamos vivendo? O que escolher e o que excluir? O que é importante? O que é bonito? O que é revoltante? O que o/a autor/a da imagem deseja expressar: amor, reflexão, tristeza, alegria, diversão, ansiedade, desejo, simpatia, medo, satisfação, estranhamento, surpresa, calma, inquietação, empatia, tédio, admiração, dúvida, indignação, encantamento? O que seria relevante para legar às gerações futuras sobre esse tempo de retorno ao ensino presencial? Foram também ressaltados os pontos em comum e as especificidades entre traumas e incertezas das testemunhas da Grande Guerra e da gripe espanhola, ontem, e dos sobreviventes da COVID-19, em nosso tempo presente. As fotografias feitas pelos/as estudantes comporão o arquivo da exposição virtual e poderão participar de uma mostra temática em um futuro próximo.

Essas iniciativas demonstram a potencialidade do desenvolvimento de projetos e políticas voltadas para a memória institucional, proporcionando conhecimento do passado da educação pública e, ao mesmo tempo, elaborando mecanismos de criação de uma identificação crítica com a escola. Reforçam, portanto, a necessidade de consolidação dos trabalhos inaugurados com a exposição.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei no 5.773, de 09/05/2006. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.

BIAGINNI, Jussara. **Reforma do Ensino Técnico: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a reestruturação Curricular do CEFET de Minas Gerais**. Tese de doutoramento. PUC/SP. São Paulo. 2005.

CASTRO, Isis Pimentel. **Apresentação do projeto de Curadoria da exposição “Memória-CEFET-MG”**, Comissão do DHIS, 2020.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CEFET-MG. “CEFET MG em números, 2018” In: **Projeto Político Institucional (PPI)**
Disponível em <https://www.avaliacao.cefetmg.br/cefet-mg-em-numeros-2/>.
Acesso em 08 mar. 2022.

CEFET- MG. “Missão, visão, valores”. In: *Plano de Integridade do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2020, pp. 16-17. Disponível em <https://www.cefetmg.br/>. Acesso em 16 mar. 2022.

CEFET-MG. (NEMHE) NÚCLEO DE ESTUDOS DE MEMÓRIA HISTÓRIA E ESPAÇO.

CHAMON, Carla Simone. **Núcleo de documentação e memória do CEFET-MG**. Proposta de criação encaminhada à direção geral do CEFET-MG. Belo Horizonte, 2009. p.1-13

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**: implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHAMON, Carla Simone e GOODWIN Jr, James William. “A incorporação do proletariado à sociedade moderna”: a Escola de Aprendizizes Artífices de Minas Gerais (1910-1941). In: **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 28, no 47, p.319-340, jan/jun 2012.

CUNHA, Maria Isabel. “Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários”. In: **Educação Unisinos** 12(3):182-186, setembro/dezembro 2008. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5324/2570>. Acesso em 15 jun. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 32ª ed. atual. e rev. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. In: **Revista Brasileira de História Da Educação**, n.1, 2012, pp.9-43. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749>. Acesso em 17 fev. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Maas; Carlos Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História PUC-SP, n.10, dez. 1993.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história**. Vol I. Razão histórica: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

SAVIANI, Demerval. “Instituições escolares: conceito, história, historiografia e práticas.” In: **Cadernos de História da Educação** - nº. 4, Uberlândia, jan./dez. 2005.

SILVA, F. C. T. “Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa.” In: **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, Editora UFPR, 2006.

9

FRANCISCO MONTOJOS: UM INTELLECTUAL DO ENSINO INDUSTRIAL (1927 - 1959) ¹

Marcelly Kathleen Pereira Lucas ²

Olivia Moraes de Medeiros Neta ³

INTRODUÇÃO

A criação das Escolas de Aprendizes Artífices, em 1909, representou um marco na história do ensino industrial no Brasil. Uma história que não começa em 1909, tendo em vista outras ações que precederam esse momento, mas que a partir das EAA passa a ter nova configuração e traçar novos caminhos.

Muitas mudanças ocorreram nos cenários político, econômico e social do Brasil pós 1930, e tiveram ampla incidência nos ramos da educação profissional, no entanto, defendemos que essas mudanças foram gestadas ainda durante a Primeira República, na década de 1920. Nesse cenário destaca-se a atuação do Serviço de Remodelação do Ensino Profissional.

No entanto, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 toda a estrutura política também se modifica. No âmbito da educação,

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq (Bolsa PQ), projeto "Ensino industrial no Brasil: sociabilidades e práticas educativas de engenheiros-educadores"

² Doutoranda da Linha de Estudos Socio-Históricos e Filosóficos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: marcellykathleen@gmail.com

³ Doutora em Educação, mestrado em História e graduação em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atua como professora-orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: olivia.neta@ufrn.br

temos a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, pelo Decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930, e com isso, as Escolas de Aprendizes Artífices foram transferidas do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio para este novo.

Francisco Campos foi o primeiro ministro da pasta da Educação e Saúde Pública e esteve a cargo dele a organização deste Ministério, através de uma série de decretos que efetivaram as chamadas Reformas Francisco Campos. Vindo de Minas Gerais, já possuía a experiência de reformador no seu estado e atuou como ministro de 1930 a 1932. Foi sucedido por outros dois mineiros, Washington Pires e Gustavo Capanema.

Em 1931 foi criada a Inspeção do Ensino Profissional Técnico, órgão de direção, orientação e fiscalização, não só das Escolas de Aprendizes Artífices, mas também de todas as escolas que recebessem subvenção ou auxílio governamental para oferta do ensino profissional. Esse órgão fazia parte da estrutura do Ministério da Educação e Saúde Pública e era composta de um inspetor geral e outros inspetores e sua chefia foi entregue ao engenheiro Francisco Montojos desde a sua criação. Com a nomeação de Gustavo Capanema como Ministro da Educação em julho de 1934 a Inspeção passa a ter a função e estrutura de Superintendência do Ensino Profissional, diretamente subordinada ao ministro de Estado. Com a nova organização, vinha a responsabilidade de promover ainda mais a unidade do ensino industrial em todo país, incluindo agora até mesmo as escolas privadas. Mesmo com as mudanças, o engenheiro Francisco Montojos permanece à frente do órgão.

A centralidade foi uma marca da gestão de Gustavo Capanema, que em 1937 reformou o Ministério da Educação e Saúde. A Superintendência passa então a ser a Divisão do Ensino Industrial e a partir disso, parte

do Departamento Nacional de Educação. Com a mesma reforma temos a transformação das Escolas de Aprendizes Artífices em liceus e da Escola Normal Wenceslau Braz em um liceu industrial, o Liceu Nacional, que futuramente seria a Escola Técnica Nacional.

Este é um período de intensas mudanças na educação, especialmente no ensino profissional. Observa-se pela primeira vez, a presença do ensino profissional na Constituição de 1937. Posterior a isso temos a criação das Escolas de Aprendizes Sindicais em 1938, a instalação de cursos para trabalhadores nas empresas em 1939, o Congresso de Interventores e o Decreto de Regulamento dos cursos para trabalhadores em 1940, a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) em 1942, o estabelecimento de uma rede nacional de ensino profissional e a criação do Conselho Nacional do Ensino Profissional. Além dessas mudanças temos o Decreto-lei nº 4.073 de 30 de janeiro de 1942, a Lei Orgânica do Ensino Industrial, que viria alterar profundamente toda a estrutura do ensino profissional.

Para a formulação da Lei Orgânica do Ensino Industrial, o Ministro Gustavo Capanema convocou uma comissão de intelectuais, que era presidida por ele e contava com nomes como Lourenço Filho, Francisco Montojos e Rodolfo Fuchs, além da constante colaboração de Roberto Mange e de representantes das forças armadas. Antes da Lei Orgânica do Ensino Industrial, a União regulamentava apenas as escolas profissionais federais. Enquanto isso, as escolas profissionais estaduais, municipais e particulares não tinham uma regulamentação comum e funcionavam de acordo com preceitos regionais. Essa legislação trouxe uma grande mudança para o ensino profissional, a sua definição como ensino de segundo grau. Essa mudança permitia que os egressos das escolas profissionais pudessem ingressar em instituições de ensino

superior em áreas correlatas como engenharia, química e arquitetura. Ademais, deixava claro o seu objetivo de formação dos trabalhadores para a indústria, os transportes, as comunicações e a pesca. Além das mudanças mais estruturais advindas na nova legislação e da unidade do ensino profissional ministrado em todo país, a Lei Orgânica do Ensino Industrial inaugurou uma nova “filosofia” para o ensino profissional, o que Celso Suckow da Fonseca (1961, p. 272) caracteriza como “novos conceitos, novos fins, nova organização”, agora afastada do preconceito de ser destinado somente aos pobres e desvalidos.

Após pouco tempo de vigência da Lei Orgânica, em 1945, Getúlio Vargas foi deposto do poder, o que implicou na saída de Gustavo Capanema do Ministério da Educação. O Ministério foi reorganizado e a Lei Orgânica alterada em alguns pontos. O período que segue é marcado pelo acordo assinado entre o Brasil e os Estados Unidos da América, destinado a promover a colaboração entre professores do ensino industrial, em 1946, que resultou na criação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, a CBAI. Em 1949, Francisco Montojos deixa a Diretoria do Ensino Industrial, sendo sucedido pelo engenheiro Ítalo Bologna, que ocupou o cargo até 1951, e em seguida o engenheiro Sólon Guimarães e depois o professor Penteado Sampaio. Montojos retorna em 1955 e ocupa o cargo de Diretor do Ensino Industrial até 1961.

Desse modo, consideramos relevante analisar o desenvolvimento do ensino industrial no Brasil, levando em consideração a importância das decisões políticas, das legislações referentes ao tema e da rede de sociabilidades construídas pelos engenheiros educadores. Nesse sentido, reconhecemos a importância da Lei Orgânica do Ensino Industrial, assim como todas as mudanças advindas da gestão do ministro Gustavo Capanema à frente da pasta da educação e do engenheiro Francisco

Montojos como dirigente do ensino industrial. Mas também buscamos perceber as matrizes dessas transformações ainda durante a Primeira República com a atuação do Serviço de Remodelação das Escolas de Aprendizes Artífices. Portanto, este trabalho é parte de um estudo em desenvolvimento sobre o ensino industrial e seus agentes no período de 1927 a 1959, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Nessa perspectiva, justificamos a relevância desse estudo pela contribuição ao campo da História da Educação Profissional e para a compreensão do desenvolvimento do ensino profissional técnico no Brasil. E pela necessidade de compreender que sujeitos e ações corroboraram com o processo de organização do ensino industrial no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a construção desse estudo foram necessárias consultas a fontes político- administrativas, jornais e relatórios. A partir das quais empreendemos trabalho de busca, organização, categorização e análise destas.

Para construir uma compreensão do impacto dessas ações na sociedade e do contexto que cercava essas práticas, realizamos um levantamento em periódicos relevantes da época, sobre o Francisco Montojos, através da Hemeroteca Digital, uma iniciativa da Biblioteca Nacional Digital. Também realizamos pesquisas nos acervos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC).

Durante a realização da pesquisa, organizamos os resultados em planilhas, tendo como referência os elementos ano de ocorrência,

referência do documento, tema abordado, transcrição do trecho do documento e outras informações complementares que sejam necessárias.

Depois de realizada a pesquisa nos acervos digitais, catalogação das fontes, partimos para a organização dos resultados em categorias, que serão definidas a partir dos próprios resultados e dos objetivos da pesquisa. Passada a fase de coleta e organização dos dados, realizamos as análises e o entrecruzamento entre os resultados e com outras referências.

Para o tratamento dessas fontes, nos apoiamos no entendimento de Ragazzini (2001) a respeito das “fontes para a história da escola e da educação”. A caracterização das fontes é importante, pois através da sua análise é que podemos construir conhecimentos sobre o passado. “A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada” (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

O pesquisador constrói a fonte a partir de um processo investigativo e interpretativo, analisando os níveis de relação que envolve a produção, seleção e conservação do documento. Nesse entendimento, no campo da história da educação, entendemos que essas fontes estão inclusas nas “fontes para a história da escola e da educação” (RAGAZZINI, 2001, p. 19). Ou seja, elas não são produzidas pela escola e nem com a intencionalidade de contar a história da educação e não estão diretamente ligadas à cultura e às práticas escolares. Mas nos falamos muito das concepções de ensino e educação da época e das iniciativas que nortearam os rumos da educação.

Além disso, nos apoiamos no método indiciário de Ginzburg (1989). De conformidade com Ginzburg (1987, 1989), o procedimento metodológico do indiciarismo transferiu para o interior das pesquisas as tensões entre narração e documentação, já que a análise dos indícios é

construída a partir da investigação das convergências e divergências, das inferências de causas não documentadas ou comprovadas por meio dos efeitos.

Os indícios são elementos constitutivos da narrativa histórica. Tal como o trabalho de um detetive, o historiador deve ter um olhar sensível e atento aos sinais. No entanto, os indícios não falam por si, é preciso realizar conexões. Lembremos que o método indiciário é um método interpretativo e, portanto, é constituído por um processo de contextualização, atribuição de sentido às pistas, seguido do processo de conexão, momento em que são feitas as aproximações e relações, e, por fim, a descrição das etapas anteriores que é a própria narrativa histórica. Além da sensibilidade, o método pressupõe uma inferência indutiva que parte do particular para a totalidade. Ou seja, implica analisar as pequenas partes, os indícios, com uma busca de compreensão do todo.

Essa investigação se insere no campo da história da educação profissional em interface com a história política. À medida que se propõe a analisar a influência das determinações políticas e das relações entre a educação e o trabalho no âmbito do ensino industrial.

Inseridos no domínio da História da Educação Profissional adotamos a concepção de Maria Ciavatta (2015), que compreende que a Educação Profissional,

[...] é o lócus mais visível da educação pelo trabalho, seja no sentido político, como movimento que oscila nas duas direções: quer como educação pelo trabalho na sua negatividade, enquanto submissão do trabalhador e expropriação do trabalho, quer na sua positividade, enquanto espaço de conhecimento, de luta e de transformação das mesmas condições (CIAVATTA, 2015, p. 32).

Desse modo, a História da Educação Profissional transita entre esses dois campos, a educação e o trabalho, a educação como espaço de formação do trabalhador e o trabalho como espaço educativo. Para a autora, numa sociedade onde predomina o modo de produção capitalista, trabalho e educação são instâncias que correspondem às exigências impostas por essa ordem social. Isso se revela nos processos educativos, assim como nos processos de trabalho (CIAVATTA, 2015).

Para a autora, nessa concepção podemos, ao analisar a história da educação profissional, pensar as relações de produção, as transformações do mundo do trabalho, as políticas educacionais e a formação dos trabalhadores (CIAVATTA, 2019). Além dessas áreas, um ponto importante para construção dessa análise é perceber o “trabalho como princípio educativo e o princípio educativo do trabalho”, mas também a formação para o trabalho como “meio de alienação e sujeição dos trabalhadores” (CIAVATTA, 2019, p. 146).

Segundo Ciavatta (2019, p. 141), “A educação faz parte do mundo do trabalho na medida em que participa do conhecimento gerado pelos processos de transformação da natureza e da sociedade”. Portanto, percebemos que o ensino profissional não poderia permanecer desconectado da realidade social. Compreender esses fenômenos historicamente implica em reconhecer as suas representações, se atentando aos discursos elaborados e recorrendo a fontes diversas.

Para o aprofundamento destas questões nos apoiamos na história política, de acordo com o pensamento de René Rémond (2003), à medida que se propõe a analisar o impacto das determinações políticas na sociedade. Embora, outrora, a história política tenha estado estritamente ligada ao Estado, às iniciativas individuais, aos grandes acontecimentos e a uma classe mais privilegiada. A Nova História Política defendida por

Rémond (2003) traz à tona a “dimensão política dos fatos coletivos” (RÉMOND, 2003, p. 21).

Dessa forma, o Estado não é mais visto como uma entidade isolada do todo social, pelo contrário, somos provocados a perceber a influência das disputas e decisões políticas em todos os âmbitos da sociedade. O autor revela como o político, e conseqüentemente a história política, foram ganhando espaço à medida que a própria sociedade e as atribuições do Estado se modificaram.

À medida que os poderes públicos eram levados a legislar, regulamentar, subvencionar, controlar a produção, a construção de moradias, a assistência social, a saúde pública, a difusão da cultura, esses setores passaram, uns após os outros, para os domínios da história política (RÉMOND, 2003, p. 24).

Para Rémond (2003, p. 444) “Praticamente não há setor ou atividade que, em algum momento da história, não tenha tido uma relação com o político”, e isso não seria diferente com a educação. Diante disso, é preciso que analisemos os interesses, as motivações e as disputas que envolvem o desenvolvimento da atividade política sobre a educação.

Rémond (2003, p. 442) nos lembra que “[...] o político não tem fronteiras naturais. Ora se dilata até incluir toda e qualquer realidade e absorver a esfera do privado: este é um traço das sociedades totalitárias. Ora ele se retrai ao extremo”.

Assim como a influência das ideologias e das decisões políticas como determinantes no campo da educação, a história política é importante para a compreensão do todo social. “A política é lugar de gestão do social e econômico”. A política é tratada a partir da sua função de determinação do contexto e dos reflexos de sua prática (RÉMOND, 2003). Não é possível tratar o político isolado das outras dimensões da vida coletiva.

A partir disso, corroboramos com a concepção de René Rémond (2003) de que “O Estado jamais passa de instrumento da classe dominante; as iniciativas dos poderes públicos, as decisões dos governos são apenas a expressão da relação de forças” (RÉMOND, 2003, p. 20). A política está diretamente relacionada ao exercício do poder.

FRANCISCO MONTOJOS: DIRIGENTE E INTELCTUAL DO INDUSTRIAL

Francisco Belmonte Montojos, gaúcho, de família abastada, estudou no Instituto Ginásial Júlio de Castilhos e formou-se na Escola de Engenharia de Porto Alegre, no ano de 1925. Poucos anos depois, em 1927, Montojos já integrava o quadro de profissionais do Serviço de Remodelação do Ensino Industrial, coordenado por João Luderitz, também formado pela Escola de Engenharia de Porto Alegre. No ano de 1934, em meio às mudanças ocorridas no Ministério da Educação e Saúde Pública, especialmente a nomeação de Gustavo Capanema para dirigir esta pasta, Francisco Montojos assumiu a Superintendência do Ensino Industrial, órgão de fiscalização, oriundo do Serviço de Inspeção do Ensino Industrial.

Em 1937 o Ministério da Educação e Saúde Pública passa por uma nova reorganização e então a Superintendência se torna a Divisão do Ensino Industrial, um órgão diretamente ligado ao Ministério e com maiores atribuições e que a partir disso regia todas as escolas e cursos industriais, não apenas as escolas federais. Com a mudança, Montojos passa a ser o diretor do Ensino Industrial. Além das atribuições no Ministério da Educação, Francisco Montojos também foi diretor da Escola Normal Wenceslau Braz e também atuou na CBAI desde sua criação, no ano de 1946.

Já é certificada a importância de Francisco Montojos como um dirigente e burocrata do Ensino Industrial, de acordo com Pedrosa e Santos (2015, p. 5) “Montojos foi, no novo ensino industrial, o agente identificado com a permanência, com a longevidade, com a estabilidade”. No entanto, a pesquisa a respeito da sua atuação demonstra a relevância dele enquanto um intelectual do Ensino Industrial. Para a compreensão dessa configuração fazemos uso das contribuições de Jean-François Sirinelli (2003) a respeito da história dos intelectuais.

Para ele, a história dos intelectuais “é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232). Esse autor atribui aos intelectuais o papel de “criadores e mediadores culturais” (SIRINELLI, 2003, p. 242) e também os liga à noção de engajamento na vida da cidade. Na primeira definição podem ser incluídos sujeitos como professores, jornalistas, escritores e estudantes. Já a segunda concepção se restringe a um grupo mais seletivo, reconhecido por sua atividade e influência no cenário público, considerando a defesa de uma concepção ideológica ou de uma causa de impacto social. As duas concepções estão longe de serem conflitantes e representam um problema para o trabalho do historiador, são, na verdade, complementares.

Para o reconhecimento dos intelectuais, Sirinelli (2003) procede a partir de um tripé: gerações, trajetórias ou itinerários e sociabilidades. Reconhecendo que os intelectuais atuam em grupos e constituem redes, não se pode deixar de considerar a genealogia de influências que incidem sobre determinado grupo e também que os indivíduos desses grupos compartilham alguma filiação em comum, seja acadêmica, ideológica, partidária, social e até mesmo etária.

Ao falarmos de geração, estamos falando da herança cultural desses intelectuais que estão unidos por um acontecimento fundador. Essa

geração pode representar para o intelectual uma posição de referência ou oposição. Para o autor, retomar as gerações representa "reencontrar as origens do despertar intelectual e político" (2003, p. 250).

Montojos faz parte de uma geração de sujeitos que podem ser identificados como "engenheiros educadores", sujeitos que, em sua maioria, não eram educadores de formação, mas que podem ser reconhecidos como tal devido a sua atuação no campo da educação. Nesta geração, destacam-se nomes como Roberto Mange, João Luderitz, Celso Suckow da Fonseca, Ítalo Bologna, Rodolfo Fuchs, entre outros.

Ele se formou na Escola de Engenharia de Porto Alegre, onde também foram formados os engenheiros João Luderitz e Rodolfo Fuchs. Luderitz comandou o Serviço de Remodelação do Ensino Profissional Técnico na década de 1920 e foi o primeiro inspetor do Ensino Profissional. A Escola de Engenharia de Porto Alegre mantinha o Instituto Técnico Profissional, que depois passou a ser chamado de Instituto Parobé, órgão subvencionado pelo governo federal para cumprir a função de Escola de Aprendizizes Artífices no Rio Grande do Sul.

Segundo Lucas (2021) foram justamente os currículos e o desenvolvimento do ensino industrial do Instituto Parobé que serviram como modelo para a remodelação das Escolas de Aprendizizes Artífices. Também vieram dessa instituição o chefe do Serviço de Remodelação, João Luderitz, e os técnicos comandados por ele, inclusive Francisco Montojos. Com a Consolidação dos Dispositivos Concernentes às Escolas de Aprendizizes Artífices e quando Luderitz é nomeado secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul, o mesmo indica Francisco Montojos para assumir o seu cargo no Serviço de Inspeção do Ensino Industrial. Portanto, é perceptível a importância da filiação de Montojos com a Escola

de Engenharia de Porto Alegre, a partir das relações que foram construídas e o levaram ao cargo de inspetor.

Outro ponto a ser destacado é o fato de Francisco Montojos fazer parte de um grupo de homens brancos de uma elite econômica e cultural. Visto que reconhecendo a história da educação brasileira percebe-se que no período estudado poucas pessoas tinham acesso a educação básica e era ainda mais seletivo o grupo dos que chegavam a concluir o ensino superior. Ainda que o grupo dos formados em Engenharia fosse diferenciado da maioria dessa elite que se direcionavam aos cursos de Medicina e Direito.

Além das gerações, outro ponto comum aos intelectuais é a trajetória, que representa o percurso de atuação ao longo de sua vida, seja ela política, social ou cultural. Essas trajetórias são atravessadas pelas sociabilidades ou mesmo redes de sociabilidade constituídas pelos intelectuais. Essas sociabilidades podem ser constituídas a partir da comunhão dos intelectuais nas mais diversas instituições, ligas, revistas, organizações estudantis, organizações culturais, e os cargos da administração estatal.

No âmbito da administração, Francisco Montojos inicia a sua atuação no Serviço de Remodelação, em 1927 passa a ser o inspetor do Ensino Industrial, em 1934 assume o cargo de Superintendente do Ensino Industrial, em 1937 assume a Divisão do Ensino Industrial, que depois passa a se chamar Diretoria do Ensino Industrial, mas que Montojos se mantém à frente. Ele permanece no cargo, mesmo depois da saída de Getúlio Vargas do poder e de Gustavo Capanema do Ministério da Educação, deixando-o somente em 1949. Ainda assim, voltou a assumir a mesma função em 1955, no governo de Juscelino Kubitschek, até o ano de 1961.

No entanto, a sua trajetória não se restringiu às esferas política e administrativa. Montojos também foi diretor da Escola Normal Wenceslau Braz, durante o período que foi inspetor do ensino industrial, também foi superintendente da CBAI durante dois períodos intercalados (PEDROSA E SANTOS, 2015). Participou de diversas comissões para viagens, congressos, organização de festividades, apurar irregularidades, discussões e tomadas de decisões, a exemplo do que é relatado na edição de 11 de dezembro de 1936 do Jornal do Brasil:

Esteve, ontem, no Gabinete do Sr. Ministro da Educação, a comissão composta dos Srs. Lourenço Filho, Francisco Montojos, Roquette Pinto e Leon Renault que seguirá, hoje, a borda do "Augustus", com destino a Roma, onde vai representar o nosso país no Congresso Internacional de Ensino Técnico Profissional. (Jornal do Brasil, 1936)

Em edições do Jornal do Brasil e do Diário de Notícias do Rio de Janeiro é noticiada a participação dele em diversos eventos como debates na Associação Brasileira de Educação, a I Conferência Nacional de Educação, a II Reunião dos Diretores do Ensino Industrial promovida pela CBAI, o II Congresso Brasileiro de Educação, a I Mesa Redonda Brasileira de Educação Industrial, uma ação conjunta da Diretoria do Ensino Industrial e da CBAI, a Conferência Internacional do Trabalho em Genebra e a III Conferência Ibero-Americana de Educação. Em muitos deles esteve representando o Ministério da Educação ou até mesmo o Brasil.

Também faz parte da sua trajetória a escrita sobre o Ensino Industrial, como revela a sua obra de 1949 com o título "Ensino Industrial", publicada pelo Ministério da Educação e Saúde Pública juntamente com a CBAI, onde ele discorre sobre a importância e o preconceito recaído

sobre o trabalho manual, da saúde física e mental, sobre a “velha pedagogia”, educação literária e educação científica, as dificuldades enfrentadas no período, entre outros assuntos pertinentes ao Ensino Industrial (MONTUJOS, 1949).

Em 1939, após a volta da Conferência Internacional do Trabalho em Genebra foi publicado trecho da exposição de Montujos na Comissão Interministerial de Educação e Trabalho, “encarregada de regulamentar os cursos profissionais nas fábricas” Na ocasião, ele falou sobre a “História e evolução do ensino industrial”. A pesquisa nos jornais também traz informações sobre o trabalho realizado por Montujos de escrita de pareceres sobre o Ensino Industrial no Brasil.

Sobre as redes de sociabilidade, Sirinelli (2003) afirma que essas constituem espécies de “microclimas” onde os intelectuais envolvidos apresentam traços específicos e se interpenetram o afetivo e o ideológico (2003, p. 252) e onde encontramos “mecanismos de capilaridade” (2003, p. 246). No entanto, é preciso que nos atentemos não só para o que é interno dessas redes, mas para o que é produto delas. Ou seja, a influência desses intelectuais na cultura política da sua sociedade, mais especificamente, sobre a influência das ideias promulgadas e debatidas por esses sujeitos. Para o autor é preciso “analisar, de um lado, sua influência sobre os sobressaltos da comunidade nacional, e de outro, mais amplamente, sua assimilação - ou não - pela cultura política da época” (SIRINELLI, 2003, p. 259).

De acordo com a trajetória percorrida por Francisco Montujos é possível perceber a sua presença em diferentes grupos e espaços e a influência dele nesses ambientes, assim como os mesmos também o influenciavam. Um dos espaços do qual Montujos era muito próximo era a Escola Normal Wenceslau Braz. Mesmo depois da sua saída da

diretoria as suas visitas à instituição eram recorrentes e constantemente anunciadas nos jornais. O Diretor do Ensino Industrial tinha presença quase sempre confirmada nas refeições de grau e outros eventos da escola.

As visitas e reuniões no Gabinete do Ministro de Educação também eram frequentes. O que demonstra a sua proximidade com Gustavo Capanema. De igual forma, Montojos visitou Valdemar Falcão, titular da pasta do Ministério do Trabalho, em agosto de 1939 para noticiar sobre a Conferência Internacional do Trabalho de Genebra. No ano de 1939, jornais como A Batalha publicam que Montojos apresentou em reunião da Comissão Interministerial da Educação e do Trabalho os resultados da Conferência Internacional do Trabalho da qual participou em Genebra como conselheiro técnico. No cenário político, a sua rede de relações não se restringia aos ministros, também foram noticiadas duas visitas ao Presidente Getúlio Vargas. A primeira no ano de 1936 após retorno do VI Congresso do Ensino Técnico realizado em Roma e a segunda em 1937 para agradecer a nomeação como Diretor do Ensino Industrial, noticiada pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro.

Enquanto superintendente e diretor do Ensino Industrial, Montojos também esteve muito próximo das escolas. Ele realizava continuamente visitas e inspeções nas Escolas Técnicas. Realizou, inclusive, uma visita ao Liceu Industrial em 1940, acompanhando o Ministro Gustavo Capanema. Ambos retornam a essa instituição no ano de 1942, para a inauguração da Escola Técnica Nacional.

O seu prestígio era observado também nas relações internacionais. Em janeiro de 1942, Montojos recebeu 26 professores suíços contratados pelo Ministério de Educação e Saúde Pública para atuarem no ensino técnico. Em 16 de maio de 1942, “O Jornal” publica notícia sobre

correspondência recebida por Montojos do chefe da Seção das Condições do Trabalho, do Emprego e das Migrações do Bureau da Organização Internacional do Trabalho em Montreal na qual informa que a Lei Orgânica do Ensino Industrial será publicada em uma próxima edição da Revista Internacional do Trabalho. O chefe da seção, P. Waelbroesk, mencionou na referida carta que foi a partir da Conferência Internacional do Trabalho, de 1939, que passou a acompanhar as iniciativas do Brasil no Campo do Ensino Profissional.

O engenheiro também realizava viagens oficiais para o exterior, a exemplo das duas viagens para os EUA, uma em 1943 e outra em 1945. Ambas tinham o objetivo de conhecer as escolas técnicas estadunidenses e manter relações com o governo americano. É importante salientar que o acordo que deu origem a CBAI, foi realizado em 1946, após essas duas viagens.

Como diretor da Divisão do Ensino Industrial junto ao Ministério da Educação e Saúde Pública, Montojos ainda participava de reuniões semestrais do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). Chegando, inclusive, a fazer parte do Conselho Nacional do SENAI.

Foi assumindo cargos relativos ao ensino industrial que Montojos tornou-se conhecido como autoridade em assuntos referentes ao ensino industrial, sendo no Ministério da Educação o nome presente nas comissões, eventos e textos destinados aos assuntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar a história do Ensino Industrial é comum dar maior relevância aos acontecimentos pós 1930, os quais não podem deixar de ser considerados como relevantes e transformadores desse ramo da

educação. Embora não se possa também deixar de salientar a dimensão do Serviço de Remodelação do Ensino Técnico em 1920. Pois o mesmo dá origem ao Serviço de Inspeção do Ensino Técnico, que depois de se tornar permanente converte-se em Inspetoria do Ensino Industrial. E é a Inspetoria que lança as bases para a criação da Superintendência e posteriormente da Divisão do Ensino Industrial.

O intelectual Francisco Montojos perpassa do mesmo modo esses espaços e é influenciado por eles que determinam a sua trajetória assim como as sociabilidades estabelecidas. É o trabalho de Montojos nesses órgãos governamentais com ênfase no ensino profissional que determinam a sua atuação não apenas como engenheiros, mas principalmente como engenheiro educador.

É a partir da sua filiação a essa geração de engenheiros educadores que podemos considerá-lo como um intelectual, segundo a concepção de Sirinelli (2003) a medida que atua como criador e mediador cultural, fazendo parte de uma geração, construindo uma trajetória e estabelecendo redes de sociabilidades.

Dessa forma, destacamos a figura de Francisco Montojos como um intelectual do ensino industrial conforme observamos a sua pertinência e significância nos órgãos governamentais, na Escola Normal Wenceslau Braz, nas Escolas Técnicas, nas comissões, mas também juntos aos industrialistas como demonstra a sua atuação no SENAI e também nas relações internacionais, a exemplo da CBAI e das viagens oficiais.

REFERÊNCIAS

- ClAVATTA, M. A historicidade da pesquisa em Educação Profissional: questões teórico-metodológicas. In **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da Educação Profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 32-53.

- CIAVATTA, M. Trabalho-Educação: uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 32, p. 132-149, jan.-abr., 2019.
- FONSECA, C. S.. **História do ensino industrial**. Rio de Janeiro: Escola Técnica Nacional, 1961.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LUCAS, M. K. P. **O Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio e a expansão do Ensino Profissional (1909-1930)**. 2021. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- MONTOJOS, F. **Ensino Industrial**. Rio de Janeiro: MES/Cbai, v. 5, 1949.
- PEDROSA, J. G.; SANTOS, O. G.. A atuação de Francisco Montojos na constituição e na instituição do novo ensino industrial brasileiro (1394-1942). **Educação & Tecnologia**, n. 13, 2015.
- RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação? **Educar em Revista**, n.18, pp.13-28, jul./dez. 2001.
- RÉMOND, R. **Por uma história política**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- SIRINELLI, J. Os Intelectuais. In: REMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org